



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Gestão

Projeto de Criação da “Rota do Granito” no âmbito da Liga dos Amigos de Alpedrinha

Marília Miguel Hilário

Orientador:

Dr. Pedro Manuel Rodrigues de Carvalho

Projeto Aplicado apresentado à Escola Superior de Gestão do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão de Empresas, realizado sob a orientação científica do Professor Coordenador Doutor Pedro Manuel Rodrigues de Carvalho, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Maio/2013

Composição do Júri

Presidente do júri

Doutora, Sara Margarida Isidoro Frade de Brito Filipe
Professora Adjunta, Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vogais

Doutor, João Carlos Correia Leitão (Arguente)
Professor Auxiliar, Universidade da Beira Interior

Doutor, Pedro Manuel Rodrigues Carvalho
Professor Coordenador, Instituto Politécnico de Castelo Branco

Aos meus Pais,
que sempre me deram asas para voar e liberdade
para me responsabilizar pelos meus erros.

Agradecimento

Este trabalho não representa apenas o resultado de um ciclo de estudos, representa anos a aprender com as pessoas que foram fazendo parte da minha vida e que me ensinaram mesmo quando não era esse o objetivo. Este é o resultado dos valores que fazem parte do meu ser e que me foram transmitidos pela família, pelos amigos, pelas pessoas que fizeram parte do meu percurso e que não me deixam esquecer quem sou nem de onde venho, para que assim saiba sempre para onde quero ir.

Seria impossível agradecer a todas as pessoas e entidades que contribuíram para que este trabalho exista e seria injusto agradecer apenas às pessoas que contribuíram para ele de alguma forma no último ano.

Aproveito também para pedir desculpa a todos os que possam ter sido “prejudicados” de alguma forma com as correrias do último ano.

Assim, agradeço a todas as pessoas, entidades e momentos que fizeram com que eu seja como sou, porque de outra forma não teria optado por este tipo de trabalho.

Bem-hajam

Resumo

Este projeto tem como objetivo principal apresentar uma proposta para revitalizar a Liga dos Amigos de Alpedrinha e perspetivar-lhe um futuro através da colaboração com outras entidades e pessoas para que todos possam beneficiar de um projeto comum. Usar os recursos da associação e da vila de Alpedrinha para criar uma medida que vai de encontro ao que o PENT define como um dos produtos em que Portugal deve apostar, Touring Cultural e Paisagístico, para criar uma Rota Turística que aproveite não só os pontos fortes da associação como também os da vila de Alpedrinha, da Serra da Gardunha e de Castelo Novo é o que se pretende com a criação da “Rota do Granito”. Pretende-se, então, criar um Projeto Aplicado que defina o processo a seguir para criar uma rota turística que ajude a promover e desenvolver a Liga dos Amigos de Alpedrinha e todas as entidades envolvidas.

Para realizar este trabalho optou-se por uma metodologia de projeto, porque é uma metodologia que é flexível nos métodos de investigação a aplicar. Tendo em conta as características da metodologia foi possível, no decurso da realização do trabalho realizar trabalho de campo, fazer levantamento fotográfico e entrevistar algumas pessoas de mais idade que assistiram à criação da associação e que testemunharam o seu desenvolvimento.

Com este projeto, o que se pretende além da valorização da associação é criar uma estratégia comum que envolva várias entidades de Alpedrinha para que trabalhem em conjunto. Pretende-se ainda que o projeto possibilite o aumento do número de artesãos e das vendas de artesanato, para que as gerações vindouras possam manter uma ligação mais estreita com as suas origens e beneficiem de um projeto delineado para aproveitar os recursos existentes, mas de forma a assegurar a sua conservação.

Palavras-Chave

Rota Turística, Turismo Cultural, Serra da Gardunha, Projetos de Rotas

Abstract

The principal objective of this project is the presentation of a proposal to revitalize the League of Friends of Alpedrinha and promote its future through the collaboration of other organizations and individuals so that all may benefit from a common project. What is intended with the establishment of the "Granite Route" is to use the resources of the Association and of the village of Alpedrinha, to create a measurement which meets what PENT defines as one of the commodities in which Portugal must venture, Cultural and Landscape Touring, and to create a touristic route that benefits not only from the strong aspects of the Association, but as well as from those of the village of Alpedrinha, of Serra Gardunha and of Castelo Novo. Therefore, the intention is to create an Applied Project that defines the process to be followed in order to create a touristic route that will help to promote and develop the League of Friends of Alpedrinha and all concerned entities.

To accomplish this study we chose a project methodology, because it is a flexible procedure in the research methods to be applied. Taking into account the characteristics of the methodology it was possible during the course the research to accomplish fieldwork, to do photographic survey, and to interview some older individuals who were present in the establishment of the Association and witnessed its development.

With this project what is intended, in addition to the valorisation of the Association is to create a common strategy that includes several entities from Alpedrinha to work in cooperation. It is also expected that the project will facilitate the increase of the number of artisans and craft sales, so that future generations can maintain a closer bond with their origins and benefit from a project designed to take advantage of the existing resources, but to ensure its preservation.

Keywords

Tourist Route, Cultural Tourism, Serra da Gardunha, Projects Routes

Índice Geral

AGRADECIMENTO	IV
RESUMO	V
ABSTRACT	VI
ÍNDICE DE FIGURAS	IX
ÍNDICE DE QUADROS	XI
ÍNDICE DE GRÁFICOS	XII
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS	XIII
INTRODUÇÃO	1
PARTE I – ANÁLISE TEÓRICA.....	7
CAPÍTULO 1. ENQUADRAMENTO DO PROBLEMA E CONCEITOS ÚTEIS	9
1.1.O terceiro setor	9
1.2.O Associativismo	10
1.3.Associações Sem Fins Lucrativos	13
1.4.Voluntariado	16
1.5.O Conceito de Projeto	19
1.6.Turismo	21
1.6.1. O Turismo em Portugal.....	24
1.6.2. Turismo Cultural e de Natureza.....	27
1.6.3. Conceitos utilizados em Turismo	29
1.7. Pedestrianismo.....	30
1.8. Rota Turística	31
1.8.1. Fases da organização de uma Rota Turística	33
1.8.2. Rotas Turísticas Nacionais e Internacionais.....	34
CAPÍTULO 2. ENTIDADE PROMOTORA.....	37
2.1. Liga dos Amigos de Alpedrinha	37
2.2. Missão	42
2.3. Órgãos Sociais	42
2.4. Atividades e Recursos.....	45
2.5. Análise SWOT	51
PARTE II – PROJETO DE CRIAÇÃO DA ROTA DO GRANITO	55
CAPÍTULO 3. CARATERIZAÇÃO DO MEIO ENVOLVENTE	57
3.1. A Região da Beira Baixa	57
3.2. O Concelho do Fundão	58

3.3. Afluência Turística no Concelho do Fundão	72
CAPÍTULO 4. CONCEÇÃO DA ROTA DO GRANITO	77
4.1. Apresentação dos recursos associados ao percurso	77
4.2. Definição do percurso da Rota do Granito.....	82
4.3. Ações Previstas.....	84
4.3.1. Fase A – Castelo Novo	84
4.3.2. Fase B – Percurso pela Serra da Gardunha.....	87
4.3.3. Fase C – Museus da Vila de Alpedrinha	92
4.4. Principais Públicos-alvo.....	105
4.5. Apresentação dos Parceiros.....	110
4.6. Cronograma da Implementação da Rota do Granito.....	114
4.7. Previsão dos Resultados de Exploração	115
4.8. Divulgação e Promoção da Rota do Granito.....	121
4.8.1. Proposta para Logótipo	121
4.8.2. Propostas de Divulgação e Promoção	121
4.9. Apresentação da Estrutura para Websites	122
4.9.1. Website da Liga dos Amigos de Alpedrinha.....	122
4.9.2. Website da Rota do Granito	124
CONCLUSÃO.....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
ANEXOS	137

Índice de Figuras

FIGURA 1: RESULTS NOW MODEL.....	21
FIGURA 2: ATRATIVIDADE DA REGIÃO CENTRO POR TIPO DE TURISMO.....	24
FIGURA 3: SINALIZAÇÃO UTILIZADA EM GR E PR	31
FIGURA 4: TIPOS DE PROGRAMAS TURÍSTICOS E CARATERÍSTICAS PRINCIPAIS.....	32
FIGURA 5: IMAGENS DA FACHADA DA SEDE DA LIGA DOS AMIGOS DE ALPEDRINHA.....	39
FIGURA 6: LOGÓTIPO DA LIGA DOS AMIGOS DE ALPEDRINHA.....	40
FIGURA 7: ENTRADA E APLICAÇÃO DOS RECURSOS	47
FIGURA 8: MAPA DA BEIRA BAIXA.....	57
FIGURA 9: IMAGENS DA SERRA DA GARDUNHA	59
FIGURA 10: MAPA DOS ACESSOS A ALPEDRINHA	60
FIGURA 11: BRASÃO DA VILA DE ALPEDRINHA	61
FIGURA 12: IMAGENS DA CALÇADA ROMANA DE ALPEDRINHA.....	61
FIGURA 13: IMAGENS DO PALÁCIO DO PICADEIRO ANTES E DEPOIS DO RESTAURO E BRASÃO DA FAMÍLIA SARAFANA	62
FIGURA 14: IMAGEM DA IGREJA MATRIZ	63
FIGURA 15: IGREJA DA MISERICÓRDIA, CRUZEIRO E IMAGEM DA N.ª SR.ª DO SOCORRO	64
FIGURA 16: CAPELA DO ESPÍRITO SANTO	64
FIGURA 17: CAPELA DE SANTO ANTÓNIO	65
FIGURA 18: IMAGENS DO EXTERIOR E INTERIOR DA CAPELA DE SANTA CATARINA.....	66
FIGURA 19: CAPELA DE S. SEBASTIÃO	67
FIGURA 20: IMAGENS DA FONTE DO PÁTEO	67
FIGURA 21: IMAGENS DO CHAFARIZ D. JOÃO V	68
FIGURA 22: PELOURINHO DE ALPEDRINHA.....	69
FIGURA 23: IMAGENS DA CASA DO PÁTEO	70
FIGURA 24: CASA DA COMENDA E GUARITA DO MURO DE PROTEÇÃO	71
FIGURA 25: CASA DO BARREIRO	71
FIGURA 26: EDIFÍCIOS DAS TERMAS DA TOUCA	72
FIGURA 27: ATIVIDADES DE LAZER PRATICADAS PELOS TURISTAS EM PORTUGAL	82
FIGURA 28: MAPA GERAL DA ROTA DO GRANITO E IDENTIFICAÇÃO DAS FASES.....	83
FIGURA 29: PLANTA DA ALDEIA HISTÓRICA DE CASTELO NOVO.....	85
FIGURA 30: EXEMPLO DE PAINEL INFORMATIVO	85
FIGURA 31: IMAGENS DO NÚCLEO MUSEOLÓGICO: MOEDAS, UTENSÍLIOS E UMA PEDRA ORNAMENTADA.....	86
FIGURA 32: EXEMPLO DE PAINEL INFORMATIVO (ENQUADRA-SE PERFEITAMENTE NO MEIO ENVOLVENTE).....	86
FIGURA 33: IMAGENS DO CAMINHO DE ACESSO À CALÇADA E DA CALÇADA ROMANA	86
FIGURA 34: MAPA DO PERCURSO A REALIZAR PELA SERRA DA GARDUNHA (FASE B)	87
FIGURA 35: EXEMPLOS DE SINALIZAÇÃO DE ROTAS (A INDICAR A DIREÇÃO A SEGUIR E A INDICAR QUE O CAMINHO É O CORRETO. 88	
FIGURA 36: IMAGENS DE VÁRIOS PONTOS DO PERCURSO PELA SERRA DA GARDUNHA.....	88

FIGURA 37: IMAGENS DAS ANTENAS E DA VISTA QUE SE PODE APRECIAR.....	90
FIGURA 38: IMAGENS DE VÁRIOS PONTOS QUE PRECISAM DE SINALIZAÇÃO	90
FIGURA 39: IMAGENS DE PONTOS DA CALÇADA ROMANA QUE SE ENCONTRAM COM EXCESSO DE VEGETAÇÃO E COM PEDRAS SOTERRADAS	91
FIGURA 40: LARGO JUNTO AO PALÁCIO DO PICADEIRO E À CAPELA DE S. SEBASTIÃO.....	91
FIGURA 41: IMAGENS DAS VISTAS QUE HÁ NA SERRA DA GARDUNHA	91
FIGURA 42: PLANTA DE ALPEDRINHA COM DESTAQUE PARA OS MUSEUS	92
FIGURA 43: COORDENADAS NO PALÁCIO DO PICADEIRO.....	94
FIGURA 44: IMAGENS DE ALGUMAS PEÇAS DO MUSEU DE ARTE SACRA	95
FIGURA 45: FOTOGRAFIAS DE ANTÓNIO OSÓRIO DE SÁ E PRAZERES DA CONCEIÇÃO OSÓRIO DE SÁ	96
FIGURA 46: IMAGENS DO JARDIM ANTES E DURANTE O SEMEAR DA RELVA, ESCADAS E CASA DE BANHO ANTES E DEPOIS DAS OBRAS	97
FIGURA 47: IMAGENS DA FACHADA PRINCIPAL DA CASA DA MÚSICA	97
FIGURA 48: VISTA SUPERIOR DA CASA E DO JARDIM E TRANSFORMAÇÃO DA ANTIGA CAVALARIÇA EM SALA DE CONVÍVIO	98
FIGURA 49: NOVAS UTILIZAÇÕES PARA AS DIVISÕES AO NÍVEL DO RÉ-DO-CHÃO	99
FIGURA 50: NOVAS UTILIZAÇÕES PARA AS DIVISÕES AO NÍVEL DO 1º E 2º PISO	100
FIGURA 51: IMAGENS DE ALGUM ESPÓLIO DO MUSEU ETNOGRÁFICO.....	101
FIGURA 52: EXEMPLOS DE VITRINAS QUE PODEM PROTEGER E DAR MAIS VISIBILIDADE AO ESPÓLIO.....	102
FIGURA 53: IMAGENS DE TRÊS MÓVEIS DO MUSEU DE EMBUTIDOS.....	103
FIGURA 54: APARADOR ALUSIVO AOS LUSÍADAS.....	104
FIGURA 55: PAÍSES DE ORIGEM DOS TURISTAS ESTRANGEIROS.....	106
FIGURA 56: CARATERÍSTICAS DAS PESSOAS QUE TESTARAM O PERCURSO PELA SERRA DA GARDUNHA E DIFICULDADES SENTIDAS	107
FIGURA 57: IMAGENS DE ALGUMAS ESPÉCIES DE AVES DA SERRA DA GARDUNHA (PAPA-AMORAS, SOMBRIA, ÁGUIA CALÇADA, ABELHARUCO, POUPA E ESTRELINHA-DE-CABEÇA-LISTADA	108
FIGURA 58: ALGUMAS PLANTAS E ARBUSTOS DA SERRA DA GARDUNHA.....	109
FIGURA 59: <i>ASPHODELUS BENTO-RAINHA</i>	109
FIGURA 60: IMAGENS DE FORMAÇÕES ROCHOSAS DA SERRA DA GARDUNHA	110
FIGURA 61: MAPA DAS PARCERIAS A ESTABELECEER.....	111
FIGURA 62: FRASCO DE GELEIA	113
FIGURA 63: LOGÓTIPO PROPOSTO PARA A ROTA DO GRANITO	121
FIGURA 64: PROPOSTA DE <i>WEBSITE</i> PARA A LAA.....	123
FIGURA 65: PROPOSTA DE <i>WEBSITE</i> PARA A ROTA DO GRANITO	125
FIGURA 66: FICHA TÉCNICA DA ROTA DO GRANITO	127
FIGURA 67: FOTOGRAFIA DE SÓCIOS DA LAA	138

Índice de Quadros

QUADRO 1: BENEFÍCIOS QUE PODEM SER ALCANÇADOS ATRAVÉS DO VOLUNTARIADO	18
QUADRO 2: TIPOS DE TURISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS	22
QUADRO 3: ROTAS TURÍSTICAS	36
QUADRO 4: ANÁLISE SWOT DA LIGA DOS AMIGOS DE ALPEDRINHA.....	53
QUADRO 5: CLASSIFICAÇÃO DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA VILA DE ALPEDRINHA	79
QUADRO 6: ANÁLISE SWOT DA SERRA DA GARDUNHA.....	89
QUADRO 7: ANÁLISE SWOT DA VILA DE ALPEDRINHA	93
QUADRO 8: PÚBLICO-ALVO DEFINIDO PARA A ROTA DO GRANITO	108
QUADRO 9: CRONOGRAMA DAS AÇÕES A IMPLEMENTAR.....	114
QUADRO 10: MAPA DE INVESTIMENTO.....	117
QUADRO 11: PREVISÃO DE VENDAS DE 2014 A 2019	118
QUADRO 12: FORNECIMENTO DE SERVIÇOS EXTERNOS	119
QUADRO 13: CUSTO DAS MERCADORIAS VENDIDAS	119
QUADRO 14: PREVISÃO DOS RESULTADOS DE EXPLORAÇÃO	120
QUADRO 15: RESULTADOS ESPERADOS E PREVISÃO DE TEMPO NECESSÁRIO PARA OS ALCANÇAR	131
QUADRO 16: FASES DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	132

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1: DISTRIBUIÇÃO DOS ASSOCIADOS E DIRIGENTES DAS ASSOCIAÇÕES INQUIRIDAS POR GÉNERO	44
GRÁFICO 2: DISTRIBUIÇÃO DOS ASSOCIADOS E DIRIGENTES DA LIGA DOS AMIGOS DE ALPEDRINHA POR GÉNERO.....	44
GRÁFICO 3: EVOLUÇÃO DOS SUBSÍDIOS E DAS INICIATIVAS PRÓPRIAS NA LIGA DOS AMIGOS DE ALPEDRINHA DE 2000 A 2012 .	49
GRÁFICO 4: EVOLUÇÃO DAS ANGARIAÇÕES DA LIGA DOS AMIGOS DE ALPEDRINHA DE 2000 A 2012	50
GRÁFICO 5: REPRESENTAÇÃO DOS SUBSÍDIOS NA RECEITA TOTAL	50
GRÁFICO 6: NÚMERO DE VISITANTES DOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS POR CENTRO DE VISITANTE	73
GRÁFICO 7: NÚMERO DE VISITANTES NO ANO DE 2010 NOS TRÊS CENTROS DO VISITANTE	73
GRÁFICO 8: NÚMERO DE VISITANTES NO ANO DE 2011 NOS TRÊS CENTROS DO VISITANTE	74
GRÁFICO 9: NÚMERO DE VISITANTES NO ANO DE 2012 NOS TRÊS CENTROS DO VISITANTE	75
GRÁFICO 10: AFLUÊNCIA TURÍSTICA DE ACORDO COM OS PROGRAMAS DE 2012.....	75

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

Abreviatura	Significado
CRP	Constituição da República Portuguesa
DOPQV	Divisão do Ordenamento, Planeamento e Qualidade de Vida
FCMP	Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal
FNAT	Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho
GAL	Grupos de Ação Local
GR	Grande Rota
IAPMEI	Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação
ICOM	Conselho Internacional de Museus
IDS	Instituto para o Desenvolvimento Social
IEFP	Instituto do Emprego e Formação Profissional
Igespar	Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico
INPI	Instituto Nacional de Propriedade Industrial
IPDJ	Instituto Português do Desporto e da Juventude
PIB	Produto Interno Bruto
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
OMC/WTO	Organização Mundial de Comércio
OMT	Organização Mundial de Turismo
OSFL	Organização sem Fins Lucrativos
PENT	Plano Estratégico Nacional do Turismo
PL	Percurso Local
PORC	Programa Operacional Regional
PR	Pequena Rota
PRODER	Programa de Desenvolvimento Rural do Continente
RUDE	Associação de Desenvolvimento Rural
VAB	Valor Acrescentado Bruto

Introdução

Em todos os meios de comunicação se ouvem ou veem diariamente notícias relacionadas com a crise económica: cortes salariais, aumento de impostos, criação de novas taxas, são expressões repetidas com tanta frequência que passaram a fazer parte do vocabulário diário utilizado em Portugal, na Europa e talvez em quase todo o mundo. Todos se mostram preocupados com as suas despesas, as suas necessidades, os seus problemas, a sua própria crise económica. Mas existem locais quase esquecidos pelo poder político e pela maioria das pessoas, locais em que a crise vai muito mais além da crise económica. Nesses locais a crise económica é cada vez maior, mas também o é a crise de sócios, de apoio moral, de compreensão, de dedicação, de recursos materiais e humanos. Fala-se das Associações sem fins lucrativos que sobrevivem devido à teimosia de uns e à determinação de outros e que dependem do apoio de todos.

Conseguir que uma associação sem fins lucrativos tenha futuro não depende apenas dos órgãos sociais, depende de todos, porque este tipo de associação é um registo do passado, da história e da cultura, mas não significa que se deva manter no passado. Têm de ser encontradas soluções para que as associações sem fins lucrativos avancem e não dependam da caridade dos que as rodeiam, soluções que permitam que o trabalho investido pelos voluntários que delas fazem parte possa gerar receitas. Aproveitar o potencial endógeno da zona que envolve a associação pode resultar num projeto que assegure o seu futuro.

É fundamental criar soluções para proteger e desenvolver estas associações, para as transformar em associações autossuficientes ou corre-se o risco de elas desaparecerem provocando uma nova crise, uma crise de identidade cultural, já que esta é protegida e divulgada pelas associações sem fins lucrativos de carácter cultural. É neste contexto que surge o presente trabalho visando identificar propostas de solução para este problema e em particular para uma destas associações, a Liga dos Amigos de Alpedrinha (LAA).

Escolher um trabalho para a finalização do Mestrado em Gestão de Empresas da Escola Superior de Gestão (ESG) do Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB) não é uma decisão fácil, tendo em conta a grande diversidade de temas interessantes que podem existir. Mas este, não é apenas mais um trabalho no percurso académico, pelo que a decisão deve ser bem pensada, aliando o conhecimento adquirido durante o Mestrado, às experiências e interesses pessoais de modo a criar um trabalho interessante e útil. Foram estes os motivos que levaram à escolha de um Projeto Aplicado para a Liga dos Amigos de Alpedrinha, devido ao envolvimento que existe desde há oito anos com a associação, existindo um conhecimento profundo de quais os problemas que enfrenta e quais as suas necessidades e também pelo desejo pessoal de fazer parte não apenas do presente, mas também do futuro da associação.

O que se pretende ao longo deste Projeto Aplicado é delinear um projeto para a criação de uma rota turística a implementar pela Liga dos Amigos de Alpedrinha.

Objetivos

Este Projeto Aplicado tem como objetivos principais:

- ◆ Definir as várias fases necessárias para a Liga dos Amigos de Alpedrinha criar e implementar a Rota do Granito;
- ◆ Transformar a rota numa mais-valia para a associação, permitindo angariar fundos que permitam proteger o espólio cultural e histórico;
- ◆ Aumentar a notoriedade da associação e das entidades que farão parte da rota, de modo a atrair a atenção das entidades públicas.

Além dos objetivos principais foram ainda definidos os objetivos específicos que se pretendem alcançar neste projeto aplicado:

- ◆ Identificar o percurso da rota turística;
- ◆ Caracterizar a região, o concelho e as freguesias incluídas no percurso da rota;
- ◆ Identificar o potencial de cada uma das entidades envolvidas na rota;
- ◆ Analisar possíveis formas de divulgar e promover a rota.

Organização do Projeto Aplicado

Este Projeto Aplicado encontra-se dividido em duas partes principais: A Análise Teórica e o Projeto de Criação da Rota do Granito. Antes da primeira parte é feita uma introdução ao projeto que inclui as razões que levaram a optar por este projeto aplicado especificamente, os objetivos que se pretendem alcançar com ele, a forma como está organizado e a metodologia necessária para o realizar.

A primeira parte engloba os capítulos do Enquadramento Teórico e da Entidade Promotora. No primeiro capítulo são apresentados vários conceitos que se consideram fundamentais para a compreensão do projeto em si, como o conceito de associação, de voluntariado, turismo, entre outros. O segundo capítulo da primeira parte apresenta a Entidade Promotora do Projeto Aplicado, a Liga dos Amigos de Alpedrinha, associação sem fins lucrativos, começando com a apresentação dum resumo do historial da associação desde a sua fundação em 1950, seguindo-se uma abordagem ao que caracteriza a associação atualmente, quais os seus recursos e as suas necessidades.

A segunda parte encontra-se também dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo desta segunda parte apresenta uma caracterização do Meio Envolvente da

associação, nomeadamente a região da Beira Baixa e o concelho do Fundão e apresenta, ainda, as características da afluência turística do concelho do Fundão, em especial da aldeia histórica de Castelo Novo e da vila de Alpedrinha, localidades onde se pretende criar a rota turística. O segundo capítulo aborda a conceção da Rota do Granito, começando por apresentar os vários recursos que estão associados ao percurso e a definição do percurso para a Rota do Granito. Neste capítulo são apresentadas as várias ações necessárias para a implementação da rota, considerada como a 1ª Fase e também algumas ações definidas para a 2ª Fase, que serão realizadas num período posterior à implementação da rota e com os recursos financeiros originados por esta. O último capítulo deste projeto aplicado define, também, outros pontos-chave para a implementação da rota turística, como o público-alvo, os parceiros que se consideram importantes para o seu sucesso, o cronograma de implementação, uma primeira previsão dos resultados de exploração e proposta para o logótipo e para a sua divulgação e promoção.

No final do Projeto Aplicado é apresentada a conclusão, onde são expostas as ideias finais do projeto, o carácter inovador que possui e alguns resultados que se espera alcançar com a implementação da Rota do Granito.

Fundamentação Metodológica

Para realizar este Projeto Aplicado foi necessário decidir que metodologia deveria ser seguida.

De acordo com Ruivo *et al.* (2010) o projeto já é em si mesmo uma metodologia, pelo que se deve seguir uma Metodologia de Projeto. Para Boutinet (1996) numerosos indivíduos levam um modo de vida que se pode qualificar como tradicional, existe uma preocupação em manter os valores do passado mas sem interesse no futuro, existe inércia. Esta falta de interesse no que está para vir impede os indivíduos de antecipar, levando à inexistência de projeto. Esta é a realidade de muitas associações culturais que no seu ímpeto pela proteção do passado esquecem-se de antecipar o futuro e não realizam qualquer projeto para solucionar os problemas que as afetam. Esta inércia também está muitas vezes relacionada com o medo de que a tecnologia, a modernidade, afetem de alguma forma os valores e o espólio que tentam proteger. Boutinet (1996) considera necessário apreender o fio condutor invisível que permite passar da sociedade tradicional para a tecnológica e vice-versa, obtendo assim o melhor das duas sociedades. O termo projeto surgiu durante o século XV e tinha um significado essencialmente espacial de «lançado à frente», que se aplicava por exemplo aos balcões sobre a fachada duma casa (Boutinet, 1996). De acordo com o mesmo autor é apenas em meados do séc. XX que a palavra projeto passa a ter uma conotação de «ideia», «perspetiva». Assim, o que se pretendeu ao criar este Projeto Aplicado foi traçar agora (no presente) um projeto para aplicar no futuro, mas que não deixa de ser influenciado pelo presente.

A Metodologia de Projeto visa o desenvolvimento da capacidade dos grupos sociais para definirem os seus objetivos e os meios e modos de os concretizarem face a um futuro desejável (Guerra, 2000). Segundo a autora, pode definir-se como um conjunto de operações explícitas que permitem produzir uma representação antecipada de um processo de transformação do real. Sendo esta uma metodologia que pretende obter conhecimento e ao mesmo tempo alterar os contextos de ação, a autora classifica-a claramente como uma Metodologia de Investigação-Ação. De acordo com Guerra (2000), a Investigação-Ação tem como elemento fulcral a relação entre o investigador e o seu objeto de estudo, tendo em vista a mudança duma situação que existe para outra que se deseja. Apresenta também as características principais desta metodologia: não é um processo pontual, logo influencia o percurso todo da investigação; o ponto de partida não é uma teoria e um quadro de hipóteses, mas sim uma situação, um problema, uma prática real e concreta; o objetivo não é fundamentalmente o aumento do conhecimento, mas a resolução de problemas, logo interessa mais o processo de mudança social exigido por esta metodologia do que o resultado dela; o investigador não é simplesmente um observador, mas sim um apoiante dos sujeitos implicados na ação. Resumindo, esta Metodologia de Investigação-Ação permite em simultâneo a produção de conhecimentos sobre a realidade, a inovação da singularidade de cada caso, a produção de mudanças sociais e a formação de competências dos intervenientes (Guerra, 2000).

A Investigação-Ação tem duas vertentes a Investigação para a Ação e a Investigação na/pela Ação. A Investigação para a Ação é desencadeada por alguém que tem necessidade de informações ou conhecimento sobre um problema com o propósito de agir sobre ele e de lhe encontrar uma solução (Esteves, 1986). A vertente que mais se adapta a este Projeto Aplicado é a Investigação na/pela Ação, porque é um processo coletivo que além de envolver os investigadores, envolve a sociedade ou parte dela no estudo. Isso é exatamente o que se pretende, envolver o investigador, a entidade promotora LAA (Corpos Diretivos e Sócios), as associações e as entidades parceiras e a comunidade em geral. Mesmo que o investigador já não esteja diretamente relacionado com a entidade promotora quando a implementação do projeto possa vir a ser aprovada pelos Corpos Diretivos da LAA, fará sempre parte do processo da sua implementação. As duas principais características da Investigação na/pela Ação, de acordo com Esteves (1986) são que tem um caráter complexo e que é um processo coletivo. Para o autor, o seu caráter complexo advém dos três objetivos que visa:

- Objetivos de investigação: produzir conhecimentos sobre a realidade;
- Objetivos de inovação: introduzir mudanças numa situação para alcançar a solução para os problemas identificados;
- Objetivos de formação de competências: desenvolvimento de um processo de aprendizagem social que envolve todos os participantes do projeto em função dos dois objetivos anteriores.

Outro aspeto que faz com que a Metodologia de Investigação-Ação seja adequada à criação deste projeto é que é uma metodologia flexível quanto ao método a aplicar, ou seja, permite inserir outro tipo de métodos que se revelem necessários no decurso da elaboração do mesmo. Esta metodologia possibilita a implementação do método mais adequado ou até a combinação de métodos diferentes.

Parte I – Análise Teórica

Capítulo 1. Enquadramento do Problema e Conceitos Úteis

Para que se possa realizar este Projeto Aplicado é fundamental realizar uma revisão bibliográfica em que se apresentem os conceitos úteis e importantes para a elaboração do trabalho. É, ainda, necessário definir o contexto em que se insere o problema que se pretende resolver, para que a implementação do projeto faça sentido e se perceba a solução que se definiu para a falta de recursos da LAA e a sua dependência dos subsídios.

1.1.O terceiro setor

O art.º 82 da CRP define os três setores de propriedade dos meios de produção, sendo o primeiro o setor público que pertence ao Estado e a outras entidades públicas, o segundo o setor privado e o terceiro o setor cooperativo e social onde se inserem as associações e organizações coletivas sem fins lucrativos. A OCDE (2003, tradução própria) define o terceiro setor como um setor entre o Estado e o mercado, promotor de missões económicas e sociais, que prosseguem o interesse público e cujo objectivo final não é a distribuição de lucro. Ou seja, este tipo de associações desenvolve as suas atividades de forma diferente do Estado e do setor privado.

O facto do terceiro setor não ter como objetivo principal o lucro não significa que não possa desenvolver atividades lucrativas, como referem Andrade e Franco (2007), se a organização passar por uma escassez de fundos, ou tiver um desejo de autonomização, pode optar por desenvolver atividades lucrativas em paralelo com atividades não lucrativas relacionadas com a missão. Para estes autores o importante é que os fundos conseguidos com as atividades lucrativas sejam aplicados para suportar os custos das atividades não lucrativas, mantendo assim como prioridade a missão da organização.

Devido à capacidade para mobilizar doações e trabalho voluntário, o que permite oferecer preços mais baixos, o terceiro setor mostra-se provavelmente mais eficiente que o setor público ou o privado (OCDE, 2000). Outra vantagem que este organismo reconhece às empresas sociais e que as transforma em mais competitivas é a maior facilidade que possuem para responder a vários desafios, como:

- Novos setores de atividade que normalmente não são lucrativos na fase inicial;
- Procura muito segmentada, centrada geograficamente, muito étnica e de comunidade, que não é adequadamente coberta por um fornecimento estandardizado;
- Orçamentos públicos reduzidos que levam à retirada do Estado de projetos coletivos de fins não lucrativos;

- Capacidade diversificada do setor não lucrativo para “coordenar” com o setor privado e para formar parcerias público/privadas a nível regional ou local para expandir ou sustentar as suas ações.

Segundo Carvalho (s. d.) o futuro passará pelo terceiro setor que tem cada vez maior peso nas economias, pois há uma crescente procura de bens e serviços fornecidos por entidades que não pertencem aos setores lucrativo e público, pelo que estas entidades irão ter um contributo importante na criação de emprego e na distribuição do rendimento.

1.2.O Associativismo

Associação é definida por Camacho (1994, p. 61) como “Reunião de várias pessoas para um fim em comum”. Segundo esta definição o ser humano associa-se desde a sua existência (como por exemplo quando os Homens da pré-história se reuniam para caçar). Contudo, a palavra em si começa a tomar importância na Europa por volta do século XIX. Goodolphim (1876) defende que o Homem não consegue satisfazer as suas necessidades sozinho, pelo que se deve associar com outros que partilhem os seus interesses. Defensor dos operários, o autor, acredita que a associação entre eles é a única forma de satisfazer as suas necessidades, pois não podem contar com mais ninguém.

Coelho (2010) também fala nas associações de forma profissional que são referenciadas no Evangelho de S. Lucas, mas defende um associativismo muito mais abrangente, não relacionado apenas com o ser humano trabalhador, mas também com o ser humano social. Este autor acredita que o associativismo no ser humano é um renunciar a atitudes egoístas e solitárias para construir um homem solidário e tribal, mais Humano. Para ele, o embrião do movimento associativo é a vontade antiga do ser humano de associar ideias, e ter iniciativas de cooperação de forma a atingir a concretização de interesses comuns, porque o Homem é um ser social e o associativismo é inerente a ele. Esta opinião vai de encontro à definição do Instituto para o Desenvolvimento Social (2001) que considera o associativismo como a expressão organizada da sociedade civil, já que apela à responsabilização e intervenção dos cidadãos em várias esferas da vida social e constitui um meio importante de exercer a cidadania. O associativismo deve reger-se pelos princípios da Liberdade, da Democracia “um associado, um voto” e da Solidariedade (é a cooperação desinteressada que permite alcançar os objetivos), (IDS, 2001).

Fung (2003, citado por Ferreira, 2008) considera que a existência das associações é a manifestação de um dos princípios fundamentais da democracia, a liberdade de

expressão. Para este autor as associações são espaços de socialização cívica, política e cultural¹.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos² (1948) refere no número 1 do art.º 20 que toda a pessoa tem direito à liberdade de reunião e de associação pacíficas. Apesar dos direitos atribuídos ao ser humano, continuam a existir muitos países que se opõe à formação de associações e que impõe restrições financeiras para impedir a sua formação, Coelho (2010), mas Portugal felizmente não é um desses casos como se pode constatar na Constituição da República Portuguesa (CRP). A CRP foi escrita em 1976 e inclui no número 1 do art.º 46 este direito universal do ser humano. No número seguinte deste artigo a CRP é mais específica e estabelece a liberdade das associações para prosseguirem os seus fins sem que as autoridades públicas interfiram e sem que possam ser dissolvidas pelo Estado. O número 3 do mesmo artigo leva a liberdade de associação a um nível mais elevado ao esclarecer que não se pode ser obrigado a fazer parte duma associação nem coagido para permanecer nela.

Em Portugal o associativismo teve a sua origem a partir do séc. XII com instituições ligadas à Igreja com utilidade caritativa para apoio de doentes, pobres, viúvas e órfãos. No séc. XIX surge outro tipo de associativismo relacionado principalmente com o mundo laboral e de forma a defender os direitos dos operários, Goodolphim (1876). Influenciada pela Revolução Industrial em Inglaterra e pela Revolução Francesa que apregoava os ideais “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, surgiu em Portugal a Revolução Liberal e as populações começaram a organizar-se para tentar reduzir a crise e as dificuldades que enfrentavam [Coelho (2010)], objetivos que lhes eram comuns. Foram, assim, surgindo muitas associações ligadas às profissões, como forma de os operários se ajudarem entre si e outras ligadas à Assistência Social que apoiavam os enfermos e os idosos. Durante o período do Estado Novo, constituído em 1933, surgem as FNAT e outro tipo de associações criadas para subordinar os trabalhadores e eliminar o associativismo de liberdade política, social, cultural e até económica, Coelho (2010). Depois do 25 de abril de 1974 surgem muitas associações novas e dá-se início a um novo período no associativismo, mas apesar dessa florescência pós Revolução de Abril, Portugal continua a ter um índice de associativismo muito baixo [(Coelho, 2010) estudo de 2002].

As associações de tipo cultural surgiram associadas aos movimentos operários no séc. XIX, mas dedicaram-se à atividade cultural relacionada com o teatro e a música, como é o caso [Artur Martins³] das bandas de música: Banda de Música de Santiago de Riba (1722), Banda Musical de Figueiredo (1741), Banda Musical do Pontido (1765), Sociedade Artística Musical Fafense (1770), Sociedade Filarmónica de Mões (1771), Banda Musical de Oliveira (1782), Banda Musical de Monção (1792) e a Sociedade dos

1 Referido em Associações e Democracia - Faz o Associativismo alguma diferença na cultura cívica dos jovens portugueses?

2 Diário da República Eletrónico

3 in Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto: Uma caracterização do associativismo confederado em Portugal, 2009

Artistas Lisbonenses (1838). Quanto ao teatro pode referir-se a título de curiosidade que o primeiro teatro do distrito de Castelo Branco chamava-se “Casa da Ópera” e foi fundado em 1839 na Vila de Alpedrinha, depois de várias sedes e de várias designações é atualmente o Teatro Clube de Alpedrinha (Motta, 1933) e celebra 120 anos de atividade ininterrupta em 2013.

De acordo com Augusto Flor³ o associativismo foi evoluindo ao longo do tempo quanto à forma de organização, funcionamento e resposta às necessidades das populações de modo a encontrar soluções para os problemas que individualmente não conseguiam resolver. Desta forma o associativismo acabou por resolver funções do Estado que não quiseram, não puderam ou não souberam resolver. Para o Professor Doutor Raul Iturra³ sem o associativismo não existiria Cultura, Recreio e Desporto em Portugal.

Também Coelho (2010, p. 17) vê o trabalho voluntário e economicamente desinteressado praticado nas associações como um fator essencial de desenvolvimento que complementa a ação do Estado e estabelece com ela uma parceria dinâmica. Para este autor:

“O Associativismo é particularmente favorável ao exercício da democracia, constituindo por isso um importante fator de construção de nova cidadania e definição de identidade local, e de grupo, para a integração social e expansão cultural, e para a integração social e expressão cultural no exterior do sistema economicista dominante.”

O associativismo assume-se como um fator importante para o ser humano porque ao fazer parte de uma associação participa ativamente no planeamento e na condução da sua própria vida (IDS, 2001). Ou seja, participar na resolução de problemas coletivos ajuda a pessoa a resolver os seus próprios conflitos e as suas próprias necessidades interiores. A palavra associativismo revela só por si a ideia de união, o que vem contrariar a sociedade atual que caminha cada vez mais para o individualismo, é assim que começa qualquer associação com a união das pessoas.

Existem vários tipos de associações, públicas, privadas, com ou sem fins lucrativos, desportivas, culturais, entre outros. De acordo com Ferreira (2008) esta diversidade nas finalidades e organização marca de forma diferenciada as atitudes cívicas dos seus associados, sendo que as desportivas se revelam menos eficazes na promoção do sentido das responsabilidades e obrigações coletivas.

Para Viegas (1986) as associações culturais populares materializam espaços privilegiados de uso e transformação dos códigos e símbolos gerados nas condições materiais de existência das diversas camadas populares.

No *site* do Município de Odemira⁴ o associativismo é descrito da seguinte forma:

“O associativismo, nas suas múltiplas expressões, e em especial as coletividades de cultura, desporto e recreio, constituem uma poderosa realidade social e cultural. Para muitas centenas de milhares de portugueses, o associativismo constitui a única forma de acesso a atividades desportivas, culturais, recreativas, ou de ação social. Para além disso, é através do exercício do direito de associação por muitos cidadãos que são asseguradas formas de participação cívica da maior relevância.

É inquestionável que as associações promovem a integração social e assumem um papel determinante na promoção da cultura, do desporto, na área social, substituindo a própria intervenção do Estado. Porém, há cada vez maiores dificuldades para levar as pessoas a participar na vida associativa. Trabalhar por “carolice” não é fácil e muitos não querem assumir responsabilidades.

O associativismo requer aprendizagem, treino, interiorização de uma postura de partilha, sendo também entendido como uma questão cultural.”

Viegas (1986) refere que as associações têm conquistado uma crescente importância no país que se reflete em vários sinais, como: os acordos alcançados entre elas e o estado (principalmente na área da solidariedade social, saúde e educação), apoios concedidos pelas autarquias e a presença, cada vez mais frequente, dos dirigentes e militantes associativos nos meios de comunicação.

1.3.Associações Sem Fins Lucrativos

Carvalho (s. d.) define organização privada sem fins lucrativos “como uma entidade de iniciativa privada, que fornece bens, serviços e ideias para melhorar a qualidade de vida em sociedade, onde poderá existir trabalho voluntário, e que não remunera os detentores e fornecedores de capital.” O autor concorda com Drucker (1992) em que qualquer OSFL existe para conseguir provocar mudanças nas pessoas e na sociedade.

A OCDE (2000) define para Portugal as seguintes formas legais de empresas sociais ou OSFL: cooperativas, associações, fundações e instituições privadas de solidariedade social. De acordo com este organismo as empresas sociais têm como principal característica que as suas atividades são financiadas por uma combinação de diferentes tipos de recursos, como a venda de bens e serviços, os subsídios políticos, doações privadas e os recursos não monetários como o voluntariado.

⁴ http://www.cm-odemira.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=30212, consultado em 12 de junho de 2012

As associações sem fins lucrativos culturais representam hoje um papel muito importante na preservação da identidade cultural dos povos, pois são elas que organizam muitos dos museus etnográficos que existem e que criaram grupos de danças e cantares populares como os ranchos folclóricos e os grupos de cantares. Estes grupos, nas suas atuações, fazem representações de como se organizavam as sociedades há décadas atrás. Ao assistir a um espetáculo deste tipo de grupos ficam a conhecer-se as atividades que existiam na sociedade e com as quais as pessoas subsistiam, como a agricultura, ferreiro, moleiro, entre outros. Também é possível conhecer as canções que cantavam e analisar assim o que sentiam ao desempenhar as tarefas. Apesar de já terem conhecido melhores dias, com mais financiamento e mais participantes, estas associações assumem-se cada vez mais como fundamentais na preservação da identidade cultural devido à proximidade que continuam a manter com as pessoas de mais idade. Estas pessoas vão passando os seus saberes aos membros das associações porque quase sempre são pessoas que conhecem e em quem confiam. Uma entidade pública que quisesse fazer uma recolha de usos e costumes dum povo não o faria tão facilmente e não teria tanta colaboração como uma destas associações.

Também Leitão *et al.* (2009) reconhecem a importância das associações de cultura, recreio e desporto afirmando que a ação que desenvolvem junto das populações locais constitui um património nacional específico de valor social incalculável. Este “património nacional” assume ainda maior importância (de acordo com os mesmos autores) porque na maior parte das vezes o trabalho associativo realiza-se no contexto de múltiplos constrangimentos, como a falta de recursos materiais e humanos e recursos financeiros suficientes e da necessidade de um quadro de apoio institucional mais apropriado à realidade associativa do país.

Em 2006⁵, de acordo com o INE, I.P (2011) existiam 45.543 Instituições sem fins lucrativos, das quais aproximadamente 50% exerciam atividades nas áreas da cultura e recreio e 13,7% nos serviços sociais. Apesar da grande percentagem de instituições relacionadas com a cultura e o recreio existentes no país, foram as da área dos serviços sociais que geraram cerca de 45,2% do Valor Acrescentado Bruto (VAB) das OSFL e foram responsáveis por mais de metade dos postos remunerados do terceiro setor. As instituições das áreas da cultura e do recreio representaram apenas 8,5% dos postos de trabalho remunerado do setor. No global dos três setores, as OSFL representaram 2,2% do VAB, 4,4% dos postos remunerados e 2,5% da despesa de consumo final. Em 2010⁶ (INE, 2012b) as OSFL representaram 2,8% do VAB e 5,5% dos postos remunerados, o que revela que este setor está em ascensão na economia portuguesa.

De acordo com estes dados, apesar de serem a maioria, as instituições das áreas da cultura e do recreio têm maior dificuldade em gerar rendimentos, talvez por se

⁵ Dados publicados pelo INE em julho de 2011

⁶ Dados provisórios publicados pelo INE em dezembro de 2012

dedicarem a este tipo de áreas que não são consideradas fundamentais na sociedade. Segundo um estudo realizado por Ornelas *et al.* (2013) existem 30.122 Associações de Cultura, Recreio e Desporto, localizando-se 1.010 no distrito de Castelo Branco.

Quanto à grande discrepância dos postos remunerados entre as instituições que exercem atividades nas áreas da cultura e recreio e nas das áreas dos serviços sociais, apesar das primeiras constituírem cerca de 50% das OSFL, deve-se entre outros fatores, ao facto de que é este tipo de instituições que mais depende do voluntariado, por falta de recursos.

Infelizmente, de acordo com o Instituto Português da Juventude⁷ (2005) os jovens portugueses são os que menos participam nas organizações associativas a nível europeu. Esta é uma realidade que se tem tentado alterar através da criação de associações de estudantes nas escolas, incentivando os jovens a unir-se e a criarem projetos úteis para eles e para os outros. Também Ferreira (2008) num estudo que realizou para aferir a relação do associativismo com a cultura cívica dos jovens portugueses verificou que apenas um em cada quatro dos jovens entrevistados se identificou com a atividade associativa, em especial com a desportiva que é a que mobiliza um conjunto maior de jovens. Contudo, o autor encontrou um sentido de responsabilidade coletiva mais consolidado e uma maior consciência de dever nos jovens associados, o que faz com que se sintam mais responsáveis pela melhoria da sociedade e mais empenhados no trabalho voluntário comunitário.

As associações sem fins lucrativos normalmente são criadas por um grupo de pessoas que têm um interesse comum e que normalmente passa pela preservação de património, cultura, desporto, tradições, gastronomia, entre outros.

Outrora estas associações eram apoiadas pelas entidades governamentais e infelizmente muitas habituaram-se a essa inércia de “esperar pelos subsídios”. A realidade mudou e o país está numa situação muito difícil e quando isso acontece os primeiros a sentir os cortes são estas associações. Torna-se assim necessário acompanhar os tempos e criar formas para que as associações possam financiar as suas próprias atividades e desenvolver projetos que ajudem as populações locais. O futuro do associativismo depende da sua capacidade para se modernizar e adaptar às novas necessidades, resumindo depende da sua capacidade para se desenvolver (IDS 2001). Para Artur Martins³ a longevidade do associativismo sem fins lucrativos deve assentar em dois vetores: nos seus fundamentos (a razão pela qual foi criada e existe) e nos valores.

Austin (2000) refere que para as associações sem fins lucrativos a reputação está muito perto de representar tudo, já que está intimamente ligada à visibilidade. A reputação da associação é reforçada não apenas pelo bom trabalho que está a ser feito, mas também pelo reconhecimento de que está a ser feito. De acordo com este

³ in Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto: Uma caracterização do associativismo confederado em Portugal, 2009

⁷ Jornal Urbi et Orbi - Colóquio sobre o Associativismo - Edição nº 267/15 a 21 março 2005

autor é fundamental criar relações que ajudem a passar a palavra sobre a organização, de forma a obter reconhecimento por parte do “público”. Este reconhecimento é muito importante tanto para a associação sem fins lucrativos como para os voluntários que fazem parte dela e gostam de sentir que fazem parte de algo importante.

O Dr. António Tomás Correia⁸ (2009, p. 19) considera que:

“Celebrar o associativismo é celebrar uma das mais belas e perfeitas expressões da vida social, que efetiva os valores da entreajuda, da cooperação e da solidariedade. Em tempos de abundância ou em conjunturas de escassez, as associações são a resposta organizada para o desenvolvimento sustentado de projetos inovadores, ou a estrutura de suporte para os mais frágeis.”

No setor lucrativo as necessidades pessoais e organizacionais de sobrevivência passam por um crescimento económico-financeiro que aumente os lucros, no setor não lucrativo as necessidades pessoais e/ou sociais que não possam ser satisfeitas pelo setor lucrativo passam pela sobrevivência da organização e pela sustentabilidade das suas atividades (Carvalho, S. d.). Para ambos os casos a forma de conseguir alcançar os objetivos, de acordo com Carvalho (s. d.) é pesquisar, criar, produzir e oferecer bens, serviços e ideias com valor para os clientes, de forma a alterar os comportamentos e a estabelecer soluções transacionais sustentadas.

Para a Liga dos Amigos de Alpedrinha, o que aqui se propõe, é criar um Projeto Aplicado que aproveite as potencialidades da própria associação, nomeadamente o Museu Etnográfico e a Casa da Música (Casa-museu) que retratam a história e as tradições desta região e a forte ligação de Alpedrinha com a música e a sua evolução ao longo dos anos.

1.4. Voluntariado

Apesar do trabalho do voluntário não ser “calculado” e contabilizado para o PIB real nacional, o próprio Estado dá algum valor ao voluntariado através da Lei nº 71/98 de 3 de novembro. De acordo com o nº 1 do art.º 2 e com o nº 1 do art.º 3 desta Lei:

“Voluntariado é o conjunto de ações de interesse social e comunitário realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras

⁸ Autor de um dos textos que precede a Introdução em Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto: Uma caracterização do associativismo confederado em Portugal.

formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas.”

e

“O voluntário é o indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar ações de voluntariado no âmbito de uma organização promotora.”

Para Light (2011) muitos dos executivos que lideram as OSFL aceitam esta tarefa pela missão e pelo próprio desejo de ajudar outros e de “devolver” algo à sua comunidade. De acordo com o autor, os empregados das OSFL são muito motivados, trabalham duro, profundamente comprometidos e motivados pela oportunidade de fazer algo que valha a pena. Talvez apenas 16% do trabalho nas OSFL é motivado pelo pagamento.

Esta opinião vai de encontro a um estudo realizado por Leitão *et al.* (2009) onde foram inquiridas 264 instituições de um universo de 2642 associações portuguesas confederadas no ano de 2007. Neste estudo, os autores concluíram que 85,8% do trabalho nas associações é feito de forma voluntária, gratuita, sem que os colaboradores envolvidos sejam por isso remunerados pelas organizações em que prestam serviço. Os autores acrescentam ainda que o carácter voluntário do trabalho é uma das características fundamentais do universo associativista e um dos traços essenciais que diferencia esta categoria de instituições de outros tipos de sociedades juridicamente sancionadas e, em particular das que perseguem fins lucrativos.

De acordo com os dados que Leitão *et al.* (2009) retiraram deste estudo, para uma estimativa da Confederação de que existem aproximadamente 18 mil associações em Portugal, concluíram que os cerca de 270 mil indivíduos que desempenham funções de dirigentes de forma voluntária realizam um total de 50 milhões e meio de horas de trabalho. Este trabalho equivale ao trabalho de 26 mil indivíduos a tempo inteiro e a cerca de 426 milhões de euros por ano, o que representa o dobro da despesa consolidada prevista para o Ministério da Cultura português no ano de 2009 – 212,6 milhões de euros. Apesar do trabalho voluntário realizado nestas associações, 39,8% das associações inquiridas pelos autores referiram “falta de recursos humanos” como um dos seus principais problemas.

Como já foi referido anteriormente, de acordo com o INE em 2006 existiam 45.543 OSFL, o que representa mais do dobro do previsto pela Confederação Portuguesa das Coletividades, extrapolando esse facto para o valor do trabalho voluntário, pode prever-se que este representa cerca de 1000 milhões de euros por ano. Apesar de ser apenas uma estimativa este é um assunto que deveria ser estudado com mais atenção pelas autoridades competentes.

O voluntariado é uma peça chave para as OSFL e importa perceber que benefícios podem advir da sua intervenção, não só para a organização como para a sociedade em

geral e para o próprio voluntário, como se pode ver no **Quadro 1**, Maslow (citado por Serrano 2008) refere a existência de várias necessidades inerentes ao ser humano, entre elas, as de autoestima, reconhecimento, consideração, capacidade para encontrar sentido para a vida e para o mundo, entre outras. Pode ser então esta necessidade de pertença que faz uma pessoa pertencer a uma associação sem fins lucrativos, por uma necessidade cultural de se sentir parte de algo. Talvez o que leva as pessoas a aderir a estas associações seja a necessidade de fazerem algo bom pelos outros de forma pura em que não recebem nada em troca. Para o IDS (2001) o associativismo permite às pessoas: Planear o futuro; Intervir sobre o presente; Investir nas relações humanas; Ser solidário; Rentabilizar os recursos; Garantir a continuidade dos projetos; Legitimar o direito de participação e reivindicação; Aprender as regras fundamentais da democracia; Contribuir para o bem-estar comum.

Quadro 1: Benefícios que podem ser alcançados através do Voluntariado

Benefícios do Voluntariado	Para a Associação	Para o Voluntário	Para a Sociedade
	-Poupança significativa -Incremento de novas perspetivas e ideias -Troca de conhecimentos	-Sentimento de bem-estar, aumento da autoestima -Incremento positivo na vida profissional - capacidade de liderança -Aquisição de competências	-Mudança de mentalidades -Maior interação entre pessoas (voluntários, colaboradores, sócios, consumidores finais)

Fonte: Elaboração Própria

Desta forma, por mais desinteressada que possa ser a decisão de pertencer a uma associação sem fins lucrativos, a verdade é que o voluntário acaba por ter uma retribuição, que não sendo monetária pode ser muito mais importante, como a satisfação da necessidade de reconhecimento (que como refere Maslow é inerente ao ser humano) e a aprendizagem e experiência que vai adquirindo ao longo do tempo. Contudo, as vantagens para as associações são muito maiores, pois de acordo com a OCDE (2000) os voluntários contribuem com os conhecimentos adquiridos nas suas profissões ou nas redes locais. Para esta entidade, através dos voluntários, as associações sem fins lucrativos poupam nos salários pagos, vêem garantido o cumprimento dos seus objetivos e contam com a sua ajuda para criar e fortalecer a confiança do Estado e dos consumidores. No estudo realizado por Ornelas *et al.* (2013) existem dois tipos de dirigentes associativos, os de curta duração e os de média e longa duração. Os primeiros permanecem na associação apenas um mandato (1 ou 2 anos), os segundos assumem um compromisso mais consistente, desempenhando diferentes cargos em vários órgãos sociais, durante vários mandatos, tornando-os mais responsáveis pela condução dos destinos da associação, podendo permanecer na associação por mais de 15 anos.

Mas de acordo com Gomes (2007) é necessário que se tenha em atenção as diferenças entre gerir pessoas e gerir trabalho voluntário. Gerir trabalho voluntário

não tem nada de rotineiro e não significa controlar e padronizar, significa estimular o envolvimento das pessoas com a organização através da sua missão e o seu desenvolvimento enquanto profissionais.

Resumindo, o voluntariado é uma preciosa mais-valia para o associativismo e em troca as associações esforçam-se por defender a identidade de cada pessoa, cada pessoa é única e não deve ser obrigada a agir como a maioria. Mas, o facto de existirem pessoas dispostas a fazer parte deste tipo de associações em que se esforçam e em que lutam diariamente para que elas tenham um futuro é já um prenúncio de que este Projeto Aplicado poderá encontrar boa aceitação por parte dos membros da associação e de outras entidades e pessoas que se pretendam envolver nele.

1.5.O Conceito de Projeto

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora⁹, projeto é um plano para a realização de um ato, um esboço.

Para Serrano (2008) a realidade pode ser melhorada mas para isso é necessário planear uma ação significativa que propicie a mudança e a melhoria. A autora afirma que projeto é um avanço antecipado das ações a realizar para alcançar determinados objetivos, mais é ainda um plano de trabalho com caráter de proposta que unifica os elementos indispensáveis para conseguir alcançar os objetivos desejáveis. Para a autora um projeto tem como missão: prever, orientar e preparar bem o caminho que se vai fazer, para o seu posterior desenvolvimento.

Tendo em conta que o projeto que se pretende delinear é para resolver uma carência de uma associação, pode, de acordo com Serrano (2008), designar-se como Projeto Social. Para a autora os Projetos Sociais tentam resolver uma necessidade e olham para o futuro que tentam melhorar. Para Serrano (2008, pp. 19-20) um Projeto Social implica sempre:

1. “Uma reflexão séria e rigorosa sobre o problema social concreto que pretendemos melhorar.
2. Tomar consciência das múltiplas necessidades existentes, das situações problemáticas e, uma vez analisada e estudada a complexa realidade social, se o projeto pretende ser eficaz deve escolher um problema concreto que necessite de solução e, além disso, que essa solução se constate como possível.
3. Selecionar um problema concreto que apresente uma solução viável, embora seja difícil e custosa.

⁹ Consultado em <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/projecto>, 27 de janeiro de 2012

4. Elaborar um plano o mais completo possível, sistemático e reflexivo, ou seja, científico.
5. Adaptá-lo à prática a fim de a transformar e melhorar.
6. Abertura e flexibilidade na sua aplicação. A abertura não deve ser só entendida como abertura ao meio e à envolvente social, mas também como tendo a capacidade de gerar inovação e mudança.
7. Originalidade e criatividade na elaboração do projeto, tentando responder a necessidades concretas.
8. Partir sempre da prática, segundo a ótica de quem vive o problema, como o vive e que possibilidades vislumbra para a sua solução.”

Para projetos mais complexos, ou que envolvem várias ações a realizar, é melhor definir a estruturação do conjunto de etapas ou metas a serem realizadas no futuro, ou seja, é melhor definir as fases a implementar.

Light (2011) definiu quatro pilares (Estratégia, Processos, Delegação e Responsabilidade) para conseguir um alto desempenho nas OSFL e com eles criou um modelo “*Results Now Model*” (**Figura 1**) que gera capacidade na organização para alcançar a missão e ser autossuficiente a longo prazo.

O modelo apresentado na **Figura 1** é o esquema geral de um projeto que pode ser adaptado a qualquer OSFL, pois de acordo com o seu autor, devem fazer-se e ter sempre presentes as perguntas:

- Porquê?
- Onde vamos estar no futuro?
- O que deve ser feito agora?
- Quem faz o quê?
- Quando é que isso aconteceu?

Seguindo este esquema geral é possível que uma OSFL trace um plano para atingir os seus objetivos.



Figura 1: Results Now Model

Fonte: M. Light, Results Now for Nonprofits: Porpose, Strategy, Operations and Governance

1.6. Turismo

De acordo com a OMT¹⁰ (1994) o turismo é “um conjunto de atividades desenvolvidas pelas pessoas durante as viagens em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, de negócios e outros.” Contudo, nem todas as pessoas que se deslocam para fora do seu ambiente natural entram nas estatísticas turísticas, pelo que este organismo definiu os seguintes conceitos:

- ◆ Ambiente Habitual - O ambiente habitual consiste na proximidade direta da sua residência, relativamente ao seu local de trabalho e estudo, bem como a outros locais frequentemente visitados. As dimensões distância e frequência são indissociáveis do conceito e abrangem, respetivamente, os locais situados perto do local de residência, embora possam ser raramente visitados e os locais situados a uma distância considerável do local de residência (incluindo noutro país), visitados com frequência (em média uma ou mais vezes por semana) e numa base rotineira.
- ◆ Visitante – toda a pessoa que se desloca a um local situado fora do seu ambiente habitual durante um período inferior a 12 meses consecutivos e cujo motivo principal da visita é outro que não o de exercer uma atividade remunerada no local visitado.
- ◆ Turista – é todo o visitante que passa pelo menos uma noite num estabelecimento de alojamento coletivo ou num alojamento privado no local visitado.
- ◆ Visitante do dia – em substituição do termo “excursionista”, é todo o visitante que não permanece a noite no local visitado.

¹⁰ Publicado por United Nations and World Tourism Organization

O Presidente da República Portuguesa, Aníbal Cavaco Silva¹¹ (2012) no discurso de apresentação da Carta Aberta da OMT e do Conselho Mundial de Viagens e Turismo sobre as Viagens e o Turismo referiu que o turismo é muito importante para o emprego e as exportações em Portugal. Também a OMC¹² considera o turismo importante, nomeadamente pela sua contribuição para o emprego e como fonte de rendimento. Para esta organização, o setor do turismo é um dos mais dinâmicos da economia, faz uso intensivo da mão-de-obra e mantém importantes vínculos com outros setores da economia. Para a OMC uma das características fundamentais do turismo internacional é o movimento transfronteiriço de consumidores, o que permite que até os trabalhadores não qualificados de zonas mais afastadas sejam exportadores de serviços, como por exemplo vendendo artesanato.

Segundo Cunha (2001) e a OMT as motivações para viajar e os interesses que as pessoas querem satisfazer nos seus períodos de lazer podem agrupar-se nos tipos de turismo do **Quadro 2**.

Quadro 2: Tipos de Turismo e suas Características

Tipo de Turismo	Caraterísticas
Turismo de Recreio	Praticado por pessoas que desejam «mudar de ares», ver coisas novas, desfrutar de paisagens, de convívio social e distrair-se.
Turismo de Repouso	Necessidade de relaxamento físico e mental e de recuperar dos desgastes provocados pela vida profissional e pessoal.
Turismo Cultural	Desejo de conhecer as particularidades e os hábitos doutras populações, de conhecer culturas diferentes e de aumentar o conhecimento.
Turismo Religioso	Viagens ligadas à manifestação religiosa como as peregrinações. Para as religiões que não fazem peregrinações, os crentes podem praticar este tipo de turismo através de outras atividades ligadas à fé.
Turismo de Negócios	Atividades interligadas aos negócios e às profissões, por exemplo reuniões, congressos, exposições, feiras, entre outros.
Turismo Étnico	Viagens para visitar amigos, parentes, locais de origem.
Turismo de Saúde	Relacionado com a saúde, como a ida às termas, tratamentos com água do mar, entre outros.
Turismo de Natureza	Atividades relacionadas com o gosto pela natureza, pelo desejo de estar em contacto e harmonia com a natureza.
Turismo Desportivo	Relacionado com as deslocações que resultam do interesse por praticar desportos (caça, esqui, pedestrianismo, golfe, alpinismo).

Fonte: Adaptado de Cunha, 2001 e OMT

O tipo de férias mais comum era o que incluía sol e praia, chegando mesmo em alguns locais a tornar-se massivo (com grandes quantidades de pessoas).

¹¹ <http://media.unwto.org>

¹² <http://www.wto.org>

Leeuwen e Nijkamp (2011) afirmam que o turismo se transformou num setor independente devido ao bem-estar da sociedade no qual o rendimento e o descanso assumiram um lugar importante nas decisões económicas das pessoas. Também o comportamento dos turistas mudou radicalmente, passando de um único período de férias (muitas vezes com uma distância curta) para vários períodos de férias com uma duração mais curta e maiores distâncias. De acordo com as Communautés Européennes (2003) começou a surgir um turismo alternativo às clássicas férias nas praias ensolaradas e a ter um crescimento mais rápido que qualquer outro tipo de turismo. Para este organismo este turismo alternativo iria representar mais de 20% das deslocações nos 20 anos seguintes. Este turismo alternativo deve-se, de acordo com o mesmo organismo, à mudança dos gostos dos turistas e até devido à conjuntura económica, optando, assim, os turistas por saídas mais curtas e mais frequentes ao longo do ano, férias mais ativas e maior interesse com a envolvente ambiental. Apesar de os adeptos do Turismo de Património Natural e Cultural serem muito diferentes, podem ter algumas características comuns, como [Communautés Européennes (2003)]:

- ◆ O bem-estar físico e a saúde;
- ◆ O desejo de descobrir, o estímulo intelectual e a educação;
- ◆ O prazer de admirar a natureza virgem e as belas paisagens;
- ◆ A procura do contacto com pessoas de outras origens e de outras culturas de uma forma mais personalizada e mais intuitiva que aquela proposta pelos destinos do turismo de massa;
- ◆ A aventura e as sensações fortes.

Segundo o mesmo organismo, o turismo traz vantagens como: novas possibilidades de emprego, diversidade e estabilidade da economia local, fonte de receitas suplementares, alteração do nível de vida local e conservação do património natural e cultural local. Ruschmann (2008) refere como vantagens a valorização do artesanato, da herança cultural e do património histórico e o orgulho étnico.

Desta forma, faz todo o sentido delinear uma estratégia que esteja de acordo com as características e potencialidades da entidade e do meio que a rodeia e com as vantagens que se pretendem tirar da mesma.

1.6.1. O Turismo em Portugal

De acordo com informação disponibilizada pelo Turismo de Portugal¹³ (2007) 83% das visitas em Portugal têm quatro motivações primárias: Sol e Mar 37,8%, Turismo Cultural e Paisagístico 29,7%, Turismo de Natureza 8,2% e City break (períodos de curta duração na cidade) 7,6%. Dos turistas da Região Centro, 66% são atraídos pelo Turismo Cultural e Paisagístico e dos turistas que se deslocam a Portugal devido a este tipo de turismo, 24,3% são espanhóis, o que faz com que Espanha seja o principal emissor deste tipo de turistas.

De acordo com o Turismo de Portugal (2007), os turistas definem o conceito de férias como “Diversão e Descanso associado à descoberta de novos locais e interação com a cultura local”.

Tendo em conta estes dados na Região Centro deve apostar-se no Turismo Cultural e Paisagístico, pois é o que mais turistas atrai devido às características da região, **Figura 2**. O Turismo de Natureza atrai 8,2% dos turistas no país, o que representa 5,4% dos turistas da Região Centro.



Figura 2: Atratividade da Região Centro por Tipo de Turismo

Fonte: Turismo de Portugal (2007)

Um estudo realizado pelo WTO (2012) constatou que em 2011 as chegadas de turistas internacionais cresceram 9% em Portugal. Com a revisão do PENT (2013), chegou-se à conclusão de que é necessária uma alteração das estratégias turísticas a nível nacional, pois a realidade ficou muito aquém das expectativas. De acordo com esta revisão Portugal deve ser apresentado na sua multiplicidade apresentando aos turistas os valores essenciais do «Destino Portugal» e que assentam em:

¹³<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/destinos/produtostur%C3%ADsticos/Anexos/AVALIAC%C3%87%C3%83O%20DOS%20PRODUTOS.pdf>

- a) Clima e luz;
- b) História, cultura, tradição e mar;
- c) Hospitalidade;
- d) Diversidade concentrada;
- e) Segurança;
- f) Paisagem e património natural.

Esta revisão do PENT para 2013-2015 veio de encontro ao que se pretende obter com este Projeto Aplicado, pois veio introduzir uma maior segmentação no turismo de natureza, náutico e de saúde e valorizar os recursos naturais, paisagísticos e culturais como forma de enriquecimento do produto e da promoção das respetivas atividades. Dos 10 produtos em que se decide apostar neste PENT, um deles é:

“Estruturar a oferta de turismo de natureza, nomeadamente através da contemplação e fruição do meio rural (turismo rural) e também de segmentos mais ativos, como passeios (a pé, de bicicleta ou a cavalo), de observação de aves ou do turismo equestre, melhorando as condições de visitação e a formação dos recursos humanos. Subjacente à estratégia está a constatação de que um turista de natureza procura a tranquilidade, o repouso e a autenticidade proporcionada pelo turismo rural e realiza múltiplas atividades no destino, tais como eco *resorts*, agroturismo e outras atividades de carácter cultural e/ou desportivo. Como nichos de mercado destacam-se os passeios a pé, de bicicleta ou a cavalo, assim como a observação de aves. Antecipa-se para este produto um crescimento anual de 5% nos próximos anos.”

A inclusão da oferta de turismo na revisão do PENT deve-se não só à alteração do perfil dos turistas, como também a que Portugal possui vários fatores de competitividade para este produto, como: 90% do território é considerado zona rural e 23% do território português é formado por Áreas Protegidas e Rede Natura 2000, o que revela fortes valores naturais e de biodiversidade ao nível da fauna, flora e da qualidade paisagística ambiental; a variedade e qualidade das paisagens e a elevada diversidade de habitats naturais a curta distância; a riqueza e diversidade de produtos e oportunidades de lazer, relacionados com produtos enológicos, gastronómicos, históricos e patrimoniais, atividades de lazer incluindo a cinegética.

Para a região centro o PENT 2013-2015 defende que deve ser estruturada a oferta de circuitos turísticos religiosos e culturais, de turismo de saúde e de turismo de natureza para promoção internacional. Quanto ao produto destacam-se aqui duas linhas de atuação que envolvem os tipos de turismo que se pretende que façam parte deste projeto:

- a) Nos circuitos turísticos religiosos e culturais, verifica-se a necessidade de colocar os recursos georreferenciados em valor e desenvolver conteúdos e informação para o cliente, bem como incentivar e diversificar as experiências de turismo rural e colocar o produto no mercado;

- b) No turismo de natureza, na vertente passeios, verifica-se a necessidade de desenvolver infraestruturas e serviços especializados, diversificar experiências de turismo rural e criar conteúdos e a sua disponibilização em canais, colocar no mercado o produto dos passeios a pé, de bicicleta ou a cavalo.

No programa de conteúdos e experiências esta revisão define vários projetos para a interação do cliente com o produto, dos quais se destacam:

- a) Circuitos turísticos religiosos e culturais – reforçar o desenvolvimento de experiências turísticas que destaquem a diversidade do património religioso e cultural, já que Portugal dispõe de um vasto e diversificado património religioso e cultural, em particular, em meio rural que potencia a oferta, pelo que se entende fundamental o desenvolvimento de itinerários experienciais, a qualificação das atrações e a melhoria da informação ao turista visando uma promoção e comercialização mais eficaz dos serviços turísticos associados ao produto. Para isso propõe-se as seguintes atividades: Estruturar rotas e itinerários experienciais baseados em temas âncora da identidade portuguesa e dos fatores distintivos (religiosos e culturais) que caracterizam o país e promover a sua declinação regional.

Para reforçar a criação de rotas turísticas foram criados incentivos de apoio através do PRODER, regulamentados pela Portaria 520/2009, de 14 de maio, alterada por várias portarias, cuja versão final pode ser consultada em <http://www.proder.pt>. Estas portarias aprovam o Regulamento das Ações n.º 3.1.1, «Diversificação de Atividades na Exploração Agrícola», 3.1.2, «Criação e Desenvolvimento de Microempresas», e 3.1.3, «Desenvolvimento de Atividades Turísticas e de Lazer» (onde se insere a criação de rotas turísticas), da Medida n.º 3.1, «Diversificação da Economia e Criação de Emprego», integrada no subprograma n.º 3, «Dinamização das zonas rurais».

- b) Turismo de natureza – qualificar os recursos e os agentes em segmentos com potencial de diferenciação, porque Portugal dispõe de vários fatores distintivos e qualificadores enquanto destino de turismo de natureza – áreas protegidas, variedade de paisagens a curta distância, concentração, variedade e espécies de fauna e flora únicas, formações fósseis e vulcânicas invulgares, etc. Considera-se que a estruturação da oferta, em particular, em meio rural, pressupõe melhorar as condições de visitação dos recursos, apostar na qualificação e capacitação dos agentes e desenvolver ofertas integradas de serviços. Entende-se que se deve reforçar a estruturação da oferta nos segmentos passeios (a pé, de bicicleta ou a cavalo), turismo equestre e observação de aves e de espécies vegetais.

1.6.2. Turismo Cultural e de Natureza

Para este projeto interessa definir melhor dois tipos de turismo, o Cultural e o de Natureza, que Cunha (2001, pp. 49, 51) descreve da seguinte forma:

♦ Turismo Cultural – “Dada a impossibilidade de separar a cultura da história, o turismo cultural inclui as viagens provocadas pelo desejo de ver coisas novas, de aumentar os conhecimentos, conhecer as particularidades e os hábitos doutros povos, conhecer civilizações e culturas diferentes, do passado e do presente, ou ainda a satisfação de necessidades espirituais (religião).

Os centros culturais, os grandes museus, grandes monumentos religiosos (catedrais, mesquitas, templos budistas), os locais onde se desenvolveram no passado as grandes civilizações do mundo, os grandes centros de peregrinação, o pitoresco ou «cor local» (Smith, 1989) ou a cultura camponesa constituem as preferências dos turistas que se deslocam pelos motivos acima referidos. Podemos ainda incluir neste tipo as viagens de estudo.”

Para Leeuwen e Nijkamp (2011) a herança cultural é um ativo firme para qualquer destino turístico e menos sujeito à sazonalidade causada pelo tempo e pelo clima. Uma significativa parte da história cultural do mundo está retratada nas relíquias construídas pelo homem no passado que têm um valor social nobre e único a que muitas vezes se chama herança cultural. Este é um conceito amplo que não inclui apenas castelos, museus ou igrejas, mas também valores mais complexos como paisagens históricas e outros. Também o Turismo de Portugal, I. P. (2012) considera que o turismo é, cada vez mais, um importante fator dinamizador da preservação, fruição e valorização do património cultural e artístico de Portugal. De entre os diversos elementos patrimoniais, os museus e monumentos são vetores essenciais da oferta turístico-cultural, contribuindo para a diferenciação dos destinos e para o desenvolvimento de novas oportunidades de negócio turístico. O Turismo Cultural assume-se como um produto estratégico que fomenta a fruição do património cultural, mas, também, gera outputs económicos relevantes para os diferentes agentes da cadeia de valor da atividade turística.

Para Cunha (2001), a Cultura sempre foi um dos mais importantes fatores de desenvolvimento do turismo e tem vindo a acentuar-se cada vez mais. De acordo com o autor grande parte das viagens realizam-se para destinos que dispõem de fatores culturais notáveis, como por exemplo os locais históricos, monumentos, centros arqueológicos, centros de peregrinação, concentrações de carácter étnico e muitos outros. Os museus representam assim, para o autor, uma forma de criar artificialmente alguns dos fatores culturais. Também Baptista (2003) refere a importância do património histórico [muitas vezes representado em museus] e arqueológico como componente das atrações turísticas.

♦ Turismo de Natureza – “O turismo de natureza manifesta-se de duas maneiras diferentes: o turismo ambiental e o turismo ecológico (Graburn, 1998). O ambiental

relaciona-se com os vários aspetos da terra, do mar e do céu e com o seu estado de pureza; por sua vez, o turismo ecológico ou ecoturismo inclui as viagens para as áreas naturais com o fim de observar e compreender a natureza e a história natural do ambiente tendo o cuidado de manter inalterável a integridade do ecossistema (*Ecotourism Society*).

A motivação dominante reside no desejo de «regresso à natureza», na contemplação do meio natural e na evasão ao meio urbano. Os visitantes apreciam atravessar as montanhas e as florestas e observar as relações entre as pessoas e a terra. Inclui as visitas ou atividades relacionadas com a agricultura, tais como a produção de chá e criação de animais exóticos. Os destinos típicos são o Grand Canyon ou o Yellestown, nos EUA, os Picos da Europa em Espanha, o Gerês em Portugal ou o Pantanal no Brasil e em geral todos os locais que possibilitam a fotografia, o alpinismo, a canoagem, a observação das aves (*bird watching*), etc.”

Para Baptista (1990) o meio ambiente constitui um dos fatores essenciais a ter em conta para a atração dos turistas. O autor refere ainda que o meio ambiente não é constituído apenas pelo sol, pelo clima, pela praia, pela montanha ou pelo rio, além da natureza, existem importantes partes do meio ambiente criadas pelo Homem, como o património histórico e arquitetónico. Cunha (2001) refere que não existem barreiras ou separações entre os diversos tipos de turismo, existindo destinos turísticos onde coexistem vários tipos de turismo.

Para Ruschmann (2008) a interação entre turismo e natureza é incontestável pois a natureza constitui a matéria-prima da atividade. Devido à deterioração dos meios urbanos, as pessoas procuram cada vez mais nas suas férias e fins de semana regiões com belezas naturais, mas é fundamental analisar os possíveis efeitos negativos deste tipo de turismo e criar condições para os evitar. Para o autor é muito importante um turismo organizado e bem pensado, para que os turistas e o turismo de natureza não afetem a própria natureza. Este tipo de turismo caracteriza-se pelo envolvimento físico dos seus participantes durante a viagem e divide-se em *hard* (com participação intensa) e *soft* (com participação leve, sem grandes desgastes físicos).

Definição de Museu

De acordo com o ICOM (2007) um museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.

A Lei Portuguesa¹⁴ define museu como uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite:

¹⁴ N.º 1 do art.º 3 da Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto

a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos;

b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.

1.6.3. Conceitos utilizados em Turismo

Em 1972, na décima sétima sessão da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, constatou-se que o património cultural e o património natural estavam cada vez mais ameaçados e que devido à importância deste património era urgente definir estratégias que o protegessem. Foi então realizada no mesmo ano a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural onde foram definidos vários conceitos.

São considerados como Património Cultural:

Monumentos - Obras arquitetónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excecional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Conjuntos - Grupos de construções isolados ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem, têm valor universal excecional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Locais de interesse - Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excecional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

O art.º 2 da Lei 107/2001, de 8 de setembro, define no nº 1 que o património cultural é constituído por todos os bens que sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização.

São considerados como Património Natural:

- Monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excecional do ponto de vista estético ou científico;

- Formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excecional do ponto de vista da ciência ou da conservação;

- Locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excecional do ponto de vista da ciência, conservação ou beleza natural.

1.7. Pedestrianismo

De acordo com a Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal¹⁵, pedestrianismo ou caminhada (como é designado por vezes) “pode ser definido como o desporto de andar a pé geralmente na natureza e em caminhos tradicionais, mas também em meios urbanos. Na verdade, o pedestrianismo trata-se duma atividade multifacetada ligada às áreas do desporto, do turismo e do ambiente. A prática de pedestrianismo pode ser feita em percursos pedestres não sinalizados no terreno ou em itinerários balizados: Grandes Rotas (GR®), Pequenas Rotas (PR®) ou Percursos Locais (PL®).”

De acordo com a FCMP o pedestrianismo é uma atividade desportiva, turística e ambiental na qual se percorrem percursos pedestres a pé ao longo de caminhos e trilhos de preferência tradicionais ou históricos, na natureza ou em meio urbano que não envolve grandes dificuldades técnicas. Como é uma atividade relaxante e agradável pode ser praticada por quase todas as faixas etárias (excluindo-se crianças muito pequenas). Assim, a caminhada em terreno irregular constitui um excelente exercício físico que pode ser praticado por qualquer pessoa. Para a Federação os percursos interpretativos ou culturais permitem a observação privilegiada do meio em que a geologia¹⁶, a geomorfologia, a fauna, a flora, a história, a arqueologia, a arquitetura e o artesanato constituem possibilidades inúmeras.

Tipos de Itinerários Pedestres

Grande Rota – é um itinerário pedestre que demora mais de uma jornada a percorrer, com mais de 30 Km de extensão e que por vezes liga regiões ou países, podendo servir de «espinha dorsal» a redes de percursos de Pequena Rota (PR). A Grande Rota é identificada pela sigla GR seguida do número de registo e sinalizada com marcas de cores vermelho e branco (**Figura 3**).

Pequena Rota – demora menos de uma jornada a percorrer e tem menos de 30 Km de extensão. É identificada pela sigla PR seguida do número de registo e três letras designativas de concelho pela Direção Geral de Viação e sinalizada com marcas de cores vermelho e amarelo (**Figura 3**).

¹⁵ www.fcmpportugal.com

¹⁶ Ciência que estuda a estrutura da Terra, a sua origem, natureza e transformações, em Priberam

Percurso Local – é um itinerário pedestre cuja totalidade ou mais de metade do trajeto decorre em ambiente urbano. É identificada com a sigla PL seguida do número de registo e três letras designativas de concelho pela Direção Geral de Viação e sinalizada com marcas de cores verde e branco.



Figura 3: Sinalização utilizada em GR e PR

Fonte: essescaminhosqueandei.blogspot.com

1.8. Rota Turística

Para que uma pessoa se desloque de um local para o outro segue um determinado itinerário, percurso. No turismo acontece o mesmo, o visitante desloca-se até ao local de interesse seguindo um itinerário. O conceito de itinerário foi adotado pelo turismo para desta forma se definirem percursos que reunissem interesses e serviços para os visitantes.

De acordo com o dicionário Priberam da Língua Portuguesa, Rota pode ser definida como “rumo”, “caminho”, “trajetória” ou “itinerário a ser percorrido”. Para Gómez e Quijano (1992) o itinerário é a descrição de um caminho ou rota em que são especificados os lugares de passagem e onde é proposto um conjunto de atividades e serviços durante a sua realização. A definição de itinerário engloba quatro conceitos diferentes:

Circuito – Itinerário fechado que começa e acaba no mesmo local, ou seja os pontos de partida e chegada são o mesmo.

Visita – Reconhecimento, exame ou inspeção de um lugar incluído num circuito ou rota. Serve de complemento em cada uma das paragens do itinerário.

Rota – Itinerário cujos pontos de partida e de chegada não coincidem. O conceito de rota está associado a uma direção, a um percurso dirigido.

Forfait – Nome técnico utilizado para um itinerário organizado cujo preço inclui todos os serviços.

Para Chan (2005), a Rota Turística faz parte dos programas turísticos, pois qualquer programa turístico é composto por um circuito ou percurso, por um determinado local ou destino e um itinerário onde se condensam as atividades incluídas. Para o autor o programa turístico pode-se dividir em quatro tipos como mostra a **Figura 4**.

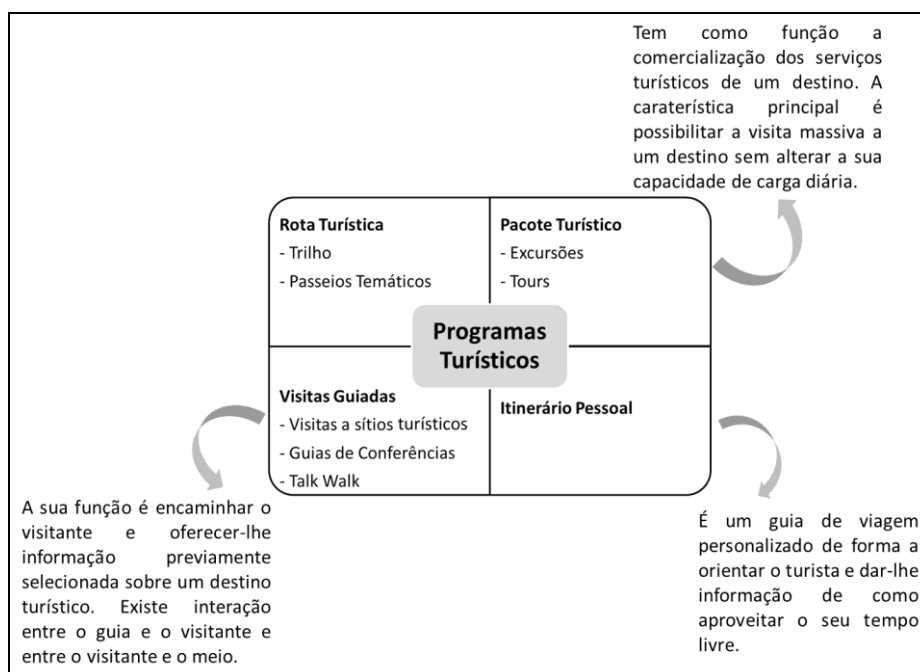


Figura 4: Tipos de Programas Turísticos e características principais

Fonte: Adaptado de Chan (2005)

Quanto à Rota Turística, Chan (2005) refere que ela tem como função a promoção de uma área, de uma região ou de uma temática com potencial turístico. As suas principais características são facilitar o encontro do visitante com o meio e a sensação de liberdade que proporciona ao visitante para se movimentar num determinado destino. As rotas podem apresentar-se em dois formatos, trilhos ou passeios temáticos, dependendo se se desenrolam em espaços urbanos ou rurais. Podem abordar temáticas culturais ou naturais.

Para Correia (2005) as rotas turísticas constituem um meio para os turistas conhecerem determinados locais, os seus costumes, a sua história através da visita aos pontos de relevância turística. Ramírez (2011) considera que as rotas turísticas têm como objetivo principal «vender» um território que pelas suas características e valores supostamente singulares pretendem atrair a visita de consumidores potenciais. Para o autor a diferença com etapas passadas é que era habitual que a oferta constituísse um destino específico (quer fosse uma localidade, monumento antigo ou espaço para o prazer), mas atualmente a oferta é diversificada ao comercializar-se um território completo que dentro de um denominador comum tenta guiar os visitantes seguindo um percurso definido e delimitado.

As rotas pretendem guiar as atividades destacando o que merece a pena conhecer do novo território e constituem um produto idóneo e frequentemente utilizado para a promoção de espaços concretos (Ramírez, 2011). Para o autor as rotas convidam o visitante a recorrer um percurso no qual predomina uma determinada categoria

patrimonial, podendo ser manifestações culturais, testemunhos do passado arqueológico ou histórico, património artístico, industrial ou espaços naturais.

Para Marques e Santos (2010) que analisaram duas rotas turísticas da Serra Gaúcha do Estado do Rio Grande do Sul no Brasil (Rota Vale dos Vinhedos e Rota dos Caminhos de Pedra), através do turismo, as localidades rurais podem tornar-se competitivas e procurar novos mercados através do desenvolvimento sustentável dos seus produtos e serviços. Estes autores defendem que as localidades rurais têm capacidade para agregar ao seu negócio atividades não-agrícolas como o Turismo, o que faz com que elas se integrem, cresçam e se desenvolvam. As rotas turísticas surgem muitas vezes como solução ao nível do turismo para o desenvolvimento sustentável das populações rurais, utilizando como estratégia os recursos endógenos de modo a minimizar a dependência dos elementos externos. Ao analisarem duas rotas turísticas implantadas em regiões com características semelhantes, Marques e Santos (2010) verificaram que na Rota Turística Caminhos da Pedra além de melhorar muito a situação económica da população, os filhos não têm de procurar o seu futuro nas cidades, o trabalho feminino passou a ser valorizado e a comunidade recuperou a autoestima e o apego às heranças culturais.

Desta forma as rotas turísticas podem ser uma forma de dinamizar a economia das zonas rurais, recorrendo ao seu potencial endógeno e desenvolvendo um turismo sustentável que protege os recursos naturais por não representar um turismo de massas.

1.8.1. Fases da organização de uma Rota Turística

Tendo em conta que a rota turística é um tipo de itinerário a sua elaboração segue os mesmos passos que a elaboração de qualquer itinerário. Para elaborar uma rota turística devem existir conhecimentos básicos acerca da geografia, cultura e capacidade de pesquisa.

As fases de organização de uma rota turística de acordo com Gómez e Quijano (1992) são as seguintes:

Preparação – esta fase serve para pesquisar todos os elementos necessários para construir a rota, desde a análise dos atrativos, a definição do percurso, a forma como se vão fazer as reservas, a comercialização e a «venda» da rota.

Desenvolvimento – esta fase desenrola-se depois da implementação da rota e o seu ponto-chave é o guia, pois é o responsável por toda a preparação anterior e também deve ter uma personalidade que cause empatia e que anime os participantes.

Análise – depois de realizado o percurso da rota deve-se analisar a satisfação do visitante, os gastos realizados e os resultados económicos alcançados. Desta forma podem fazer-se ajustes e melhoramentos na rota.

Para Chan (2005) o percurso é o elemento principal para a criação de visitas guiadas, rotas e pacotes turísticos, pelo que qualquer percurso turístico deve ser composto por quatro elementos:

- Um espaço concreto
- Um património natural ou cultural
- Um tema, quando o percurso seja de tipo especializado
- Capacidade de inovação

De acordo com este autor o percurso pode ser classificado como local ou regional dependendo se engloba uma ou mais localidades.

1.8.2. Rotas Turísticas Nacionais e Internacionais

O **Quadro 3** descreve algumas características de várias rotas turísticas que estão implementadas em Portugal, na Escócia e no México. As seis rotas turísticas apresentadas refletem a diversidade de rotas que se podem criar dependendo do potencial endógeno de uma determinada região. Os seus promotores podem ser entidades públicas ou privadas ou até uma parceria público-privada, mas a maioria dos promotores são entidades ligadas ao desenvolvimento turístico das regiões. Nos últimos anos as rotas turísticas têm conquistado a atenção não só das populações, mas também de alunos e professores tendo em conta a quantidade de artigos e trabalhos de mestrado e doutoramento que têm vindo a ser apresentados com este tema. Talvez este interesse revele uma maior consciencialização para a necessidade de aproveitar o que de genuíno existe nas localidades para atrair visitantes em detrimento de iniciativas que incluem a construção de estruturas descaracterizadas que pretendem atrair o turismo de massas, pondo em causa a preservação dos espaços e da natureza. Maia e Baptista (2011) consideram as rotas turístico-culturais como inovadoras e promotoras da interdisciplinaridade, principalmente através das rotas de museus. No estudo realizado para apurar a opinião dos responsáveis de instituições em relação às rotas turísticas, as autoras verificaram que os sujeitos entrevistados não tinham a noção da amplitude que a criação de rotas tem, centrando-se apenas nos benefícios que estas podem trazer às suas instituições. É possível que o grande sucesso da Rota do Românico se deva ao trabalho de equipa realizado pela associação de municípios responsável pela rota. Machado (2008) refere que desde o início, antes mesmo de criar a rota, existia uma consciencialização coletiva do potencial que a região albergava e da necessidade de o aproveitar com uma estratégia comum definindo os parceiros certos para conseguir realizar a estratégia com sucesso.

De acordo com o administrador delegado do Turismo Porto e Norte de Portugal, Carlos Ferreira¹⁷ (2012), é necessário olhar para os casos de sucesso como exemplo para a criação de rotas, porque há rotas que estão a ser mal geridas e o principal problema é que não integram os parceiros locais. A criação de uma rota turística deve ser um projeto muito bem pensado e planeado, observando os exemplos de sucesso para perceber quais as características-chave, mas também se deve ter em atenção os casos menos bem-sucedidos para perceber o que falhou e evitar cometer os mesmos erros.

¹⁷ No Semanário Nordeste

Quadro 3: Rotas Turísticas

Exemplos de Rotas Turísticas						
Nome	Rota do Fresco	Rota da Gardunha	Rota do Românico do Vale do Sousa	Ruta de la Plata	Rota Costeira de Angus	Rota da Cereja
Responsável	Criada por uma pessoa particular, incluída na Associação de Municípios e atualmente gerida pela empresa de animação turística - Spira revitalização patrimonial, Lda.	Naturejo	VALSOUSA - Associação de Municípios do Vale do Sousa e Tâmega	Archivo Histórico y Museo de Minería, Asociación Civil	Visit Scotland - Scotland's National Tourism Organization	Câmara Municipal do Fundão
Âmbito	Cultural e Gastronómica	Desportivo, Ambiental e Paisagístico	Cultural	Cultural	Cultural e Natureza	Natureza
Área Geográfica	Alentejo	Serra da Gardunha Casal da Serra (Lourical do Campo) - Canelo Branco	Vale do Sousa e Tâmega	Hidalgo - México	Escócia	Norte da Serra da Gardunha
Distância		9 Km		12 Km, 18 Km e 34 Km	93 Km	9,9 Km
Tipo de Percurso		PR Circular		PR e GR Circular	GR Não circular	PR Circular
Dificuldade		Elevada	O visitante pode criar a sua própria rota escolhendo os locais que deseja visitar e a duração da viagem	Subidas e caminhos estreitos para aceder às minas		Moderada, algumas subidas um pouco acentuadas
Duração aconselhada	½ dia, 1 dia, 2 dias			15 min, 40 min e 40 min		
Transporte aconselhável	Depende da distância escolhida	Pedestre		Autocarro ou carro para deslocar-se entre as cidades e a pé dentro das cidades	Carro	Pedestre
Época	Todo o ano	Todo o ano	Com os vários programas turísticos de que dispõe pode ser utilizada todo o ano.	Todo o ano	Todo o ano	Preferencialmente em março, abril e maio durante a floração das cerejeiras. Também pode ser realizada durante a apanha da cereja.
Observações:	Várias rotas acompanhadas por um intérprete do Património Rota do Fresco. É possível criar uma rota de acordo com as preferências do visitante. Criada em 1999 recebeu a Declaração de Interesse para o Turismo, Finalista na categoria "Serviços" da 6ª edição dos Prémios de Turismo Portugal e Menção Honrosa dos Prémios Turismo do Alentejo em 2010, na categoria "Inovação".	Tem uma variante de 9 Km e dificuldade moderada.	Tem várias sugestões de experimentação da rota incorporando vertentes de turismo ativo e de gastronomia e vinhos Criada em 2008 já recebeu: Prémio Turismo de Portugal 2009, XXIV Troféu Internacional de Turismo, Horelaria e Gastronomia, atribuído na FITUR, Prémio Novo Norte e Medalha de Mérito Turístico no Dia Mundial do Turismo 2011, Prémio Inovação de Produto/Serviço 2012 e Medalha de Ouro de Mérito Municipal 2012.	Tem três percursos diferentes.	Esta Organização é responsável por 12 rotas na Escócia.	

Fonte: Elaboração própria

Capítulo 2. Entidade Promotora

2.1. Liga dos Amigos de Alpedrinha

A Liga dos Amigos de Alpedrinha é uma associação sem fins lucrativos de carácter cultural e recreativa fundada no dia 1 de outubro de 1950 por um grupo de homens (Anexo A - Fotografia de alguns fundadores e sócios da LAA) encabeçado pelo Sr. Dr. Joaquim Antunes Pereira dos Santos, no Anexo B pode consultar-se a lista dos fundadores e primeiros sócios.

Inicialmente a funcionar em instalações provisórias cedidas pela Direção do Teatro Clube de Alpedrinha, a Liga dos Amigos de Alpedrinha foi criada tendo como objetivo “o progresso e desenvolvimento de Alpedrinha quer no aspeto material quer espiritual.”, como ficou registado nos primeiros estatutos da associação. Como objetivos específicos foram delineados os seguintes:

- a) Fomentar e dar o seu apoio a iniciativas particulares de reconhecido interesse para a valorização turística de Alpedrinha e seus arredores.
- b) Expor junto das entidades competentes a conveniência do estudo e realização de melhoramentos públicos bem como de outras providências.
- c) Colaborar com as entidades locais na resolução de problemas coletivos tais como: assistência, urbanização, cultura, etc.
- d) Contribuir para um melhor conhecimento de Alpedrinha mediante conferências, publicações, propaganda, etc.
- e) Promover a realização de certames de carácter regionalista bem como de espetáculos artísticos e desportivos.
- f) Zelar, de um modo geral pelos interesses de Alpedrinha.

Aquando da sua fundação ficou também estipulado no art.º 3º dos estatutos que apenas poderiam ser sócios os maiores de 21 anos que fossem naturais ou vivessem em Alpedrinha ou aqueles que estivessem ligados à Vila por um interesse moral. Este artigo deixa entrever a realidade de Portugal no ano de 1950, primeiro pela maioria de idade considerada (21 anos) e depois pela limitação do tipo de sócios que teriam de ter uma relação estreita com a Vila. Este ponto também estava relacionado com o facto de a associação ser criada para defender Alpedrinha como o próprio nome, Liga dos Amigos de Alpedrinha indica.

De acordo com o IDS (2001), a denominação de uma associação é o seu “cartão-de-visita”, pelo que deve revelar os fins a que se destina. Este é obviamente o caso da Liga dos Amigos de Alpedrinha, cujo nome indica claramente uma união entre pessoas que querem defender os interesses da Vila e que por isso se autodenominam

“Amigos de Alpedrinha”. Viegas (2004) considera que a inclusão do nome da cidade, vila ou lugar na denominação da associação tem um carácter emblemático e está relacionado com coletividades populares.

Outro ponto que interessa destacar na sua fundação é o que ficou assinalado nos art.ºs 4º, 5º e 6º onde se discriminam as categorias de sócios que a associação pode ter: Contribuintes, Beneméritos e Honra. Os contribuintes eram os sócios que pagariam as quotas mensais, havendo duas classes A e B que se diferenciavam pelo valor da quota a pagar, 2\$50 para a primeira e 7\$50 para a segunda. Esta distinção é muito interessante porque se regia pela norma de que os que tinham mais deviam pagar mais, mas o que a torna ainda mais especial é que os fundadores da associação e que definiram os primeiros estatutos eram homens com boa posição financeira. Este ponto faz-nos perceber um pouco do carácter destes homens que estavam dispostos a contribuir com mais para a associação e que aceitavam como iguais pessoas que não se incluíam na sua classe socioeconómica. Apesar de atualmente ser penalizada a discriminação, a verdade é que naquela época era considerada normal, por exemplo o Teatro Clube de Alpedrinha que foi fundado em 1839 aceitava apenas sócios das classes socioeconómicas mais elevadas, facto que durou até há algumas décadas. Este facto feriu de tal forma a sensibilidade de algumas pessoas que atualmente continuam a não querer ser seus associados, porque quando eram jovens foram considerados “não aceitáveis” devido à sua condição financeira e à família a que pertenciam.

Os sócios Beneméritos também é uma categoria que chama a atenção, já que foi estipulado que seriam sócios devido a serviços relevantes prestados à associação, o que por outras palavras significa pessoas que doassem quantidades de dinheiro consideráveis ou que prestassem serviços voluntariamente. Na Vila de Alpedrinha o voluntariado sempre foi tido como uma mais-valia para o bem das associações e da própria vila, tendo existido um grupo que se intitulava “Comissão de Melhoramentos” e que era constituído por voluntários que faziam melhoramentos na vila como por exemplo colocação de saneamento básico, canalização de água, colocação de manilhas nos ribeiros e esgotos. Desta comissão também faziam parte um grupo de pessoas que apesar de não colaborarem com mão-de-obra colaboravam com dinheiro para pagar os materiais necessários.

Apesar de os primeiros Estatutos da LAA terem sido aprovados a 23 de março de 1954 pelo Governo Civil de Castelo Branco, a associação teve Estatutos desde a sua fundação, pois estes são apresentados na ata nº 3¹⁸ da assembleia extraordinária realizada no dia 16 de dezembro de 1951 onde se propôs uma pequena alteração a um dos seus artigos.

De acordo com os registos dos livros de contas, durante os primeiros anos de vida a LAA limitou-se a receber o valor das quotas dos sócios e a pagar despesas inerentes ao seu funcionamento. No ano de 1954 realizou um torneio de tiro aos pratos e

¹⁸ Livros de Atas da Liga dos Amigos de Alpedrinha, consultados na sede da associação

procedeu à venda de postais para angariação de fundos e participou em benefícios para a Vila como uma subscrição do Posto da Guarda Nacional Republicana (G. N. R.), o bodo aos pobres e o projeto das instalações sanitárias públicas no Largo de St.^o António, o que se revelou como o primeiro passo para cumprir o fim a que se destinava “o progresso e o desenvolvimento de Alpedrinha”. Começou então a participar no pagamento de obras importantes para a Vila, como o Jardim de St.^o António, material para os bombeiros, participou nas obras de requalificação dos bairros do Calvário e do Outeiro e criou a Cantina dos Pobres (obra de beneficência onde eram oferecidas refeições às crianças pobres de Alpedrinha). Durante o ano de 1954 e parte do de 1955 foi publicado um Boletim Informativo para pôr os sócios ao corrente das atividades da associação.

Em 1965 começam as obras de adaptação do edifício dos antigos Paços de Concelho para aí instalar a sede da LAA, com o compromisso do então Ministro das Obras Públicas de comparticipação de 50% do valor das obras, a ser entregue no ano seguinte. Na impossibilidade da associação financiar o restante valor das obras e da Câmara Municipal do Fundão (CMF) também não as poder financiar é conseguido um acordo com a Fundação Gulbenkian para patrocinar o restante valor das obras até um máximo de 250.000\$00 (duzentos e cinquenta mil escudos). No dia 22 de dezembro de 1968 reúne a Assembleia Geral ordinária na sua própria sede, que atualmente se mantém, o edifício dos antigos Paços de Concelho (**Figura 5**), cuja propriedade é da Câmara Municipal do Fundão, mas que está cedido à associação desde 1965.



Figura 5: Imagens da fachada da sede da Liga dos Amigos de Alpedrinha

Fonte: Própria

Em 1981 foi publicada a sua constituição formal no Diário da República de 20 de abril, III Série, nº 91 (Anexo C – Publicação da constituição da LAA), depois de lavrada a escritura pública da sua constituição e dos seus Estatutos a 25 de março do mesmo ano. Na publicação no Diário da República foram publicados como fins da associação: o reforço dos laços entre os habitantes de Alpedrinha e as comunidades alpetrinienses existentes em Portugal e no estrangeiro; a promoção cultural, recreativa e desportiva, visando a divulgação, progresso e desenvolvimento de Alpedrinha. A 1 de janeiro de 1986 deu início da sua atividade nas Finanças. Ao longo da sua vida deu o nome por várias causas necessárias à Vila, participando ativamente

na angariação de fundos para a aquisição da ambulância, a reconstrução do Centro Pastoral Paroquial, entre outras. Em 1993 a Liga dos Amigos de Alpedrinha foi distinguida pela Câmara Municipal do Fundão, pelo seu trabalho na divulgação da cultura e promoção da Vila, com a Medalha de Mérito do Concelho. Foi esta associação que em 1977 alertou a Direção dos Monumentos do Centro para a situação em que se encontrava a Capela de St.^a Catarina (Capela do Leão), de onde saíram os nove retábulos que representavam o martírio de St.^a Catarina e a paixão de Cristo (vendidos pelos proprietários) e que se encontrava bastante degradada; alertou ainda esta Direção para a necessidade de proteger a Calçada Romana, testemunho de outros povos que habitaram por estas paragens.

Atualmente a Liga dos Amigos de Alpedrinha é uma pessoa coletiva sem fins lucrativos, aconfessional e apartidária, de fim cultural e recreativo com o NIF: 501545646, com sede no edifício dos antigos Paços de Concelho, Largo do Pelourinho, nº 1, 6230-071 Alpedrinha. Esta associação tem o CAE 94991 – Associações Culturais e Recreativas. O seu logótipo foi desenhado em 1977 pelo Prof. João de Matos e reúne várias características importantes da vila, ver **Figura 6**.



Figura 6: Logótipo da Liga dos Amigos de Alpedrinha

Fonte: Liga dos Amigos de Alpedrinha

Dentro do escudo:

- ◆ O brasão do Cardeal D. Jorge da Costa (Cardeal de Alpedrinha), constituído pelo chapéu cardinalício e pela roda das navalhas de St.^a Catarina;
- ◆ O Pelourinho da Vila de Alpedrinha que representa o poder e autonomia do concelho aí instalado em 1675 e que durou até 1855;
- ◆ A Igreja Matriz (Igreja de S. Martinho), exemplar magnífico de templo religioso;
- ◆ A escultura de São Jorge, foi mandada fazer pela Câmara de Alpedrinha no séc. XVIII como forma de homenagear o Cardeal D. Jorge da Costa. Na escultura São Jorge está sentado numa sela que era colocada em cima dum cavalo verdadeiro nas

procissões que se realizavam em Alpedrinha. Aquando da extinção do concelho em 1855, a imagem foi levada para o Fundão e só regressou no dia 2 de setembro de 2012, 157 anos depois.

Por fora do escudo:

- ◆ No topo encontra-se a coroa de D. João V como está representada no Chafariz de D. João V em Alpedrinha;
- ◆ Envolvendo a coroa e o escudo estão as ramas da oliveira com as suas folhas e azeitonas, fruto característico desta zona;
- ◆ No fundo do escudo e segura pelas ramas da oliveira está uma faixa com o nome da associação.

Durante os 63 anos de existência a associação teve as seguintes secções:

- ◆ Jornal “Informação”, cuja 1ª edição foi publicada em maio de 1977. Este jornal continua ativo, tendo uma periodicidade trimestral e faz o contacto entre a LAA e a vila com todos os sócios residentes em Portugal e no estrangeiro e com dezenas de entidades e meios de comunicação, publicando notícias de todas as associações locais e da vila em geral.
- ◆ O Orfeão da Liga dos Amigos de Alpedrinha foi criado em janeiro de 1977 e durante 21 anos mostrou a beleza e os dotes musicais dos alpedrinenses por todo o país. Foi integrado por dezenas de jovens que cresceram e se tornaram adultos durante o tempo em que pertenceram ao Orfeão. Ainda existem na sede da associação alguns exemplares do LP gravado na Igreja Matriz.
- ◆ O Grupo de Música Popular fez a sua primeira aparição pública em janeiro de 1997 e durante 9 anos levou a música popular e tradicional de Alpedrinha pelo país fora ao som de instrumentos típicos da região, como o bandolim, a flauta e o adufe.
- ◆ A Escola de Música cuja primeira aula foi dada no dia 11 de junho de 1977 e onde durante alguns anos foram dados cursos oficiais sob a orientação do Conservatório de Castelo Branco.
- ◆ O Museu Etnográfico foi criado em 1984 pela Dr.ª Maria José Miranda e inaugurado em 21 de setembro de 1985. A atual responsável é a D.ª Maria da Graça Cunha Correia de Castro.
- ◆ A Biblioteca Dr. Santos Costa foi criada em 1986 e está disponível a toda a população. O nome foi-lhe atribuído pela Direção a 21 de março de 2010, em homenagem ao Dr. Santos Costa que foi dirigente da associação e que integrou durante muitos anos os Órgãos Sociais da mesma, tendo contribuído para o seu sucesso.

- ◆ Orquestra Juvenil criada em 1997 e que durante vários anos foi constituída por alunos da Escola de Música e que realizaram muitos concertos. Encontra-se desativada há cinco anos por falta de verba para pagar a um maestro.
- ◆ A Casa da Música “António Osório de Sá” foi uma casa doada à LAA pela Dr.^a Prazeres da Conceição Osório de Sá em dezembro de 2009, para aí ser instalado um museu de música com o nome do marido. De momento tem apenas três salas abertas ao público porque têm vindo a ser realizadas obras na estrutura da casa.

A última revisão aos seus Estatutos e Regulamento Interno foi feita no dia 4 de dezembro de 2011, em Assembleia Geral Extraordinária.

2.2. Missão

Em qualquer empresa, associação ou entidade, seja de carácter lucrativo ou não, é importante definir desde o início uma missão.

Drucker (1992) defende que o mais importante numa organização não é o carisma do líder é a sua missão, pelo que é fundamental que o líder defina a missão da associação.

A verdade é que quando esta associação foi criada, há 63 anos atrás, nenhum dos seus fundadores tinha ouvido falar em missão, pelo menos com o significado que lhe é atribuído atualmente. Mas analisando bem o segundo ponto dos estatutos atuais que é um resumo do objetivo principal para que foi criada e de alguns objetivos secundários acrescentados ao longo dos anos vê-se que os dirigentes da LAA sempre trabalharam tendo como guia a missão que se pode definir da seguinte forma:

MISSÃO

Criar laços entre as comunidades alpedrinhenses existentes em todo o mundo e fazer Alpedrinha progredir através do desenvolvimento cultural e recreativo.

2.3. Órgãos Sociais

A Liga dos Amigos de Alpedrinha é constituída por uma Assembleia Geral, um Conselho Fiscal e uma Direção, como se pode ver pelo auto de posse do dia 27 de janeiro de 2013, data em que se elegeram os Órgãos Sociais para o triénio 2013/2015 e que ficaram constituídos da seguinte forma:

Assembleia Geral

Presidente: Luís Filipe de Almeida Maçarico

1º Secretário: Carlos Manuel Nabais Bragança

2º Secretário: Francisco Miguel Barata Roxo

Direção

Presidente: Marília Miguel Hilário

Vice-Presidente: Mónia de Deus Cardoso Roxo Ventura

Tesoureiro: Laura Maria Galvão Fael Freire

1º Secretário: Sofia Maria Pombal da Silva

2º Secretário: Maria José Valente Botão

Conselho Fiscal

Presidente: Eduardo Manuel Trigueiros Castro Serra

Vogal: Catarina da Luz Proença Valente Ferreira

Vogal: Mabília de Jesus Moreira Nunes Diamantino

De acordo com Leitão *et al.* (2009) é na figura do dirigente associativo que se encontra uma das peças mais fundamentais da dinâmica associativa. Para os autores ser dirigente associativo merece ser valorizado, pela determinação necessária aos indivíduos que ousam desempenhar esse papel (porque muitas vezes é levado a cabo num contexto marcado por grandes adversidades e exigências de sacrifício pessoal) e pelo carácter voluntário permanente da atividade de dirigente associativo face a outras formas de voluntariado, menos regulares e consistentes.

Durante o estudo que Leitão *et al.* (2009) realizaram, das associações que inquiriram puderam chegar à conclusão de que os dirigentes são na sua grande maioria do género masculino, tendo o género feminino uma participação inferior a 20% nas direções das associações, situação quase semelhante no caso do género dos associados (**Gráfico 1**).

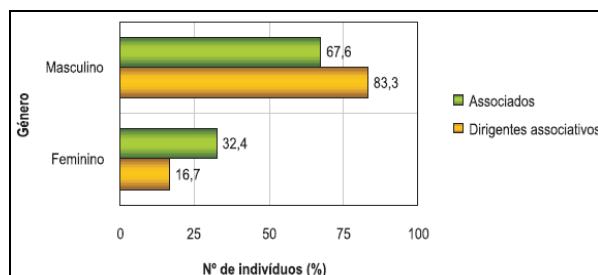


Gráfico 1: Distribuição dos Associados e Dirigentes das Associações Inquiridas por Género

Fonte: Leitão *et al.* (2009)

Na Liga dos Amigos de Alpedrinha o género masculino é mais representativo que o género feminino que representa apenas 36,3% dos associados totais (**Gráfico 2**). Esta realidade advém do facto de que quando a associação foi criada as mulheres não intervinham nestes assuntos, não podiam ser sócias de uma associação. Esta foi uma realidade que se manteve por várias décadas, não por imposição política, mas por imposição cultural. Afinal esta associação situa-se numa vila da Beira Interior, onde apesar dos direitos das mulheres serem desde há muito reconhecidos, as imposições culturais de que a mulher devia obediência ao marido e não devia cuidar de assuntos que não fossem a casa e os filhos demoraram muito mais a desaparecer e em alguns casos ainda não o fizeram. As primeiras mulheres associadas na Liga dos Amigos de Alpedrinha fizeram-se sócias porque os seus maridos o eram e incentivaram-nas para dar um maior contributo à associação.

Atualmente a realidade é já muito diferente, a percentagem de mulheres associadas vai aumentando e quanto à percentagem de mulheres como dirigentes a realidade desta associação é um caso quase único já que contraria completamente o estudo realizado por Leitão *et al.* (2009), como se pode comprovar no **Gráfico 2**.

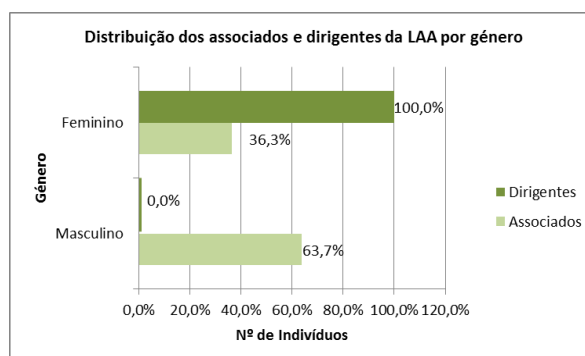


Gráfico 2: Distribuição dos Associados e Dirigentes da Liga dos Amigos de Alpedrinha por Género

Fonte: Elaboração Própria

Na LAA a Direção, composta por cinco elementos, não tem nenhum associado do género masculino, sendo composta apenas por associados do género feminino. Este é já o segundo mandato em que este grupo está à frente da associação, mas desde há 6

anos que a Direção é na sua maioria composta por elementos femininos. Esta realidade não se prende de modo algum com ações feministas ou de outro género, representa simplesmente um grupo de trabalho coeso que encontrou a fórmula indicada para o tipo de necessidades que a associação tem atualmente.

2.4. Atividades e Recursos

Atualmente a Liga dos Amigos de Alpedrinha tem 5 secções ativas:

◆ Museu Etnográfico cuja responsável é a D.^a Maria da Graça Cunha Correia de Castro. Este museu está instalado na sede da associação e reúne cerca de 890 peças que retratam o modo de vida das gerações passadas e que será abordado mais à frente.

◆ Biblioteca Dr. Santos Costa

Esta biblioteca foi criada para possibilitar aos habitantes de Alpedrinha um contacto mais próximo e facilitado com a leitura. Reúne cerca de 3000 exemplares que vão desde livros antigos (alguns oferecidos por outras associações) até enciclopédias recentes e de romances a livros de carácter científico. A biblioteca está disponível a todas as pessoas que desejem consultar algum dos seus livros. Com a informação disponível na internet e o fácil acesso que existe à informação, a biblioteca já não é procurada com tanta frequência, mas continuam a aparecer jovens do secundário que, como têm no programa letivo a leitura de obras literárias, as vão requisitar à biblioteca para ajudarem na economia familiar.

◆ Escola de Música

Esta escola funciona atualmente com 27 alunos e 2 professores que ensinam instrumental *orff*, piano, flauta, guitarra, bandolim e cavaquinho. O número de alunos tem vindo a reduzir nos últimos 3 anos devido à crise económica que afeta de forma muito acentuada as famílias do interior do país, o que torna difícil fazer face às despesas inerentes a esta secção.

◆ Jornal “Informação”

Este jornal é enviado trimestralmente aos sócios que se encontram em ativo (212, duzentos e doze) e a duas dezenas de associações, bibliotecas e entidades com quem a associação mantém relações. O jornal tem 4 páginas e o seu conteúdo é composto por notícias das atividades da LAA e das restantes associações da vila e por outras notícias sobre acontecimentos relevantes.

◆ Casa da Música “António Osório de Sá”

Doadà à associação em dezembro de 2009, esta casa pertenceu à Família Osório de Sá que esteve desde sempre relacionada com a música, família de onde saíram

grandes músicos e grandes compositores. Encontra-se em fase de requalificação e será descrita com pormenor mais à frente.

Além das secções anteriormente referidas, a associação tem ainda a seu cargo as despesas inerentes ao funcionamento dos dois edifícios (Sede e Casa da Música) e realiza eventos e atividades culturais durante o ano, como concertos de música clássica, concertos de música popular, encontros de poetas, exposições temáticas, parcerias com outras entidades (por exemplo com o INATEL, no ano de 2012 uniu-se com a Casa do Povo de Alpedrinha para participar na iniciativa Circuito de Cinema 2012), criação e montagem de presépios, visitas guiadas, entre outras.

Análise dos recursos da Liga dos Amigos de Alpedrinha

Como a maioria das associações culturais sem fins lucrativos do concelho do Fundão, a Liga dos Amigos de Alpedrinha encontra-se numa situação difícil a nível financeiro. Os subsídios públicos são insuficientes, os subsídios privados são escassos e a quotização dos associados não é suficiente para fazer face às despesas. Desta falta de apoios deriva o maior problema da associação que é como assegurar o funcionamento e cumprir os objetivos para que foi criada sem os recursos necessários.

Leitão *et al.* (2009) deram conta da falta de apoio financeiro que a grande maioria das associações sofrem. O que foi detetado pelos autores é que apesar de a intervenção pública representar uma parte importante da vida económica das instituições, ela é feita através do poder local, pela ação das Juntas de Freguesia e das Câmaras Municipais. De acordo com dados obtidos por estes autores, o Estado concede um apoio financeiro considerável, mas concede-o a um número reduzido de Instituições.

Este é o problema principal das associações de pequenas dimensões, como a Liga dos Amigos de Alpedrinha, as verbas atribuídas são limitadas porque o poder local que as atribui tem muitos encargos e melhorias mais urgentes nas freguesias e nos concelhos. De acordo com o INE, I.P (2012a) em 2011 a Câmara Municipal do Fundão teve uma despesa de €158.000,00 (cento e cinquenta e oito mil euros) com o Património, dos quais €72000,00 (setenta e dois mil euros) corresponderam a despesas realizadas com Museus, enquanto os Jogos e Desportos receberam €387.000,00 (trezentos e oitenta e sete mil euros). Do total gasto nas rubricas Cultura (Património, Publicações e literatura, Música, Artes Cénicas, Atividades Socioculturais e recintos Culturais) e Jogos e Desportos, a última rubrica recebeu 41,52% das verbas. A solução para ultrapassar os problemas financeiros passa pela criação de valor dentro da associação de forma a poder revitalizá-la e proporcionar-lhe mais autonomia financeira.

Para melhor se compreender de onde vêm os recursos da associação e onde são empregues é apresentado na **Figura 7** o esquema da entrada e saída de recursos.

Como se pode verificar a associação possui recursos de três tipos: Financeiros, Materiais e Humanos. Os recursos da associação são aplicados na totalidade para cumprir a missão através das várias secções, dos Eventos Culturais e para o normal funcionamento da associação.

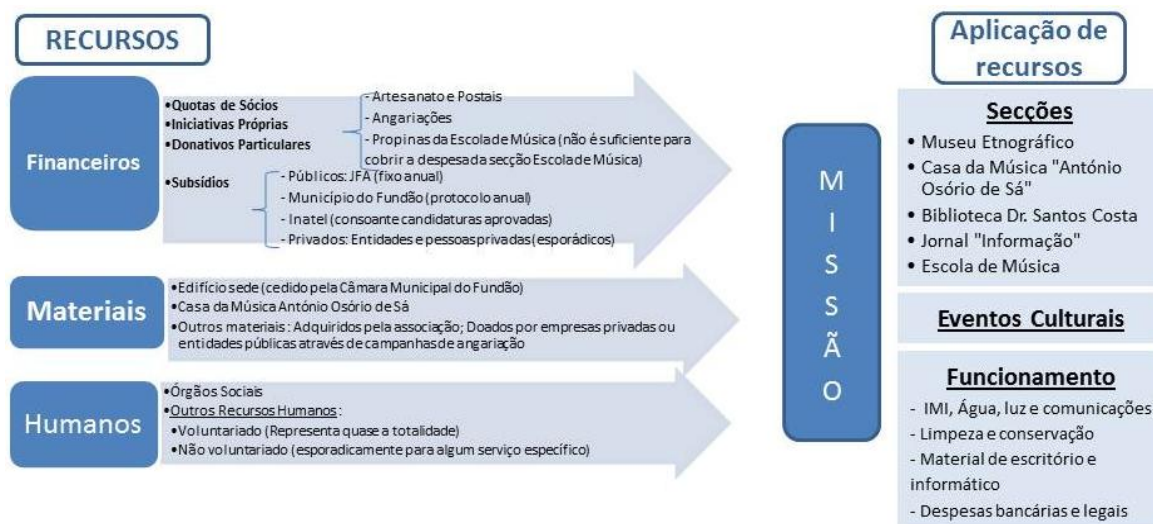


Figura 7: Entrada e Aplicação dos Recursos

Fonte: Elaboração Própria

Assim, para uma melhor análise deste esquema passa-se a explicitar alguns pontos do seu conteúdo.

◆ Recursos Financeiros:

Os recursos financeiros correspondentes às Iniciativas Próprias dizem respeito a iniciativas que os dirigentes têm tomado para reunir os fundos necessários para a realização da sua missão. Assim, importa esclarecer que o artesanato disponível na associação é confeccionado pelos membros da Direção, as angariações dizem respeito a atividades implementadas pela Direção e que têm vindo a gerar algumas receitas, como: organização do Jantar das Mulheres (em março); o Convívio de Sócios e Amigos da LAA (em julho) que consiste num almoço seguido de jogos, música e lanche; e a Loja de Artesanato aberta no fim de semana da Feira dos Chocalhos, onde se vende artesanato, geleias biológicas, ervas aromáticas, ervas para chás e, por vezes, ginja e jeropiga caseiras. O Jantar das Mulheres e o Convívio de Sócios e Amigos são realizados em locais cedidos por particulares ou entidades da vila; alguns alimentos, como os produtos hortícolas e a fruta, são oferecidos por sócios e amigos da associação; as refeições são confeccionadas pela Direção, aumentando assim o lucro destas atividades.

Quanto aos subsídios, a associação tem protocolos estabelecidos com a Junta de Freguesia de Alpedrinha e com o Município do Fundão para subsídios mensais que são revistos anualmente e que, devido às dificuldades económicas do país, atualmente

atribuem, €60,00 (sessenta euros) e €225,00 (duzentos e vinte e cinco euros) respetivamente. A Fundação INATEL comparticipa parte de alguns eventos culturais, dependendo de candidatura enviada até 60 dias de antecedência e dependendo dos requisitos que o evento cultural preenche.

Resumindo, os subsídios recebidos em 2012 corresponderam a aproximadamente 39%¹⁹ da receita total da associação.

◆ Recursos Materiais:

A associação tem dois edifícios a seu cargo: o edifício sede (Antigos Paços de Concelho da Vila de Alpedrinha) e a Casa da Música António Osório de Sá.

Quando a associação necessita de outro tipo de materiais, como quando se encontra a realizar obras, a Direção entra em contacto com empresas do distrito para obter esses materiais; os que não é possível conseguir através de doação são comprados pela associação depois de negociar o melhor preço.

◆ Recursos Humanos:

A quase totalidade da mão-de-obra necessária na associação é em regime de voluntariado, a começar pelos Órgãos Sociais, nos quais se inclui a Direção. Além dos Órgãos Sociais, existem alguns voluntários que ajudam a associação sempre que lhes é possível. Apenas alguns trabalhos específicos e que necessitam de um grande investimento de horas é que são contratados. Contudo isto não significa que a associação não tenha falta de voluntários, pelo contrário, para uma associação com tão poucos recursos o voluntariado constitui uma mais-valia muito importante a associação precisa de mais voluntários e principalmente de pessoas mais jovens que saibam trabalhar com as tecnologias modernas. Sempre que existe algum protocolo com o IPDJ (Instituto Português do Desporto e da Juventude) a direção aproveita para realizar projetos necessários à associação, mas interessantes para os jovens para que conheçam melhor a LAA e se interessem por ela depois de o protocolo terminar.

Com a diminuição crescente dos subsídios, os dirigentes têm procurado novas formas de conseguir fundos para os objetivos estabelecidos, nomeadamente através de Iniciativas Próprias que é uma rubrica que inclui: as vendas de artesanato, postais e outros; as propinas da Escola de Música e as angariações. As angariações sempre se fizeram para despesas pontuais e incluíam desde subscrições²⁰ a venda de rifas. Depois de as despesas com as obras da sede terem terminado e a atividade da associação se dedicar quase exclusivamente aos eventos culturais e aos grupos

¹⁹ Dos subsídios e da receita total foram excluídos €1810,50 que derivaram de um acordo estabelecido pelo Município do Fundão com a associação e que representa uma despesa na Feira dos Chocalhos realizada por essa entidade e não pela LAA

²⁰ Ato ou efeito de inscrever; inscrever - Contribuir com certa quota para dado fim, em <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=inscrever>

musicais e suas atuações, a dependência dos subsídios foi-se agravando, chegando ao limite de além da quotização e algum donativo particular, a associação não ter outra fonte de ingressos a não ser a venda de postais ou livros. Como se pode analisar no **Gráfico 3** os subsídios no ano de 2000 eram de €11.096,57 (onze mil e noventa e seis euros e cinquenta e sete cêntimos), o que atualmente representa quase o valor total da receita de acordo com o Relatório e Contas de Gerência de 2012. Até ao ano de 2003 o valor dos subsídios continuou a diminuir e em 2004 teve uma subida de mais de €2.000,00 (dois mil euros), contudo a partir desse ano os valores continuaram a descer e no ano de 2012 foram de €4.005,00 (quatro mil e cinco euros), devido ao pagamento por parte do Município do Fundão de alguns subsídios mensais atrasados. Quanto ao valor das Iniciativas Próprias, este tem vindo a aumentar ligeiramente devido à realização de atividades por parte dos dirigentes para angariarem fundos para as despesas da associação.

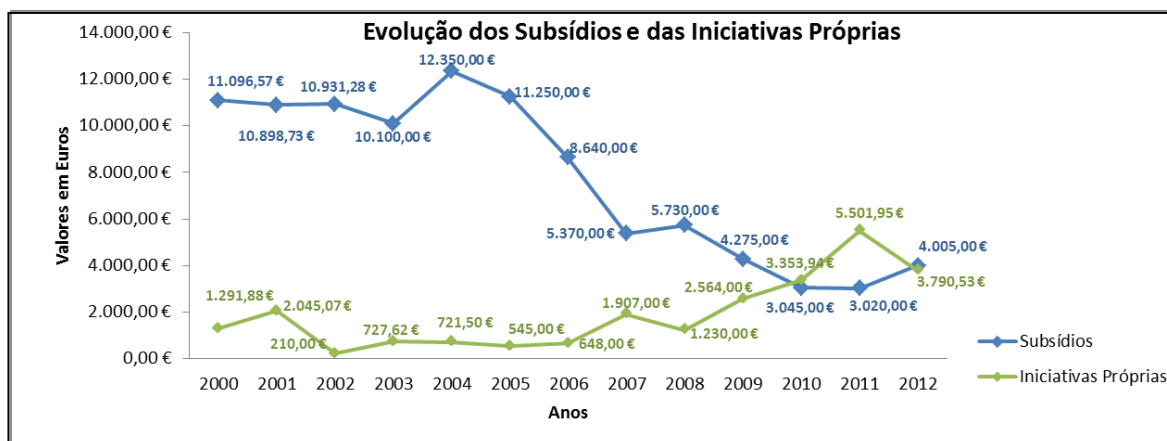


Gráfico 3: Evolução dos Subsídios e das Iniciativas Próprias na Liga dos Amigos de Alpedrinha de 2000 a 2012

Fonte: Elaboração Própria

O trabalho realizado pelos dirigentes para angariação de fundos verifica-se com maior exatidão no **Gráfico 4**. Este gráfico reflete como evoluíram as angariações (fazem parte da rubrica Iniciativas Próprias) de 2000 a 2012. Como se pode observar desde o ano 2000 ao ano 2006, inclusive, não existiu nenhuma campanha ou atividade para angariar fundos.

A partir de 2007, inclusive, verifica-se o aparecimento de verbas correspondentes a angariações, estas verbas coincidem com a abertura da loja de artesanato durante a Feira dos Chocalhos. A partir de 2009 começou-se a realizar o Jantar das Mulheres e o Convívio de Sócios e Amigos.

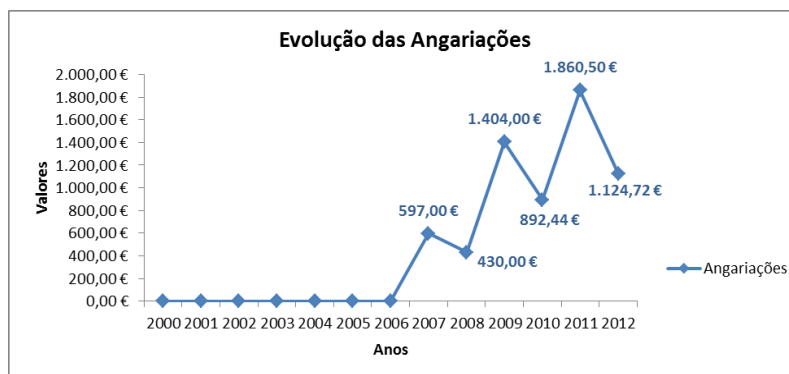


Gráfico 4: Evolução das angariações da Liga dos Amigos de Alpedrinha de 2000 a 2012

Fonte: Elaboração Própria

Em 2011 durante a Feira dos Chocalhos realizou-se também a campanha “Uma rosa, uma telha” difundida pela Rádio Cova da Beira e que consistia na venda de rosas de papel feitas pela Direção da LAA e cujo valor revertia para comprar uma telha para a Casa da Música António Osório de Sá. Deste gráfico pode concluir-se que existia por parte dos órgãos da Direção alguma inércia, pois os subsídios recebidos correspondiam à maior parte das receitas, como se pode observar no **Gráfico 5**.

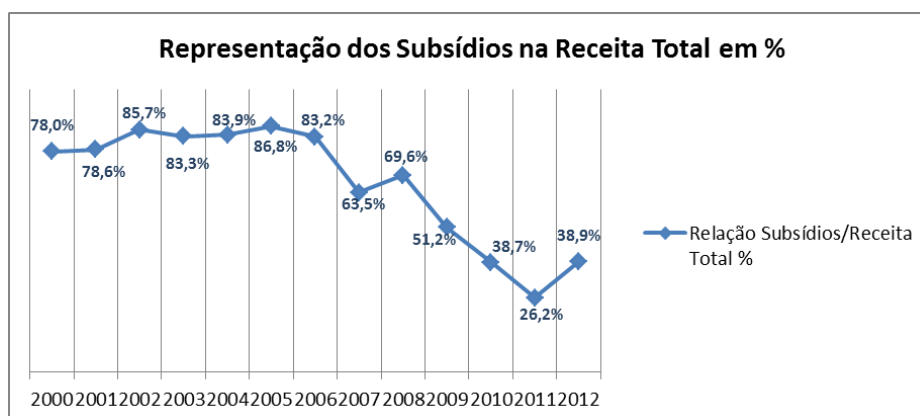


Gráfico 5: Representação dos Subsídios na Receita Total

Fonte: Elaboração Própria

No **Gráfico 5** pode ver-se como os subsídios recebidos pela associação representavam a grande maioria das receitas obtidas. Em 2000 e 2001 as restantes receitas, como quotização, donativos privados e iniciativas próprias representavam pouco mais de 20%. Entre 2002 e 2006 os subsídios superavam os 80% da receita total, tendo vindo a diminuir consideravelmente desde esse ano e representando atualmente no ano de 2012 cerca de 40%, facto que também se deve, como já foi referido anteriormente, ao pagamento de alguns dos subsídios em atraso.

A falta de definição de estratégias para angariar mais fundos pode ter-se prendido com o facto de que a associação conseguia através dos subsídios os fundos que necessitava para o seu funcionamento e realização de eventos culturais. Com a diminuição dos subsídios e a doação da casa para o museu Casa da Música António

Osório de Sá tornou-se cada vez mais evidente que era necessário fazer algo para conseguir realizar a sua missão. Foi então que se começaram a realizar atividades para angariação de verbas. Apesar da falta de recursos a Liga dos Amigos de Alpedrinha tem terminado sempre o ano com saldo positivo, o que não significa que tenha conseguido realizar tudo o que tinha definido no início do ano. Mas a posição dos dirigentes é que os valores morais que os fundadores definiram à 62 anos atrás devem ser mantidos, pois uma associação sem fins lucrativos depende muito mais que uma empresa da sua imagem, pelo que não se devem assumir compromissos que à partida se sabe que não serão possíveis de cumprir. Assim, as necessidades da associação são hierarquizadas e divididas por fases, apesar de demorar muito mais tempo para alcançar os objetivos, a imagem da associação e dos seus dirigentes fica limpa sem a sombra das dívidas. Uma imagem limpa ajuda a negociar o que se tem de adquirir, é importante quando se tenta angariar material nas empresas e ajuda nas campanhas de angariação de fundos para obras necessárias.

Para que não exista nenhuma dívida e se consiga fazer face às despesas e principalmente continuar a requalificação da Casa da Música António Osório de Sá é necessária uma gestão muito rigorosa dos fundos que existem, de acordo com o relatório de atividades e contas de gerência de 2012.

2.5. Análise SWOT

Para uma análise mais completa à associação foi feita a análise interna e externa, onde se detetaram pontos fortes e fracos e oportunidades e ameaças (análise SWOT), de forma a aproveitar pontos positivos e reduzir os menos positivos, que se apresenta no **Quadro 4**.

Como se pode observar na análise SWOT os pontos fortes da Liga dos Amigos de Alpedrinha são o numeroso espólio histórico e cultural que possui, o profundo interesse por defender e fomentar a cultura na vila, a relação de cooperação que tem com as restantes entidades de Alpedrinha e do concelho e a capacidade de despertar nos sócios e também em pessoas que não estão diretamente relacionadas com a associação o interesse por apoiar as iniciativas e a capacidade para organizar esse interesse para que grande parte das melhorias e do trabalho seja realizado em regime de voluntariado. Os pontos fracos e ameaças podem ser facilmente resumidos na falta de meios de divulgação da associação na internet e nas redes sociais e a dificuldade para atrair os jovens para as atividades da associação. Devem aproveitar-se os pontos fortes da associação e as oportunidades que existem para reduzir ou eliminar os pontos fracos e as ameaças, pelo que se deve aproveitar a presença dos cerca de 30 alunos da Escola de Música para criar atividades que atraiam essas crianças e jovens e também eles possam atuar como meio de divulgação e promoção da LAA. Para que as atividades e eventos vão de encontro às preferências das pessoas, é fundamental ouvi-las, não só para criar projetos de acordo com o que elas gostam, mas também

para que os mesmos mantenham algumas das características culturais emblemáticas da associação e agradem, também, a públicos mais jovens e interventivos. É necessário criar uma ponte que ligue a tradição da associação à modernidade e às exigências e preferências atuais.

Outra medida apresentada nesta análise e que pode revelar-se significativa é a formação. Por vezes não se aproveita completamente o apoio dos voluntários porque é importante que quando as pessoas visitem os museus da associação possam ser recebidas e informadas corretamente e de forma adequada, não apenas acerca da associação, mas também em relação à própria vila, à sua história, cultura e tradição. É possível aproveitar melhor o tempo disponível dos voluntários dando-lhes as ferramentas adequadas para que possam apoiar melhor a LAA.

Quadro 4: Análise SWOT da Liga dos Amigos de Alpedrinha

ANÁLISE INTERNA			
O (OPORTUNIDADES) / OPORTUNIDADES	S (STRENGTHS) / PONTOS FORTES	W (WEKESSES) / PONTOS FRACOS	T (THREATS) / AMEACAS
	<ul style="list-style-type: none"> - Numerozo espólio histórico e cultural - Relação que mantém com todas as entidades de Alpedrinha, conseguindo consenso na criação da agenda cultural da vila - Voluntariado por parte dos dirigentes, sócios e outras pessoas - Espírito de entrega - Dois edifícios que fazem parte do património arquitetónico da vila - Atividades culturais 	<ul style="list-style-type: none"> - Inexistência de meios de divulgação na internet: site, redes sociais - Falta de funcionária - Falta de expositores e estantes no Museu Etnográfico e na Biblioteca - Falta de espaço para o Museu Etnográfico - Atividades pouco adequadas a todos os escalões etários 	
ANÁLISE EXTERNA	<ul style="list-style-type: none"> - Podem aproveitar-se as atividades culturais para incluir os alunos da Escola de Música, assim desperta-se o interesse dos jovens pela associação e atraem-se os familiares dos alunos às atividades da associação - Aproveitar as características dos sócios para criar uma rede de voluntariado especializado em várias áreas - Realizar atividades que incluam os jovens do OTL e os façam interagir com os sócios e pessoas de mais idade (por ex.: jogos tradicionais) 	<ul style="list-style-type: none"> - Criar meios de divulgação na internet com a ajuda de sócios que dominem esta tecnologia e que possam mantê-los atualizados - Dar formação aos sócios que se voluntariam para manter os museus abertos - Adquirir expositores que aproveitem melhor o espaço destinado ao Museu Etnográfico e que ofereçam maior visibilidade às peças - Averiguar juntos dos sócios e do público em geral que tipos de atividades preferem para adequar a oferta da associação 	<ul style="list-style-type: none"> - Adesão da Liga dos Amigos de Alpedrinha às redes sociais, de modo a estar em contato com os jovens e a conhecer os seus gostos, para adaptar as atividades culturais
	<ul style="list-style-type: none"> - Confiança por parte dos privados e das entidades - Características pessoais e profissionais dos sócios - As crianças e os jovens que frequentam a Escola de Música - Os jovens que participam na Ocupação de Tempos Livres do IPDJ 		<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade em atrair sócios da faixa etária dos 18-25 anos - Dificuldades financeiras - Desinteresse dos jovens por este tipo de associação

Fonte: Elaboração Própria

Parte II – Projeto de Criação da Rota do Granito

Capítulo 3. Caracterização do Meio Envolvente

3.1. A Região da Beira Baixa

De acordo com o Programa Operacional Regional do Centro (2007-2013)²¹ a Região Centro integra um espaço que integra um vasto e diversificado património natural de reconhecida qualidade paisagística e ambiental. Esta região possui ainda as heranças histórico-culturais de diferentes tempos e civilizações (Lusitana, Romana, Visigoda e Árabe) patentes no património histórico e arquitetónico espalhado pelo território. O PORC considera que os recursos patrimoniais e culturais associados ao território têm um importante potencial a explorar para o desenvolvimento turístico da região, para a dinamização da base económica local e para a diversificação da economia regional, o que faz com que seja um importante atributo para a afirmação da identidade regional no exterior.

A Beira Baixa (**Figura 8**) é uma região da Zona Centro de Portugal que confina com a Beira Alta, a Beira Litoral, o Ribatejo, a Estremadura, o Alto Alentejo e com Espanha. Tem uma área de aproximadamente 7800 Km² e engloba 10 concelhos. Possui um património natural muito vasto que inclui parte da Serra da Estrela, a Serra da Malcata, a Serra do Açor e a Serra da Gardunha e um património histórico-cultural e arquitetónico muito rico. Devido às características do seu território e às suas condições ambientais produz uma grande variedade de produtos alimentares de excelente sabor e características, o que faz com que tenha uma grande diversidade gastronómica.



Figura 8: Mapa da Beira Baixa

Fonte: <http://portal2.bbdigital.pt>

Eusébio (2006) considera que é consensual o facto da Região Centro de Portugal ter um grande potencial para se transformar num destino turístico a nível nacional. Os fatores como a diversidade e a riqueza das atrações turísticas, a localização

²¹ <http://www.qren.pt/np4/3147.html> em 3 de abril de 2013

geográfica, as boas acessibilidades, a hospitalidade dos residentes, os preços competitivos e o clima de segurança são algumas das razões que a autora aponta para evidenciar o elevado potencial que a região apresenta em termos turísticos. A região apresenta como atrações turísticas (Eusébio, 2006):

- Recursos naturais - com elevado índice de atratividade turística, tais como praias, montanhas, áreas protegidas, florestas, rios, grutas e termas;

- Recursos culturais de relevância nacional e internacional - tais como aldeias históricas, museus, catedrais, castelos, igrejas, mosteiros, solares, artesanato e uma rica gastronomia regional onde os queijos e os vinhos assumem lugar de destaque.

Para a autora, também as cadeias montanhosas que proliferam no interior da região se podem tornar em importantes atrações turísticas.

3.2. O Concelho do Fundão

O concelho do Fundão está inserido na Cova da Beira, juntamente com os concelhos da Covilhã e de Belmonte. A Cova da Beira é uma parte do distrito de Castelo Branco que tem condições climatéricas, patrimoniais e culturais parecidas, pelo que o atual Presidente da Câmara Municipal do Fundão, Dr. Paulo Fernandes, defende a criação de uma zona de turismo que coincida com a Cova da Beira, para que estes três concelhos possam trabalhar em conjunto a nível turístico como têm tentado fazer com outros setores como a agricultura (com o regadio da Cova da Beira). A Cova da Beira é uma zona GAL (Grupos de Ação Local) da RUDE (Associação de Desenvolvimento Local), limita a norte com a Serra da Estrela e com a Beira Interior Norte, a leste com a Beira Interior Sul, a sul com a Beira Interior Sul e com o Pinhal Interior Sul e a oeste com o Pinhal Interior Norte. Tem uma área de 1.373 km² e uma população de 87.869 pessoas.

O concelho do Fundão tem uma área de 700,13 km² e 29.213²² habitantes, subdividido em 31 freguesias (até à entrada em vigor da nova reforma da administração local). É limitado a norte pelos concelhos da Covilhã, Belmonte e Sabugal, a leste por Penamacor e Idanha-a-Nova, a sul por Castelo Branco, a sudoeste por Oleiros e a oeste por Pampilhosa da Serra. É um centro local importante de comércio, serviços e indústria. O concelho engloba parte das terras mais férteis da região, o grande vale da Cova da Beira, onde passa o Rio Zêzere e as suas numerosas ribeiras afluentes, com grandes produções de cerejas, ginjas, pêsegos, azeite e vinho. Existem minas de Volfrâmio (mineral do qual se extrai o metal Tungsténio), na Panasqueira (de entre as mais importantes deste tipo no mundo) e também de

²² De acordo com o INE - Censos de 2011 em

http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao

chumbo e estanho. No concelho existem vários hotéis, restaurantes e piscinas com interesse turístico.

Serra da Gardunha

A serra da Gardunha (**Figura 9**) é um “braço” da Serra da Estrela, tem aproximadamente 20 Km de comprimento e 1.224 metros de altura e é dominada pelo granito²³. Este é um dos granitos mais duros que existem, justificando-se assim a durabilidade e resistência das casas que foram construídas com este material.

As suas encostas já foram povoadas por espessas matas de castanheiros (mandadas plantar pelo Rei D. Dinis), por carvalhos e pinheiros. Esta além de ser uma serra de grandes atractivos, como a maravilhosa vista e as boas sombras, oferece ainda a água cristalina, pura e abundante.



Figura 9: Imagens da Serra da Gardunha

Fonte: Própria

Vila de Alpedrinha

A vila de Alpedrinha é uma freguesia portuguesa do concelho do Fundão, com 18,22 km² de área e 1.087¹⁶ habitantes. É uma vila, a sul da Serra da Gardunha e está situada a 556 metros de altitude. Foi sede de concelho entre 1675 e 1855 e integrava as freguesias de Alpedrinha e Vale de Prazeres. Depois de 1834, foram-lhe anexadas as freguesias de Atalaia do Campo, Castelo Novo, Lardosa, Orca, Póvoa de Atalaia e Soalheira. Foi natural desta freguesia D. Jorge da Costa, o famoso Cardeal de Alpedrinha.

Apelidada de Sintra da Beira pela duquesa de Alorna, esta não é de todo uma comparação válida, já que Alpedrinha possui personalidade própria. Situa-se no centro das sete freguesias da Zona Sul, rodeada de arvoredos e virada a nascente, recebendo logo pela manhã os primeiros raios de sol, está abrigada pela serra dos raios ultravioletas do pôr-do-sol e dos ventos de Norte e Poente. Assim, no Verão torna-se fresca não só pelas sombras e pela abundância de água, mas também pelo facto de o sol desaparecer cedo por detrás da serra.

²³ Rocha primitiva granular, muito dura, de coloração variada e composta de feldspato, mica e quartzo, em <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=granito>

Das suas origens, de acordo com Motta (1933), sabe-se que tem povoamento desde a pré-história. Foi querida pelos Romanos que deixaram inúmeras marcas da sua permanência e que lhe chamavam PETRATINIA. Com a presença dos Árabes passou a designar-se ALPETRATINIA, após evolução na língua portuguesa o nome passou a ALPEDRINHA.

A vila está a 12 Km da sede de concelho pela EN 18, a 16 Km pela A23 (passando pelo túnel da Gardunha com 1.570m de comprimento) e a cerca de 10 Km pela Calçada Romana. Castelo Branco encontra-se a aproximadamente 30 Km de Alpedrinha. A vila tem ótimos acessos (**Figura 10**), pois é atravessada pela EN 18, está a cerca de 4 Km do nó de acesso à A23 e a estação da linha férrea da Beira Baixa fica a 1 Km do centro da vila.



Figura 10: Mapa dos acessos a Alpedrinha

Fonte: Adaptado de Google Maps

Acerca de Alpedrinha, Cardoso (1848, p. 43) escreveu:

“Elevada a vila em 1675, tem-se tornado notável o seu engrandecimento, devido a riquezas oriundas da produção do seu solo, em edifícios que adornam o aspeto interior e exterior da vila e tornam a sua perspectiva variada e encantadora. A vila eleva-se (vista da parte oriente) em forma de anfiteatro pela encosta da serra acima. Compõe-se de templos sumptuosos e nos edifícios profanos destaca-se a Casa da Câmara, o teatro e o chafariz.”

Heráldica de Alpedrinha:



Figura 11: Brasão da Vila de Alpedrinha

Fonte: Junta de Freguesia de Alpedrinha

Brasão²⁴ (**Figura 11**) — escudo azul, dois ramos de oliveira de ouro, frutados de prata, postos em pala e alinhados em faixa; em chefe, roda de navalhas de Santa Catarina e, em campanha, fonte de prata, jorrando água do mesmo e realçada de negro. Coroa mural de prata de quatro torres. Listel branco, com a legenda a negro: «ALPEDRINHA».

Alpedrinha possui um vasto património arquitetónico, do qual se destacam²⁵:

◆ Calçada Romana

Usada pelos Romanos, durante décadas para fazerem as rotas comerciais, atualmente pode proporcionar uma ótima oportunidade para conhecer a Serra da Gardunha (**Figura 12**). Encontra-se em Vias de Classificação no Igespar por despacho de Homologação de 27 de fevereiro de 1991 (Homologado – IIP Imóvel de Interesse Público). É formada por grandes pedras que pavimentam o chão e apesar de irregular é um ótimo testemunho doutros tempos.



Figura 12: Imagens da Calçada Romana de Alpedrinha

Fonte: Própria

²⁴ Publicado em diário da República III Série, N° 96 de 18 de maio de 2005, p. 10699

²⁵ Informação recolhida na Monografia d’Alpedrinha (1933) e através de testemunhos de alpetrinienses

◆ Palácio do Picadeiro

Situa-se no último plano ao cimo da Vila de Alpedrinha, foi construído a norte e remonta ao final do séc. XVIII, princípios do séc. XIX. Antiga residência de padres Jesuítas a quem a Capela de São Sebastião servia de Igreja, foi mandado reconstruir pelo Dr. Francisco Lopes Sarafana Correia da Silva em 1803. É constituído por dois corpos de desigual volumetria e também desigual planta de base (**Figura 13**). Estes correspondem a diferentes planos temporais das respectivas construções.

A fachada principal é simétrica em relação à face central e ao respectivo frontão, é fechado em arco de círculo no qual sobre a porta do segundo andar se encontra o brasão da família Correia da Silva (**Figura 13**). À frente tem um pátio quadrangular com muro à volta. No lado direito o muro engloba, graças à sua espessura, quatro pares de assentos opostos com uma maravilhosa vista. No muro em frente ao Palácio abre-se o portal, rematado de ambos os lados por dois pares de colunas de altura assimétrica fechados em capitel.

Após a morte do seu proprietário (27 de maio de 1859) o Palácio foi habitado por rendeiros, albergou a tipografia “Estrela da Beira” e albergou o hospital enquanto se fizeram as obras de ampliação do hospital da Misericórdia. Atualmente pertence à Câmara Municipal do Fundão e é o Centro de Interpretação da Rota da Transumância.



Figura 13:Imagens do Palácio do Picadeiro antes e depois do restauro e brasão da Família Sarafana

Fontes: Própria, gloriaishizaka.blogspot.com e Liga dos Amigos de Alpedrinha (Brasão)

◆ Igreja Matriz ou Igreja de S. Martinho

É toda construída em cantaria e encontra-se cercada por um adro também em cantaria. É formada por quatro naves e o teto é em forma de quilha (**Figura 14**). Construída entre 1557 e 1578 no reinado de D. Sebastião, as torres foram construídas posteriormente no reinado de D. Maria I. As janelas e a claraboia pertencem à Ordem de Cristo, sabe-se que na fachada tinha o brasão desta mesma ordem, mas um vigário mandou-o retirar em 1867.

Na torre Sul, no rés-do-chão, encontra-se o batistério que está fechado com uma grade, em cima tem a entrada para o coro da Igreja pelo relógio. As duas janelas da frontaria são da Igreja primitiva e o óculo foi feito em 1867 por Martinho Dias da Cruz. Em 1867 foi cometida mais uma atrocidade contra o património, o juiz e vigário Patrício mandou trocar a coroa do reinado de D. Sebastião que estava por cima do escudo das armas portuguesas, por uma maior do tempo de D. Luiz.

No interior a Igreja é constituída por sete altares, o altar-mor, dois colaterais e quatro laterais.

A Igreja possui ainda um Museu de Arte Sacra e um órgão de tubos que está a 3,5m de altura. A entrada para o órgão faz-se pela sacristia velha, este foi oferecido pelo Frei Maurício Inocêncio da Costa Castel Branco e foi fabricado pelo mestre José Fontanaes não se sabe ao certo em que ano, mas tendo em conta que Frei Maurício foi vigário de 1763 a 1796, tendo falecido em Abril desse ano, o órgão foi construído no séc. XVIII.



Figura 14: Imagem da Igreja Matriz

Fonte: Própria

◆ Igreja da Misericórdia

Situa-se no centro da vila e é contígua ao Lar da Misericórdia. É um templo majestoso (**Figura 15**) de elegante arquitetura e foi reedificada em 1788. Na frontaria tem um portado de volta semicircular entre duas colunas com capitéis, fustes, cornijas e entablamentos, tudo em granito finíssimo que veio das pedreiras da Cabeça de Boi em Vale de Prazeres. Em cima do portado, um nicho que tem dentro uma imagem em granito da N.^a Sr.^a do Socorro, padroeira do antigo hospital. De cada um dos lados do portado, à altura do coro interior existe uma janela e no cume do telhado, uma cruz de pedra, feita pelo hábil pedreiro Pedro Manso (de Alpedrinha). Foi ali colocada em 1903, já que a antiga caiu com um furacão no dia 24 de Outubro de 1900. Em frente tem um pequeno átrio em pedra, rodeado por um muro também em pedra, mesmo em frente às escadas que dão acesso à Igreja. Ao lado ergue-se um tosco cruzeiro sobre uma coluna oitavada com mais de 450 anos de existência.

À entrada do lado esquerdo tem umas escadas que dão acesso ao coro que foi feito em 1798. Tem ainda uma varanda do lado direito, à altura do coro e que tem ligação com o Lar da Misericórdia (antigo Hospital da Misericórdia), esta terá sido feita para os doentes poderem assistir à missa.

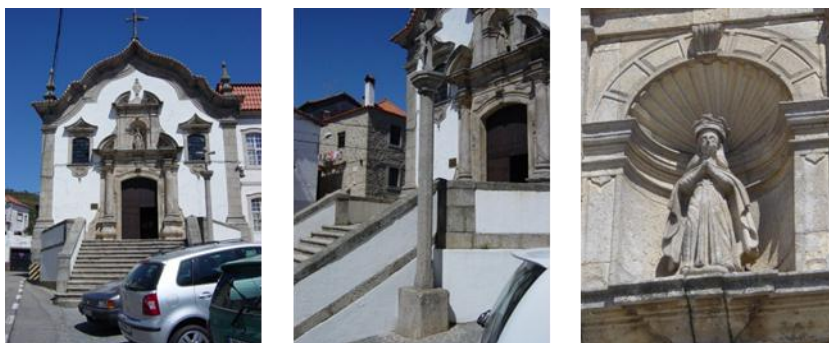


Figura 15: Igreja da Misericórdia, Cruzeiro e imagem da N.ª Sr.ª do Socorro

Fonte: Própria

◆ Capela do Espírito Santo

É a capela mais antiga de Alpedrinha (**Figura 16**), foi Igreja Matriz e posteriormente serviu para se fazerem velórios. Construída entre 1266 e 1301, algumas das suas paredes foram por diversas vezes reconstruídas e à exceção das suas imagens antiquíssimas pouco resta da sua traça original. Na frontaria, do lado esquerdo, tem um campanário com um sino e um largo com árvores e bancos, onde se realizam todos os anos eventos culturais.

No Altar-mor, de obra salomónica, podem apreciar-se as imagens do Espírito Santo, de S. Francisco de Sales e de N.ª Sr.ª da Conceição (teve a sua própria capela no Monte da Touca), de S. Bento e de S. Marcos. Existem ainda nas paredes da Capela as imagens de S. Domingos e do S.º Amaro Abade.



Figura 16: Capela do Espírito santo

Fonte: Própria

◆ Capela de Santo António

Situa-se no fundo da vila, num pequeno outeiro comum, terreiro a que deu nome e tem um miradouro lindíssimo onde a vista alcança além de Monsanto. Construída por volta de 1830 (**Figura 17**), tem na frontaria, do lado esquerdo, segura por dois suportes de ferro uma pequena sineta que se toca por meio de um gancho e uma corrente.

No interior, tem um pequeno guarda-vento e um coro que ocupa três das suas quatro paredes. No Altar-mor, tem três vitrinas com os seus nichos, onde se encontram S.º António, S. Brás do Souto e St.ª Luzia.



Figura 17: Capela de Santo António

Fonte: Própria

◆ Capela de Santa Catarina ou do Leão

Contígua ao Solar dos Pancas (Casa das Senhoras Mendes), tem um pátio à frente. Foi mandada construir em testamento por D. Martinho da Costa, Arcebispo de Lisboa, irmão do Cardeal D. Jorge da Costa, foi seu sobrinho Cristóvão da Costa²⁶ que cumpriu assim, a sua última vontade.

No frontão da capela (**Figura 18**) e no remate da abóbada tem as armas de D. Cristóvão, no lado esquerdo em campo azul, a roda das navalhas de St.^a Catarina e do lado direito, em campo vermelho, seis costas. Depois da Capela do Espírito Santo é a mais antiga, é possível que as obras de pintura e escultura tenham sido feitas em Roma nos últimos anos que o Cardeal aí viveu, são de grande perfeição e dum trabalho minucioso.

É toda em cantaria e no frontispício há uma bela estátua de St.^a Catarina em mármore branco com os emblemas do martírio. No pórtico, de cantaria mais fina e figura parabólica, sobressaem dos dois lados os bustos dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo, em granito grosseiro. As portas são em madeira de cedro que resistem ao passar do tempo e até, segundo dizem, às coronhadas das espingardas francesas em 1808. Tem uma só nave e um só altar de formoso mármore cor-de-rosa emurchecido. O retábulo de ótima escultura e madeira rara, tinha vários quadros que representavam, primorosamente pintados na mesma madeira, alguns passos mais notáveis da vida de Cristo e da Mártir St.^a Catarina: Jesus no Horto, Cristo Crucificado entre os dois ladrões, A Ressurreição, S. Pedro e S. Paulo, N.^a Sr.^a da Conceição, S. Jerónimo no deserto e St. Agostinho, St.^a Catarina pregando numa praça, um milagre de St.^a Catarina e a degolação de St.^a Catarina.

A separar o vestíbulo do altar do corpo da capela, que é rodeado por um assento de pedra, uma grade de ferro batido encimada por uma esquisita rendilha dourada. As paredes são forradas a azulejo dos primeiros fabricados no reino, o pavimento é lajeado de grandes campas. Foi mandada restaurar em 1897/98 pelo Dr. António José Boavida, assim como alguns quadros pelo pintor Ernesto Novak. No vestíbulo, entre vários quadros de santos, encontra-se na parede do lado esquerdo, de cara ao altar,

²⁶ Tesoureiro-mor e Cónego da Sé de Lisboa fol. 1562

sobre a porta da sacristia, um retrato a óleo, quase em tamanho natural do Cardeal, emoldurado em moldura de castanho feito pelo pintor Ernesto Novak em 1898.

Está classificada pelo Igespar²⁷ como IIP – Imóvel de Interesse Público, de acordo com o Decreto n.º 38 147, DG, I Série, n.º 4, de 5-01-1951 (esclareceu que a classificação abrange todo o recheio da capela e em especial os quadros que constituem o retábulo).

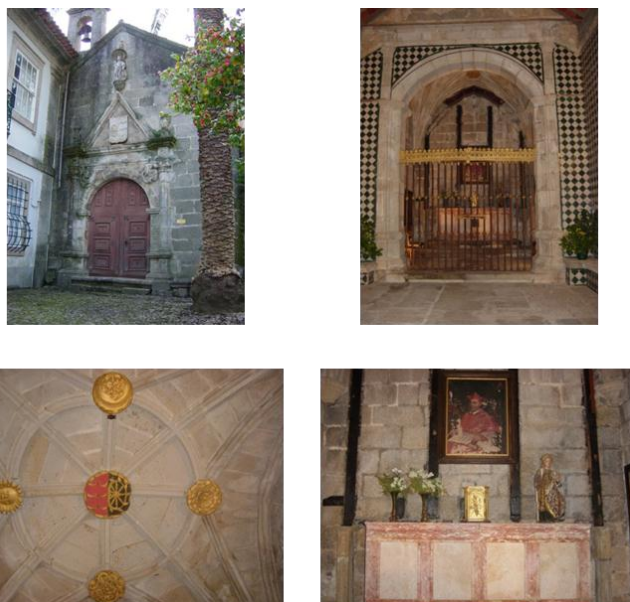


Figura 18: Imagens do exterior e interior da Capela de Santa Catarina

Fonte: Própria

◆ Capela de S. Sebastião

Situa-se no cimo da vila por cima do Palácio do Picadeiro e ao lado da Calçada Romana (**Figura 19**). Não se sabe ao certo quando foi construída, mas pensa-se que terá sido no tempo del-rei D. Sebastião. Já teve no seu altar, um retábulo de obra tosca com boas pinturas do martírio do santo. Em 1758 foi restaurada por Francisco Fernandes Fonseca. Terá sido Igreja dos padres da Companhia de Jesus que residiam no Palácio do Picadeiro. O púlpito é de pedra com escadas e as pias de água benta são de duas peças: uma tem na base um pedaço de fuste duma coluna tosca, a outra tem a continuação da dita coluna, as pias são feitas toscamente de pedaços de coluna.

Tem ainda um alpendre sustentado por duas colunas de granito, feito no início do séc. XX.

²⁷ <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/74938/>



Figura 19: Capela de S. Sebastião

Fonte: Própria

◆ Fonte do Leão

Provavelmente uma das fontes mais antigas da vila. Tem um pequeno frontispício com 1,5m de largo. É toda em cantaria de granito e está encostada ao muro dum quintal contíguo à Capela de Santa Catarina. Tem esculpido em alto-relevo, em posição de descanso, um animal com pernas e rabo, já meio comido pelo tempo, e que parece ser um leão. A água cai por um canudo de latão na boca para uma concha de pedra muito rasa que veio a substituir, em 1898, um pequeno tanque quadrado.

◆ Fonte do Páteo

Situa-se no pátio da Casa dos Britos, mas é pública, pois nunca foi vedado o acesso a quem dela quis beber (**Figura 20**). A água passa debaixo da Casa dos Britos e cai por uma bica de pedra com cano de metal para um tanque de lavagem de roupa, com forma octogonal, entre duas escadarias do balcão da casa. Tem um frontispício feito em granito finíssimo com ramagens e frisos e por baixo do entablamento a data MDCCXLII.



Figura 20: Imagens da Fonte do Páteo

Fonte: Própria

◆ Chafariz D. João V

De acordo com Silva (2001) foi desenhado por Valentim da Costa Castelo Branco, filho ilustre de Alpedrinha que nasceu a 15 de Fevereiro de 1671, foi capitão do exército, formou-se em matemática na Universidade de Coimbra e destacou-se como engenheiro tendo-lhe sido atribuído o risco do cais de Aveiro, morreu em Alpedrinha

a 5 de Maio de 1747. Foi ele quem gizou a remodelação do Paço Episcopal (em Castelo Branco).

A parte superior do Chafariz (**Figura 21**) é em forma de baluarte com três faces e no remate uma coroa abrindo as armas reais. De cada face corre um cano de bronze embutido em bica de finíssimo granito, magnificamente lavrada. Em cada uma das faces do baluarte encontram-se duas pedras com inscrições que significam: "A MAGNIFICIÊNCIA DA CÂMARA DE ALPEDRINHA, POR ORDEM E MERCÊ DO SERENÍSSIMO REI DE PORTUGAL, D. JOÃO V, CONSTRUIU ESTE APRAZÍVEL CHAFARIZ DE EXPLENDIDA ÁGUA PARA FELICIDADE DA PÁTRIA À CUSTA DOS SEUS TRIBUTOS PREDIAIS, A PARTIR DO ANO DO SENHOR DE 1714". Às bicas do átrio o povo encarregou-se de pôr nome: a do meio é a das solteiras, a da direita é a das casadas e a da esquerda a das bruxas ou da Maria Amarela. Atualmente não tem muita importância, mas houve tempos em que só por ignorância é que alguém enchia o cântaro nesta bica, porque se acreditava que a água desta bica fazia remelas nos olhos a quem a bebesse.

Das bicas a água cai para um tanque feito com a mesma imitação, tem um átrio com assentos de pedra e duas entradas com escadas de pedra. A água do tanque é recolhida por baixo do átrio e vai cair, por outras três bicas de pedra com três canos em bronze, para um tanque maior e desse por uma pequena abertura escavada na pedra para uma abertura no chão e que vai dar a um tanque público de lavagem que existe num plano inferior. Sabe-se que o chafariz também possuía um lago onde no Verão se banhavam os cavalos. Alguma água ainda vai por canos para alguns dos quintais vizinhos para matar a sede à horta.

Está classificado pelo Igespar como IIP – Imóvel de Interesse Público de acordo com o Decreto n.º 32 973, DG, I Série n.º 175, de 18-08-1943 (classificou a Capela do Leão e fonte monumental, da época de D. João V).



Figura 21: Imagens do Chafariz D. João V

Fonte: Própria

◆ Casa do Cardeal D. Jorge da Costa (Cardeal de Alpedrinha)

Segundo reza a tradição o Cardeal mandou reconstruir a casa em que nasceu dando-lhe uma forma apalaçada, em cantaria, com grandes salas, mas sem grandes comodidades. Os compartimentos são grandes, com tetos em forma de pirâmides truncadas, caibros à vista com pequenos desenhos e molduras. Esta casa começou a

ser reconstruída para que o Cardeal tivesse uma casa onde ficar e onde receber os seus amigos quando viesse à sua terra.

O escudo que se encontra na fachada não pertence ao Cardeal, mas sim a um sobrinho seu já que, foi ele quem terminou a reconstrução da casa.

◆ Casa da Câmara (antigos Paços de Concelho)

Terminada em 1680, cinco anos depois de Alpedrinha ter sido elevada a Vila. A fachada principal é em cantaria com várias varandas com grades de ferro, tem dois andares e rés-do-chão, todos divididos ao centro pela escadaria de madeira. Na frontaria, ao nível do segundo andar, tem um nicho com uma imagem de St.º António, onde esteve colocada uma sineta e que foi retirada quando o concelho foi extinto. Ao lado desse nicho, em granito fino, encontra-se o escudo das armas portuguesas, onde se pode ler a data de 1680. Desde 1855 este edifício já foi tribunal do juiz de Paz, escola primária, sala de ensaios da filarmónica, sala de espetáculos, cadeia, adega, açougue, moradia do carcereiro e coveiro e sede da Junta de Freguesia. Atualmente é a sede da Liga dos Amigos de Alpedrinha.

◆ Pelourinho

Situa-se em frente aos antigos Paços de Concelho (Casa da Câmara), mas já esteve situado uns metros mais abaixo, foi deslocado porque se encontrava em risco de cair (**Figura 22**). É constituído por uma coluna de granito escuro, duma só pedra com fuste oitavado, que apoia numa base quadrangular de quatro degraus. Por cima do fuste tem um coruchéu de base quadrangular, tendo num lado as armas portuguesas, noutro “AN1675”, noutro a esfera armilar e no último as letras “P.R.” (Pedro Regente). Está classificado pelo Igespar como IIP - Imóvel de Interesse Público pelo Decreto n.º 23 122, DG, I Série, n.º 231, de 11-10-1933.



Figura 22: Pelourinho de Alpedrinha

Fonte: Própria

◆ Casa do Páteo ou Solar dos Britos

Situa-se mesmo ao cimo da Calçada dos Britos, tem um grande pátio que ocupa toda a frontaria da casa com algumas dezenas de metros de comprimento e mais de 15m de largo (**Figura 23**). Tanto o pátio como a casa eram privilegiados, já que nele não podiam entrar justiças d'el rei. Tinha um grande portão na entrada do pátio com uma argola de ferro a que qualquer um que deitasse a mão, já não podia ser preso e foi essa argola que salvou muitos rapazes do serviço militar, num tempo em que o recrutamento era feito a gancho. O solar é um grande casarão de dois andares e lojas e varandas com grades de ferro. É composto por três corpos, sendo o do meio o mais pequeno, em cima deste ostentou-se durante séculos o brasão das armas dos Esteves de Brito, até que o último proprietário da casa a vendeu com a condição de retirar o brasão. Já no tempo dos Britos a casa estava dividida em duas partes, sendo a entrada duma delas por um grande balcão de duas lanças no meio do qual se encontra a fonte do Páteo.



Figura 23: Imagens da Casa do Páteo

Fonte: Própria

◆ Casa da Comenda

De fortíssimas paredes de cantaria, terminando em três espécies de torreões em que se apoia e reforça o edifício (**Figura 24**). A casa ergue-se como se dum castelo feudal se tratasse, é rodeada de um quintal muralhado e bonitos jardins com árvores frondosas e de grandes dimensões. Segundo António Inácio Ramos Cardoso²⁸ em "*Excursões ao pé da porta*" a denominação de Casa da Comenda vem de que "...pertencia ela primitivamente a alguma das comendas, com que os nossos antigos reis costumavam galardoar serviços, principalmente de guerra...".

²⁸ Em http://jfalpedrinha.no.sapo.pt/Alpedrinha/casa_comenda.htm



Figura 24: Casa da Comenda e guarita do muro de proteção

Fonte: Própria

◆ Casa do Barreiro

É uma casa apalaçada (**Figura 25**) com características do séc. XIX. Situa-se no Barreiro, em frente à Escola Primária e foi construída no início do séc. XX para habitação do Sr. Dr. João Cabral de Castro. Atualmente é dirigida pela afilhada e herdeira de sua esposa D.^a Francisca Cabral (a pioneira no turismo de habitação em Alpedrinha). Foi residencial, mas em 1979 a Sr.^a D.^a Laura Achamm, pessoa que fundou o turismo de habitação em Portugal, entusiasmou a Sr.^a D.^a Francisca Cabral a transformar a sua residencial em casa de turismo de habitação.



Figura 25: Casa do Barreiro

Fonte: Própria

◆ Termas da Touca

Situam-se mais ou menos a 4Km de Alpedrinha, as suas águas são águas enxofradas e já em 1825 eram conhecidas (**Figura 26**). As termas eram frequentadas nos meses de julho, agosto e setembro por centenas de pessoas que procuravam alívio às suas doenças reumáticas.

A água tem as seguintes propriedades físicas: frias, claras, cristalinas, sem cor, ingratas ao paladar, com cheiro a ovos chocos que desaparece pouco tempo depois de expostas ao ar atmosférico.

As termas encontram-se encerradas, mas renasceu a esperança para os alpetrinienses através de um acordo entre um particular e a Câmara Municipal do Fundão (proprietária das Termas).



Figura 26: Edifícios das Termas da Touca

Fonte: Própria

3.3. Afluência Turística no Concelho do Fundão

Para perceber se a estratégia que se pretende aplicar pode ou não ser viável, não é suficiente existir potencial turístico, é necessário perceber se esse potencial já atrai visitantes neste momento, o que pode ser uma importante mais-valia para a Rota.

Segundo o INE, I. P. (2012a) os Museus, Jardins Zoológicos, Jardins Botânicos e Aquários da Cova da Beira receberam 16.835 visitantes, dos quais 14,7% foram visitantes escolares.

Para obter dados mais precisos sobre a afluência turística no concelho do Fundão foi pedido à Fundão Turismo, E. M.²⁹ a disponibilização de dados acerca dos visitantes do concelho. Apesar de não existirem dados acerca da tipologia dos visitantes (idade, género, nacionalidade, entre outros) por falta de aplicação de questionários que apurem esse tipo de dados, foram prontamente cedidos os dados relativos ao número de visitantes que procuraram os Centros do Visitante do concelho nos últimos três anos. A Fundão Turismo, E. M. tem em funcionamento três Centros do Visitante no concelho, o da Aldeia Histórica de Castelo Novo, o do Palácio do Picadeiro em Alpedrinha (Centro de Interpretação da Rota da Transumância) e o da Moagem-Cidade do Engenho e das Artes no Fundão. Apesar de nem todas as pessoas que visitam o concelho se dirigirem aos Centros do Visitante, ou por desconhecimento da sua existência, ou porque preferem a informação que retiraram de folhetos informativos ou da internet, ou por outros motivos, os números disponibilizados fornecem dados suficientes para análise. Como se pode observar no **Gráfico 6** o Centro do Visitante da aldeia histórica de Castelo Novo recebe um volume de visitantes muito maior que os outros dois centros, atingindo no ano de 2011 mais de 13.000 visitantes. Esta enorme diferença pode dever-se ao facto de que Castelo Novo beneficiou de divulgação e campanhas de marketing incluídas no programa das Aldeias Históricas durante vários anos, pelo que nesse espaço de tempo foi criada uma imagem forte que atrai os visitantes.

²⁹ Empresa Municipal responsável pelos Centros dos Visitantes do concelho do Fundão, atualmente deixou de ser autónoma e foi inserida nos serviços da Câmara Municipal do Fundão

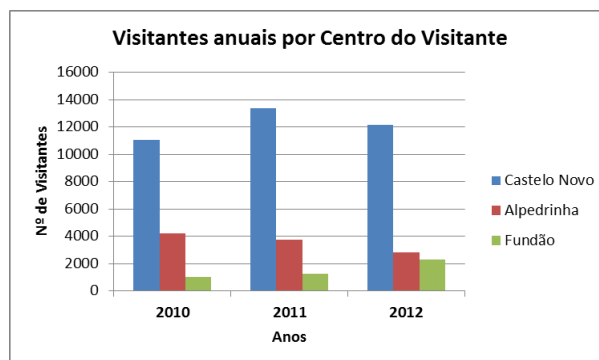


Gráfico 6: Número de visitantes dos últimos três anos por Centro de Visitante

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados da Fundão Turismo, E. M.

A vila de Alpedrinha não tem beneficiado de nenhuma campanha de comunicação dirigida especificamente ao seu potencial turístico. Apesar da vila se ter tornado bastante conhecida e falada por todo o país e até no estrangeiro devido à Feira dos Chocalhos³⁰ que se realiza no terceiro fim de semana de setembro e que atrai cerca de 40.000 pessoas (de acordo com declarações de imprensa da Câmara Municipal do Fundão e da Fundão Turismo, E. M.) durante os três dias, o interesse despertado pelo património fica muito aquém do desejado.

Para que se possa ter uma ideia mais aproximada da real afluência turística do concelho o melhor é analisar o número de visitantes de acordo com cada mês do ano. No **Gráfico 7** pode observar-se o número de visitantes que se deslocou aos três Centros do Visitante durante os meses do ano de 2010.

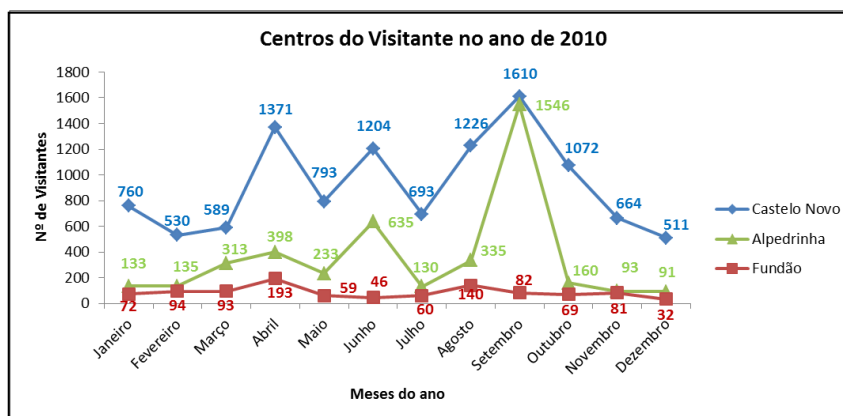


Gráfico 7: Número de visitantes no ano de 2010 nos três Centros do Visitante

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados da Fundão Turismo, E. M.

O número de visitantes de Alpedrinha teve dois picos ao longo do ano, um em junho e outro em setembro. O primeiro pico pode estar relacionado com a época da cereja já que durante este mês muitas pessoas se deslocam à vila para comprar cerejas e que aproveitam a deslocação para visitar a vila.

³⁰ Feira inserida no Festival da Transumância e que tem artesanato, gastronomia, produtos típicos e animação de ruas

O segundo pico corresponde ao mês em que se realiza a Feira dos Chocalhos, pois nas tardes da feira há muitas famílias que aproveitam para conhecer o património e visitam o Palácio do Picadeiro. Durante o resto do ano não houve grandes alterações nos visitantes, distingue-se uma pequena subida nos meses da primavera em que o tempo é mais propício para passear. O ano de 2011, como revela o **Gráfico 8** mostra que o mês de junho em Castelo Novo teve um número de visitantes muito superior ao mesmo período do ano anterior (quase o dobro), sendo o mês em que foram recebidos mais visitantes. Castelo Novo teve, em relação a 2010, um incremento de visitantes, como já se tinha verificado no **Gráfico 6**. O Centro do Visitante do Fundão teve um aumento de visitantes e o de Alpedrinha reduziu na maior parte dos meses do ano.

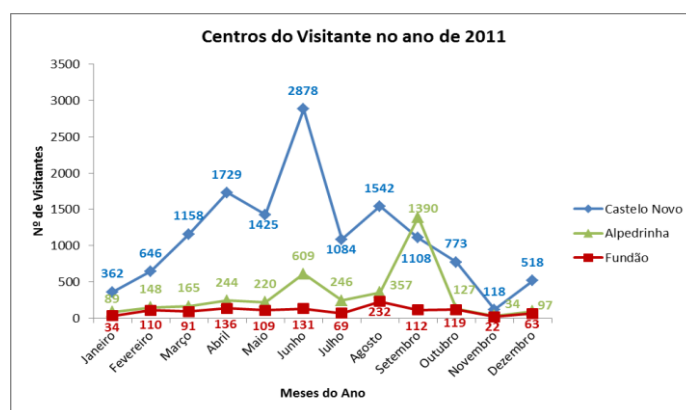


Gráfico 8: Número de visitantes no ano de 2011 nos três Centros do Visitante

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados da FundãoTurismo, E. M.

O ano de 2012, **Gráfico 9**, revela uma descida de visitantes nos Centros do Visitante, exceto no do Fundão que revelou um aumento. Os maiores aumentos de visitantes no Fundão correspondem aos meses de março e abril e podem estar relacionados com as atividades efetuadas na Quaresma, como a Quadragésima (conjunto de eventos de carácter religioso relacionados com a Quaresma e a Páscoa) e “Fundão, Aqui come-se bem: Sabores da Páscoa” (desafio gastronómico lançado aos restaurantes para reproduzirem ou criarem pratos alusivos à época).

Em Alpedrinha o maior aumento de visitantes corresponde ao mesmo período e pode estar relacionado com a crise que se fez sentir em 2012 e que continua a fazer com que muitas pessoas decidam passar as férias da Páscoa em casa de familiares ou casa própria no interior do país e que aproveitam para visitar o Palácio do Picadeiro. É interessante ver a redução de visitantes do Palácio do Picadeiro de 2011 para 2012 durante o mês de setembro, apesar dos milhares de pessoas que percorrem as ruas da vila na Feira dos Chocalhos, estas não parecem estar interessados no património e os que estão talvez já tenham visitado.

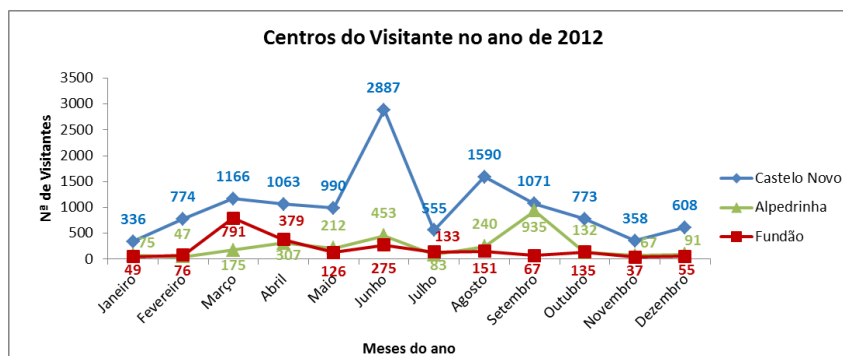


Gráfico 9: Número de visitantes no ano de 2012 nos três Centros do Visitante

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados da Fundão Turismo, E. M.

A falta de alteração dos conteúdos no Palácio do Picadeiro desde a sua inauguração em setembro de 2009, onde apenas muda o conteúdo de uma sala (a das exposições temporárias) pode causar desinteresse por voltar a visitar o centro de Interpretação da Rota da Transumância.

Esta descida de visitantes no último ano pode ser fruto da crise que vive o país, mas esta crise pode ser um fator positivo para o interior do país, porque devido à falta de meios para passar férias no estrangeiro ou nos grandes destinos, como o Algarve, muitas pessoas optam por partir à descoberta do interior do país. Para aproveitar esta oportunidade têm de se criar programas e outros atrativos para incentivar essas pessoas. Como se pode ver no **Gráfico 10**, a Fundão Turismo, E. M. delineou vários programas turísticos para atrair visitantes no ano de 2012, dos quais o Centro de Interpretação da Moagem se destacou com o maior número de visitas, facto que se pode dever à diversidade de atividades que se realizam no mesmo. Estes programas atraíram 3640 (três mil, seiscentas e quarenta pessoas), o que é uma boa perspetiva para o futuro.

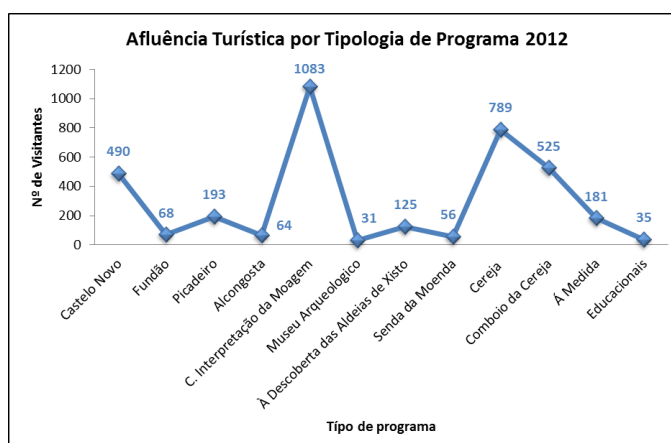


Gráfico 10: Afluência Turística de acordo com os programas de 2012

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados da Fundão Turismo, E. M.

O que se pode resumir dos gráficos anteriores é que existe alguma afluência turística, principalmente na aldeia histórica de Castelo Novo, o que parece indicar que

a estratégia de criar uma Rota Turística que faça a ligação desta aldeia com a vila de Alpedrinha pode ser uma mais-valia para cumprir os objetivos delineados.

Devido ao conhecimento que existe da vila de Alpedrinha e dos seus museus pode-se afirmar que das 2817 (duas mil, oitocentas e dezassete) pessoas que visitaram o Palácio do Picadeiro em 2012 nem $\frac{1}{5}$ visitaram os museus de Alpedrinha, talvez porque não estão criadas as condições adequadas para as visitas se realizarem e porque não há divulgação sobre os museus.

Capítulo 4. Conceção da Rota do Granito

4.1. Apresentação dos recursos associados ao percurso

Depois de definido o maior problema da Liga dos Amigos de Alpedrinha, a escassez de recursos financeiros, e de analisado o potencial da associação e da envolvente da mesma, pode definir-se uma estratégia que origine fundos monetários que possam ajudar à continuação da missão da associação.

De acordo com Carvalho (s. d.) no mundo competitivo em que vivemos, a sustentabilidade das organizações sem fins lucrativos passa também pela eficiência e eficácia das suas atividades.

Para conseguir ultrapassar as dificuldades e tornar a associação mais independente financeiramente devem definir-se estratégias que aproveitem o valor que a associação tem e o valor a que ela consegue aceder.

Resumindo, a Liga dos Amigos de Alpedrinha possui dois museus, o Museu Etnográfico e a Casa da Música António Osório de Sá. O primeiro retrata a forma de vida das gerações passadas através de objetos de uso diário, ferramentas de profissões (atualmente encontram-se quase todas extintas na vila) e roupas utilizadas pelos vários tipos de classes socioeconómicas. O segundo terá como fim apresentar a tradição musical da vila e da região. Além dos museus da associação, existem em Alpedrinha: o Museu de Arte Sacra (propriedade da Paróquia de Alpedrinha) e o Museu dos Embutidos (propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Alpedrinha). Estes museus não recebem muitos visitantes ao longo do ano, não por que não exista interesse em visitá-los, mas em parte por desconhecimento da sua existência e em parte porque as várias entidades não têm ninguém disponível para os manter abertos durante todo o dia. Isoladamente é muito difícil que as várias entidades consigam que estes museus tenham o reconhecimento necessário para poderem fazer as obras que tanto necessitam e para atrair visitantes. Mas, trabalhando em conjunto estas entidades podem vir a ver os seus museus visitados por centenas de pessoas. O principal problema de hoje em dia é que cada pessoa ou entidade tenta resolver o seu problema. Um museu sozinho não atrai um número significativo de visitantes, porque uma pessoa não se vai deslocar quilómetros para ver um museu, mas talvez se desloque se for ver seis museus, uma aldeia histórica, uma vila histórica e ainda puder fazer um trajeto único através da beleza e tranquilidade da Serra da Gardunha. O que se pretende com este projeto é que não exista apenas colaboração, que exista uma estratégia comum, porque a sua ausência faz com que décadas a chamar a atenção para a importância turística de Alpedrinha e da zona sul da Gardunha e todas as tentativas de criar uma zona turística nunca tenham produzido resultados relevantes.

Como se pretende aproveitar os recursos próprios das duas localidades e da LAA optou-se pela aposta no turismo, porque existem condições para o seu desenvolvimento:

- ◆ Alpedrinha possui ótimas condições naturais, pois encontra-se a 556 m de altitude na Serra da Gardunha, o que a transforma numa vila que goza de todo o esplendor natural próprio da serra;
- ◆ Devido à forma da Serra da Gardunha que cria uma espécie de concha protetora que envolve e protege a vila, existem condições climatéricas muito favoráveis que fazem com que o inverno seja ameno e protegido de grandes geadas e o verão mais fresco.
- ◆ A hospitalidade dos alpetrinienses é bem conhecida a nível nacional, pois o Prof. José Hermano Saraiva, no seu programa de Natal “Nasceu uma Estrela em Belém” (gravado quase integralmente em Alpedrinha) declarou que Alpedrinha é a capital do Bem-haja. A verdade é que os alpetrinienses gostam de receber todas as pessoas que se deslocam à vila ou que decidem viver nela. O lema é que todos são bem-vindos e são recebidos como se de família se tratasse, como por exemplo na Feira dos Chocalhos onde as lojas de artesanato, os restaurantes e tascas são organizados no rés-do-chão das casas da zona histórica. Todos os que visitam esta feira consideram um atrativo muito peculiar poder entrar dentro das casas e até apreciar objetos pertencentes às famílias.
- ◆ A cultura é um dos grandes atrativos da vila de Alpedrinha devido a vários fatores: pela quantidade de monumentos, pelos museus, pelo artesanato típico, pela conservação dos eventos e tradições religiosas, pela gastronomia típica e pela preservação dos usos e costumes.

Para melhor compreender o potencial turístico da vila de Alpedrinha e perceber o que se pode aproveitar para a Rota do Granito foi elaborada uma Classificação dos Recursos Turísticos da vila, **Quadro 5**. O Recurso Turístico foi definido no Plano Nacional de Turismo de 1986-1989 como “todo o elemento natural, atividade humana ou seu produto, capaz de motivar a deslocação de pessoas ou de ocupar os seus tempos livres”.

Nos recursos turísticos da vila de Alpedrinha apresentados no **Quadro 5** importa destacar dentro dos recursos primários, o património natural constituído pela Serra da Gardunha e o património cultural monumental que engloba cerca de uma dezena de edifícios religiosos e mais de quinze edifícios civis, cujas construções remontam há séculos como a Igreja Matriz e a Calçada Romana. Nos recursos turísticos secundários destaca-se a gastronomia e vinhos ricos em sabores únicos como é o caso da Perdiz de Escabeche e dos magníficos licores, destacando-se ainda os maravilhosos vinhos caseiros e as aguardentes produzidos em adegas particulares que os visitantes podem beber na Feira dos Chocalhos. Ainda nos vinhos deve salientar-se o “Alpedrinha” branco e tinto produzido na Adega Cooperativa do Fundão com uvas de Alpedrinha e que tem recebido várias medalhas nacionais e estrangeiras.

Quadro 5: Classificação dos Recursos Turísticos da Vila de Alpedrinha

Tipos de Recursos		Recursos
PRIMÁRIOS	Património	Natural
		Serra da Gardunha
	Cultural	Capela de S. Sebastião, Capela do Espírito Santo, Igreja Matriz, Capela do Sr. da Oliveira, Capela de St ^o António, Igreja da Misericórdia, Cruzeiro, Capela de St ^a Catarina, Capela do Anjo da Guarda
		Palácio do Picadeiro, Casa da Comenda, Estalagem S. Jorge, Solar dos Pancas, Janelas Manuelinas, Casa do Pátio, Paços do Concelho, Casa Solarenga, Largo D. João V, Largo da Igreja, Calçada Romana, Fonte do Leão, Pelourinho, Chafariz D. João V, Rua Histórica, Fonte do Pátio, Fonte do Espírito Santo
	Monumental	Museu dos Embutidos, Museu Etnográfico, Casa da Música António Osório de Sá, Museu de Arte Sacra, Teatro, Rancho Folclórico, Grupo de Música Popular
		Embutidos, Trapologia, Trabalho em cordas, Rendas
		Termas da Touca (fechadas); Quinta do Anjo da Guarda (piscina, bangalós e restaurante) fechada
	Terrestres	Podem organizar-se passeios pedestres, jogos de futebol no polidesportivo, jogos tradicionais
		A Serra da Gardunha tem condições para parapente e asa delta
	Aéreas	Peregrinação à Capela do Anjo da Guarda (3 ^o Domingo de Agosto), tradições religiosas
	Religião	Liga dos Amigos de Alpedrinha - local para exposições, Teatro Clube de Alpedrinha – Teatro, Casa do Povo de Alpedrinha
	Artes e espetáculos	Biblioteca da LAA
		Zona de caça (Pangalunas), Tiro aos Pratos
	Desportivos	
	Atividades	Desportivas
	Equipamentos	Culturais

Quadro 5: Classificação dos Recursos Turísticos da Vila de Alpedrinha (Cont.)

PRIMÁRIOS	Equipamentos	Recreativos	Polidesportivo (não está totalmente terminado), Campo de Futebol, (terra batida) Piscina (água da nascente)
	Eventos	Culturais	Romaria do Anjo da Guarda, Procissões nas festas, Exposições temáticas, Noites Culturais, Feira dos Chocalhos
SECUNDÁRIOS	Atividades	Desportivos	Torneio Futsal, corrida de obstáculos com motas
		Gastronomia e Vinhos	Pratos Típicos: Perdiz de Escabeche, Migas de Grão, Cabrito d' Alpedrinha, Joelho de Porca, Cristas de Galo, Empadas, Sandes de carne assada, Enchidos, Queijos, Pão Caseiro, Mel, Torta de Chocolate, Picas de ovos, Arroz doce, Papas de carolo, Tigelada, Pudim de ovos, Papos de Anjo Jeropiga, Aguardente, Vinho "Alpedrinha", Licores
		Compras	Estabelecimentos comerciais
	Equipamentos	Animação e Vários	Restaurantes e similares
			Centros e pólos de comércio, retalhista local
		Turismo	Apartmentos - Quinta do Anjo da Guarda (fechado), Casa do Barreiro (TH-fechado), Pensão Clara, Termas da Touca (fechado)
	Equipamentos	Transportes	Paragem do Autocarro, Estação de Caminho-de-ferro
		Infraestruturas Sociais	EN18 - Atravessa a Vila, A23 - Nó de acesso a 3 km, Estradas Municipais
		Comunicações	Telefones Públicos, projeto para rede wireless na Vila
		Abastecimento	Bombas de abastecimento

Fonte: Elaboração Própria

Também os acessos são um recurso fundamental em qualquer destino que pretende assumir-se como turístico, como se pode ver a vila está bem servida nesse ponto, não só para os que se deslocam de carro, mas também para os que preferem desfrutar das paisagens da Beira Baixa deslocando-se de comboio.

Um ponto menos favorável que se deve ter em conta é a questão do alojamento e da restauração que é limitado na vila de Alpedrinha, contudo as infraestruturas existem e estão prontas a funcionar e existem privados que estão a iniciar os procedimentos obrigatórios para reabrir o Restaurante Papo d’ Anjo, a piscina, os dez apartamentos turísticos, a Casa de Turismo de Habitação e as Termas da Touca.

A estratégia aqui proposta é a criação de uma Rota Turística que envolva o grande potencial que existe em Alpedrinha e seus arredores. Esta rota irá englobar os museus de Alpedrinha e de Castelo Novo e a Serra da Gardunha, ou seja, a rota será uma união entre a história e cultura dos povos destas localidades, representada pelas criações do homem ao longo de séculos e a beleza natural e paisagística da Serra da Gardunha. Em comum, o granito, pedra típica destas localidades, usada durante séculos para construir as casas, o castelo, monumentos, fontes, o palácio e que no seu estado mais puro e bruto desperta curiosidade e intriga os que observam as formações rochosas da Gardunha.

De acordo com o Turismo de Portugal (2007), independentemente da motivação primária, 50% dos turistas executam atividades de lazer relacionadas com Passeios Pedestres, Experiências Gastronómicas e visitas a Monumentos, como se pode ver na **Figura 27** e dos visitantes da Região Centro, como se vê na **Figura 2**, 66,2% são atraídos pelo Touring Cultural e Paisagístico. Assim, esta Rota Turística vem de encontro às potencialidades da região a nível turístico e está em harmonia com a história, recriando a ligação entre Castelo Novo e Alpedrinha mais interessante e mais antiga (ainda existem troços de calçada romana ao longo do percurso proposto).

A rota vai chamar-se Rota do Granito porque é a rocha predominante na Serra da Gardunha e as freguesias de Castelo Novo e de Alpedrinha têm a maioria das suas casas construídas em granito, incluindo os edifícios que acolhem os museus que vão ser incluídos na rota. A Rota do Granito será uma viagem pela história e tradição desta zona ao longo dum caminho rodeado de granito. Depois de implementada a rota será submetida a homologação por parte da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (entidade que regulamenta este tipo de atividade) cumprindo o regulamento estipulado e que pode ser consultado em www.fcmportugal.com.



Figura 27: Atividades de Lazer praticadas pelos turistas em Portugal

Fonte: Turismo de Portugal (2007)

4.2. Definição do percurso da Rota do Granito

A Rota do Granito é definida como uma Pequena Rota (percurso inferior a 30 Km) com um percurso linear que começa na aldeia histórica de Castelo Novo com a visita ao Núcleo Museológico, continua subindo o troço de Calçada Romana junto à ribeira de Alpreada e atravessa a Serra da Gardunha. O percurso passa junto às antenas da Rádio Televisão Portuguesa (R.T.P.), cujo terreno pertence à Freguesia de Alcongosta e segue até à Portela (separação de Alcongosta e Alpedrinha) descendo em direção à vila de Alpedrinha pela Calçada Romana até ao Palácio do Picadeiro para visitar o Centro de Interpretação da Rota da Transumância propriedade da CMF, após a visita desce-se o último troço de Calçada Romana e segue-se em direção à Igreja Matriz para visitar o Museu de Arte Sacra da Paróquia de Alpedrinha. O museu seguinte da rota é a Casa da Música, propriedade da Liga dos Amigos de Alpedrinha e logo em seguida o Museu Etnográfico que pertence à mesma associação. A rota termina com a visita ao Museu dos Embutidos da Santa Casa da Misericórdia de Alpedrinha. Durante o percurso pela vila de Alpedrinha é possível apreciar o património histórico e as curiosidades que fazem da zona histórica em si um museu, como as janelas manuelinas, as casas senhoriais, as casas típicas com as varandas de madeira, as janelas decoradas com rendas, entre outros.

Para que a Rota do Granito possa ser implementada com sucesso é necessário que sejam realizadas várias melhorias e procedimentos. Para melhor se poder identificar

as ações que são necessárias à implementação da rota, as melhorias e procedimentos serão divididos em três fases principais que vão coincidir com as três partes principais em que se divide a rota, **Figura 28**:

A – Aldeia Histórica de Castelo Novo

B – Percurso pela Serra da Gardunha

C – Vila de Alpedrinha

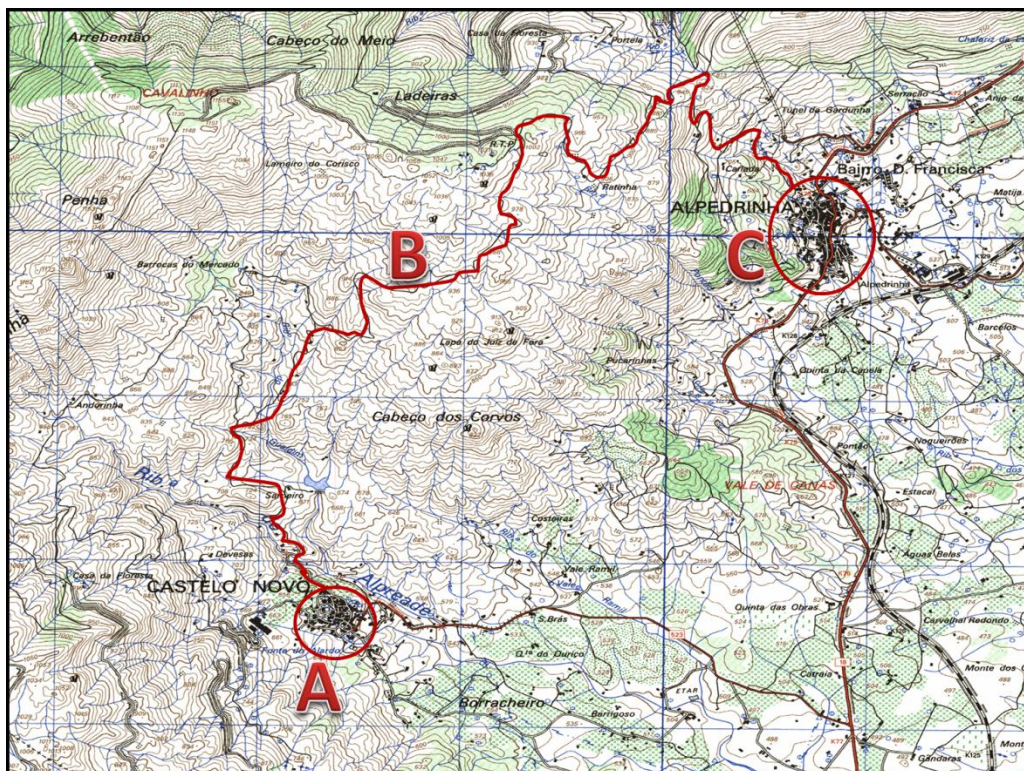


Figura 28: Mapa Geral da Rota do Granito e identificação das fases

Fonte: Adaptado do Instituto Geográfico do Exército

Objetivos específicos da Rota do Granito

- ◆ Incentivar a proteção do património natural, histórico e cultural;
- ◆ Dar maior notoriedade à associação, à vila e às entidades envolvidas;
- ◆ Gerar receitas para cumprir a missão da LAA e as obras necessárias para melhorar a rota e para a requalificação da Casa da Música a serem realizadas numa 2ª Fase;
- ◆ Promover o artesanato local e incentivar os artesãos a produzi-lo;
- ◆ Dar aos artesãos a possibilidade de expor e vender o seu artesanato num local fixo dentro da Rota do Granito;

- ◆ Incrementar o comércio no circuito da rota.

4.3. Ações Previstas

Como referido anteriormente, para poder implementar a Rota do Granito têm de efetuar-se uma série de melhorias e procedimentos a que se vai chamar ações. O primeiro passo é dividir as três fases do projeto e analisar em pormenor cada parte do percurso para definir as ações a realizar em cada uma. As fases definidas e as ações que aqui vão ser propostas para a implementação da Rota do Granito foram delineadas quando se procedeu ao reconhecimento do percurso para a rota.

4.3.1. Fase A - Castelo Novo

A aldeia histórica de Castelo Novo [Aldeias Históricas de Portugal, (2000)] pertence ao concelho do Fundão e localiza-se na zona sul da Serra da Gardunha a 703 m de altitude. De acordo com os elementos encontrados nas escavações arqueológicas realizadas na aldeia, a sua ocupação recua até ao tempo do Neolítico e Calcolítico. O topónimo de Castelo Novo resulta do facto de terem existido dois castelos e este ser o mais recente. A povoação Castelo Novo aparece documentada a partir do séc. XIII, tendo-lhe sido atribuído foral em maio de 1202, o que transformou a aldeia no concelho mais antigo do Município do Fundão.

A aldeia está repleta de solares e casas senhoriais que atestam a importância dos antigos habitantes de Castelo Novo e da própria aldeia. O casario constituído na sua maioria apenas por rés-do-chão e 1º andar reflete a construção típica da Beira Baixa. Conhecida como a fonte da Gardunha, a aldeia tem ainda a funcionar uma empresa de comercialização de água de nascente “Alardo”, que juntamente com as explorações agrícolas fazem parte das poucas fontes de emprego da aldeia. Durante a maior parte do ano a aldeia parece deserta, mas no verão enche-se de vozes e risos dos que regressam à sua terra natal para passar férias ou rever a família.

Como foi definido anteriormente, a Rota do Granito inicia-se em Castelo Novo para visitar o Núcleo Museológico. Na **Figura 29** pode observar-se a planta da aldeia e foram assinalados oito pontos ao longo do percurso e que correspondem às ações que é necessário realizar:

1 – Colocação de painel informativo (**Figura 30**) com o mapa geral da Rota do Granito e da planta da aldeia histórica com os pontos de interesse devidamente assinalados, dando destaque ao percurso da rota e ao Núcleo Museológico.

2 – Local para estacionar os carros ou para que os autocarros deixem os grupos que vão fazer a rota.



Figura 29: Planta da Aldeia Histórica de Castelo Novo

Fonte: Alterado a partir de <http://www.aldeiahistoricasdeportugal.com/ahp.htm>

3 – Colocação de placa de sinalização a indicar o sentido em que se deve seguir para ir visitar o Núcleo Museológico. A placa deverá ser de madeira, com um formato que se adeque à envolvente e colocada num local visível.



Figura 30: Exemplo de painel informativo

Fonte: Imagem retirada de www.google.pt/images

4 – Visita ao Núcleo Museológico de Castelo Novo. Este núcleo museológico tem várias peças recuperadas nas escavações arqueológicas realizadas na aldeia e que testemunham a história da mesma. O espólio é pequeno porque ainda se encontram muitas das peças recuperadas em Lisboa a aguardar catalogação, mas assim que esse trabalho estiver realizado passarão a fazer parte do espólio do núcleo (**Figura 31**).



Figura 31: Imagens do Núcleo Museológico: moedas, utensílios e uma pedra ornamentada

Fonte: Própria

5, 6 e 7 – Colocação de sinalética a indicar como chegar à Calçada Romana de Castelo Novo.



Figura 32: Exemplo de painel informativo (enquadra-se perfeitamente no meio envolvente)

Fonte: resopre.pt

8 – Colocação de um painel de informação (**Figura 32**) para que as pessoas possam consultar informações acerca do percurso pela Serra, como o tipo de fauna, flora e outras informações pertinentes como os quilómetros de subida. Subida da Calçada Romana (**Figura 33**).



Figura 33: Imagens do caminho de acesso à calçada e da Calçada Romana

Fonte: Própria

4.3.2. Fase B - Percurso pela Serra da Gardunha

A fase B (**Figura 34**) corresponde ao percurso pedestre a realizar pela Serra da Gardunha desde a aldeia histórica de Castelo Novo até à Vila de Alpedrinha. Todo este percurso é feito por caminho público que começa com a Calçada Romana de Castelo Novo que tem uma extensão de aproximadamente 100 m e continua por caminho de terra batida que sobe a serra e a atravessa até à Portela (limite entre Alpedrinha e Alcongosta), continuando em Calçada Romana com uma extensão de cerca de 1400m até ao Palácio do Picadeiro.

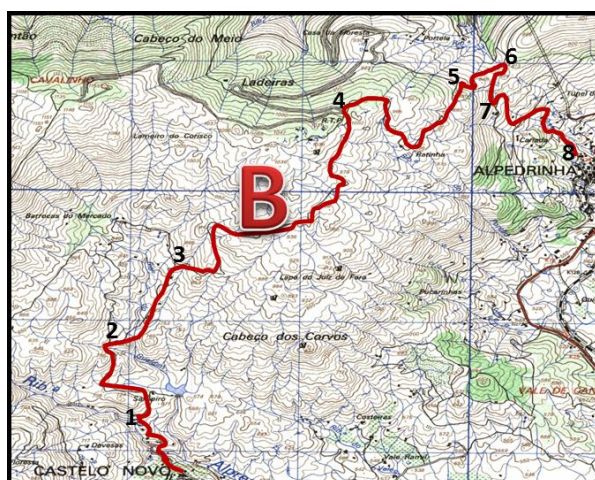


Figura 34: Mapa do Percurso a realizar pela Serra da Gardunha (Fase B)

Fonte: Adaptado do Instituto Geográfico do Exército

Durante o reconhecimento deste percurso foi possível elaborar um diagnóstico interno e externo à Serra da Gardunha através do levantamento dos pontos fortes e fracos e também das oportunidades e ameaças (Análise SWOT) que podem existir para realizar este percurso. A análise SWOT (**Quadro 6**) além de apresentar estes quatro pontos, apresenta possíveis soluções para aproveitar os pontos fortes e as oportunidades de forma a amenizar ou eliminar os efeitos dos pontos fracos e das ameaças. Os principais pontos fortes e oportunidades da Serra da Gardunha são a beleza natural, a tranquilidade, a existência da *Asphodelus bento-rainhae*, a facilidade para sinalizar o percurso da rota, as formações rochosas, a fauna e a flora e a acessibilidade dos caminhos para os meios de transporte, o que facilita a manutenção do percurso. Como pontos fracos e possíveis ameaças destaca-se a descida acentuada na Calçada Romana em Alpedrinha, os arbustos que quase tapam a calçada, os incêndios que deixaram grande parte da serra sem árvores e as águas pluviais que no inverno correm pela Calçada Romana deixando-a escorregadia. Para aproveitar o melhor da Serra da Gardunha, reduzindo os pontos menos bons devem implementar-se algumas medidas, como fazer a limpeza de arbustos na calçada várias vezes no ano, sensibilizar os responsáveis pela reflorestação da serra para a ameaça das giestas que existem na zona reflorestada e que ameaçam o desenvolvimento das árvores,

sensibilizar a Junta de Freguesia de Alpedrinha para a necessidade de desviar o curso das águas pluviais da calçada, realizar protocolos com a associação de caça “Os Pangalunas” para atrair visitantes e criar possíveis alternativas para quem deseje realizar a rota mas que não seja adepto do pedestrianismo.

Serra da Gardunha - Ações previstas:

1 a 3 – Colocação de postes de sinalização (**Figura 35**) nos entroncamentos com a indicação do caminho a seguir. Entre o ponto 3 e 4 colocar um poste de sinalização que indique que segue pelo caminho correto.



Figura 35: Exemplos de sinalização de rotas (a indicar a direção a seguir e a indicar que o caminho é o correto)

Fonte: solasrotas.org e radiopico.com

Na **Figura 36** podem observar-se alguns troços do percurso com entroncamentos que necessitam de sinalização da direção a seguir (na primeira e segunda imagem) e grandes extensões de terreno onde se devem colocar postes de sinalização a indicar que o caminho é o correto (nas duas últimas imagens).



Figura 36: Imagens de vários pontos do percurso pela Serra da Gardunha

Fonte: Própria

Quadro 6: Análise SWOT da Serra da Gardunha

ANÁLISE EXTERNA		ANÁLISE INTERNA	
O (OPORTUNIDADES) / OPORTUNIDADES		S (STRENGTHS) / PONTOS FORTES	W (WEKESSES) / PONTOS FRACOS
<ul style="list-style-type: none"> - As formações rochosas peculiares - As aves que nidificam na Serra da Gardunha - A associação de caça de Alpedrinha “Os Pangalunas” vai transformar a área da Serra da Gardunha que pertence à vila em reserva de caça - Caminho acessível a pé e a meios de transporte 		<ul style="list-style-type: none"> - É fácil sinalizar o caminho - Beleza natural da serra - Tranquilidade e o ar puro - <i>Asphodelus benton-rainhae</i>, planta endêmica (exclusiva) da Serra da Gardunha 	<ul style="list-style-type: none"> - A parte inicial do percurso tem uma subida extensa, mas não é acentuada - O final do percurso pela serra é a calçada Romana em Alpedrinha, uma descida acentuada - Calçada Romana em Alpedrinha tem muitos arbustos que quase obstruem a passagem
<ul style="list-style-type: none"> - Atratividade para vários tipos de pessoas com gostos diversificados, como estudo das formações rochosas, observar aves - Representa uma oportunidade perfeita para observar a <i>Asphodelus benton-rainhae</i> - Estabelecer parceria com a associação de caça de forma a incentivar os caçadores que se deslocam em grupo (batidas e esperas) a trazer as famílias com eles. Enquanto eles caçam, as famílias fazem a Rota do Granito e no final podem almoçar todos juntos. - Possibilidade de atrair grupos de pessoas que preferiram deslocar-se em bicicleta, moto quatro ou jipe <p>(com uma alteração do percurso para não danificarem a Calçada Romana)</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Com a reflorestação e a recuperação natural de vegetação, a Serra da Gardunha voltará a estar coberta em poucos anos - Sensibilizar as entidades competentes para a necessidade de controlar o crescimento das giestas nas zonas reflorestadas para possibilitar o desenvolvimento das árvores - Sensibilizar os responsáveis para redirecionar as águas baldias para fora da Calçada Romana - Criar documentação de informação e sensibilização apelando à proteção da natureza e incentivar as pessoas a serem responsáveis e a chamar a atenção de quem não o seja 	<ul style="list-style-type: none"> - Aproveitar os meios de divulgação da rota para sensibilizar as pessoas para o perigo dos incêndios - Sensibilizar os agricultores que têm quintas na serra para a proteção do meio ambiente e as vantagens que daí podem retirar - Sensibilizar os pastores para comunicarem às entidades competentes, movimentos suspeitos e da presença de materiais estranhos, como garrafas, entulhos e outros
<p>T (THREATS) / AMEAÇAS</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os incêndios dos últimos anos consumiram grande parte da flora natural - A Calçada Romana em Alpedrinha desde a ponte da A23 até ao Palácio do Picadeiro está coberta de terra desde a construção da A23 - Excesso de giestas na zona reflorestada, além de impedirem o crescimento das árvores plantadas, é perigoso em caso de incêndio - A água das chuvas acumulada nas quintas desce pela Calçada Romana (em Alpedrinha), arrastando terra e pondo em perigo a conservação da mesma - Há a possibilidade de a envolvente poder ser prejudicada por algumas pessoas 			

Fonte: Elaboração Própria

4 – Colocação de sinalização a indicar qual o desvio (aproximadamente 300m) para ir às antenas da R. T. P., é um ponto mais alto, com vistas panorâmicas e ótimo para desfrutar do lanche, **Figura 37**.



Figura 37: Imagens das antenas e da vista que se pode apreciar

Fonte: Própria

5, 6 e 7 – Colocação de postes de sinalização do caminho a seguir (**Figura 38**).



Figura 38: Imagens de vários pontos que precisam de sinalização

Fonte: Própria

Entre o ponto 7 e 8 (Calçada Romana de Alpedrinha) – Limpeza de matos e arbustos que se estendem para a calçada, reencaminhamento das águas baldias que prejudicam a calçada, arrastando terra e tornando o solo menos duro, o que possibilita a movimentação das pedras da calçada, deixando-a cada vez mais irregular e com pedras quase soterradas. Limpeza da Calçada Romana desde a ponte da A23 até ao Palácio do Picadeiro que se encontra completamente soterrada, como se pode ver na última imagem da **Figura 39**.



Figura 39: Imagens de pontos da Calçada Romana que se encontram com excesso de vegetação e com pedras soterradas

Fonte: Própria

8 – Colocação de um painel informativo junto ao Palácio do Picadeiro com informação sobre a última parte da Rota do Granito, a visita aos museus da Vila de Alpedrinha. Requalificar o largo junto ao Palácio do Picadeiro (2ª Fase) que se encontra em terra batida, colocando umas mesas de madeira ou pedra e bancos, plantar flores e pequenas árvores, criando assim um parque de merendas para quem prefira trazer a merenda (**Figura 40**).



Figura 40: Largo Junto ao Palácio do Picadeiro e à Capela de S. Sebastião

Fonte: Própria

Para o percurso pela Serra da Gardunha não são propostas nenhuma estruturas de apoio, como por exemplo miradouros, porque depois de fazer o percurso concluiu-se que a serra é por si só um magnífico miradouro como se pode ver pelas imagens da **Figura 41**, pelo que não é necessário fazer mais alterações na paisagem que as que já foram feitas pelo ser humano.



Figura 41: Imagens das vistas que há na Serra da Gardunha

Fonte: Própria

4.3.3. Fase C - Museus da Vila de Alpedrinha

A fase C do projeto para a Rota do Granito inclui os museus da vila de Alpedrinha, alguns dos quais têm projetadas várias melhorias para o ano de 2013, de forma a torná-los adequados para receber os visitantes. Na planta da vila (**Figura 42**) estão assinalados os museus que vão fazer parte da Rota do Granito e em seguida vai proceder-se à enumeração das ações necessárias em cada um, algumas das quais serão realizadas ainda no ano de 2013, antes da implantação da rota e outras serão realizadas durante a 2ª Fase, num período a médio/longo prazo depois da rota implementada.

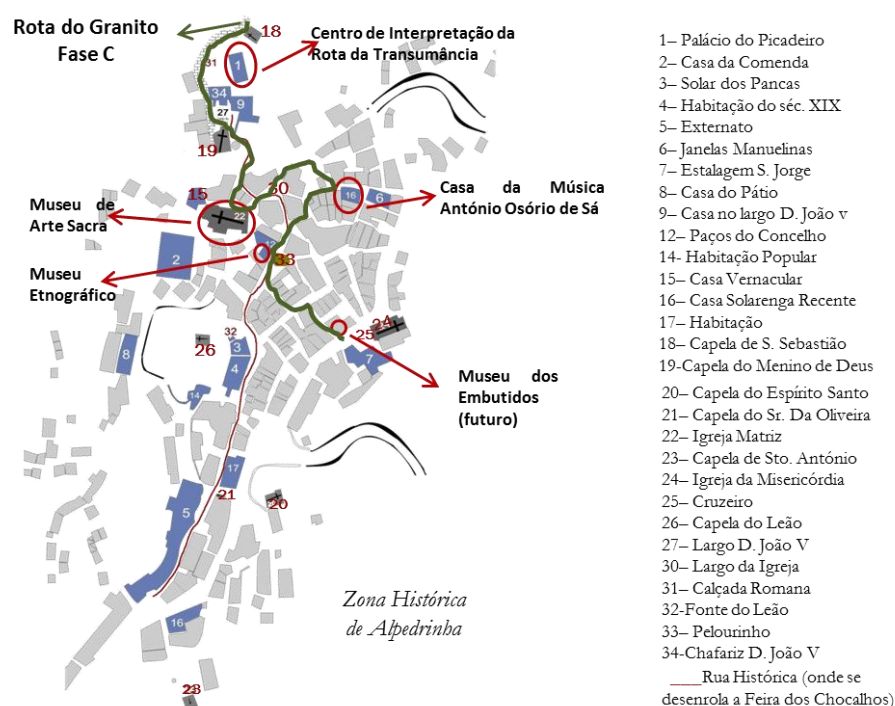


Figura 42: Planta de Alpedrinha com destaque para os museus

Fonte: Elaboração própria a partir da planta cedida pela Junta de Freguesia de Alpedrinha

Para que as ações a realizar estivessem em sintonia com a própria vila foi elaborada uma análise SWOT para analisar a vila a nível interno e externo e propor assim melhorias adequadas, **Quadro 7**.

Quadro 7: Análise SWOT da Vila de Alpedrinha

ANÁLISE INTERNA		ANÁLISE EXTERNA	
S (STRENGTHS) / PONTOS FORTES	W (WEAKNESSES) / PONTOS FRACOS	O (OPPORTUNITIES) / OPORTUNIDADES	T (THREATS) / AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none"> - Património histórico e cultural intactos - Autenticidade - mantêm os usos e costumes quase intactos - Acessos - à vila pode aceder-se através da EN18, pela A23 e de comboio pela linha de caminho-de-ferro da Beira Baixa - Clima fresco no Verão por se localizar na Serra da Gardunha - Proximidade a Espanha (113 Km a Fuentes de Oñoro e 72,5 Km a Valverde del Fresno) - Qualidade e autenticidade da gastronomia - Agenda Cultural diversificada a cargo das Associações culturais - Hospitalidade dos alpetrinenses 	<ul style="list-style-type: none"> - Não existe divulgação adequada do património da vila - Encerramento recente de vários serviços ligados ao turismo (restauração e alojamento) - Ausência de uma estratégia turística adequada que envolva as entidades detentoras dos museus e os artesãos - Pouco interesse por parte das entidades responsáveis pelo turismo do concelho em criar parcerias com as entidades de Alpedrinha - Desconhecimento/desinteresse por parte das entidades responsáveis pelo turismo do concelho do verdadeiro potencial da vila - Inexistência de um espaço onde os visitantes possam ver e adquirir peças de artesanato típico da vila - Inexistência de formação especializada em turismo, nomeadamente na história, património e cultura da vila. - Desinteresse dos próprios alpetrinenses pelo património da vila 	<ul style="list-style-type: none"> - Aproveitar as épocas em que se deslocam pessoas à vila para comprar fruta, para criar programas que despertem o interesse pelo património histórico e cultural - Criar programas turísticos que envolvam as potencialidades da vila, durante as tardes da Feira dos Chocalhos - Divulgação adequada da vila nas redes sociais e na internet para que as pessoas que usam a vila como ponto de passagem, se sintam tentadas a parar e visitá-la - Aproveitar a localização privilegiada da vila em relação às aldeias históricas e ao mercado espanhol 	<ul style="list-style-type: none"> - Realidade económica do país - Novo regulamento para a requalificação e construção de casas na zona histórica (a falta de apoios para a requalificação pode provocar desinteresse nas casas e o seu consequente abandono - degradação da zona histórica) - Dificuldade em conseguir fundos para a restauração do património arquitetónico - Crescente desinteresse/medo dos privados para apostar em empresas do ramo turístico - Colocação de questionários na A23 - Inexistência de questionários adequados aos visitantes do concelho para adequar a oferta à procura e para campanhas de comunicação adequadas ao público-alvo.

Fonte: Elaboração Própria

Na análise SWOT elaborada para a vila de Alpedrinha destacam-se o património histórico e natural, o clima, os acessos, a hospitalidade, a localização, a Feira dos Chocalhos, as Termas da Touca e a qualidade dos seus produtos como pontos fortes e oportunidades. A falta de promoção adequada, a ausência de uma estratégia turística adequada aos recursos turísticos da vila, as dificuldades económicas do país e as dificuldades para conseguir apoios para requalificação e proteção do património são os principais pontos fracos e ameaças que travam o desenvolvimento turístico da vila.

Para combater os pontos negativos podem aproveitar-se os recursos e as oportunidades que existem para criar medidas efetivas, como criar programas que despertem o interesse pelo património histórico e cultural durante as épocas em que se deslocam mais pessoas à vila, nomeadamente na época da fruta (cereja, pêssego, framboesa) e durante os períodos em que muitas pessoas passam férias em Alpedrinha (Páscoa, Natal, Verão). Uma oportunidade que não se pode desperdiçar e que importa realçar é aproveitar a crise económica do país para criar estratégias que atraiam as pessoas que querem passar férias, mas que não se podem deslocar para o estrangeiro ou para zonas turísticas mais frequentadas como o Algarve.

◆ Centro de Interpretação da Rota da Transumância

Instalado no Palácio do Picadeiro pertence à Câmara Municipal do Fundão e tem como objetivo principal dar a conhecer aos visitantes um pouco do mundo da transumância de uma forma dinâmica e moderna. As salas interativas transportam o visitante pelas pastagens no meio dos rebanhos através das imagens e dos sons, mas também o ajudam a viajar pelas várias localidades do concelho através de um jogo (Coordenadas). Como se pode observar na **Figura 43** o visitante vai-se deslocando num tapete interativo, em que cada círculo faz projetar imagens duma localidade na parede, cabe ao visitante descobrir pelas imagens em que localidade se encontra. O Palácio tem ainda duas salas destinadas a exposições, uma delas temporária e a outra com exposições mais duradouras e que atualmente expõe alguns dos móveis de embutido pertencentes à Santa Casa da Misericórdia de Alpedrinha até que as obras do museu estejam finalizadas.



Figura 43: Coordenadas no Palácio do Picadeiro

Fonte: http://www.cm-fundao.pt/oquefazer/Casas_e_Museus/Palacio_do_Picadeiro

◆ Museu de Arte Sacra

Este museu (**Figura 44**) pertence à Paróquia de Alpedrinha e faz parte do espólio da Igreja Matriz. Constituído por peças religiosas com centenas de anos e que infelizmente poucos alpetrinienses conhecem devido ao local onde se encontram a maior parte das peças. A Paróquia vai apresentar pela segunda vez uma candidatura a apoios para aquisição de vitrinas que permitam expor este magnífico espólio na coxia da Igreja, já que possui muito espaço livre.

Deste magnífico espólio fazem parte opas bordadas a fio de ouro, esculturas de santos com várias centenas de anos, artefactos para celebração da missa, entre outros. Considerado como o segundo espólio religioso mais importante e valioso da diocese da Guarda (a seguir à Sé da Guarda), estão a ser realizados todos os esforços para conseguir dar-lhe a dignidade que merece. Seguem-se imagens de algumas das peças que fazem parte deste espólio.

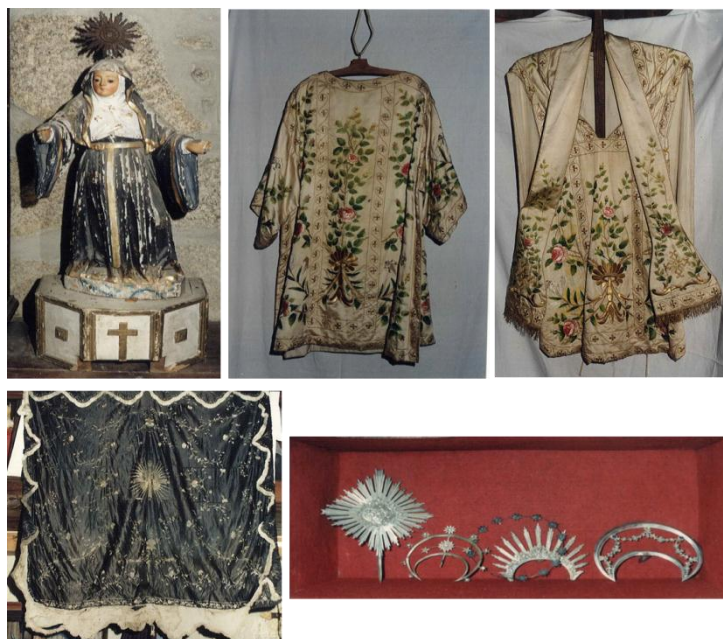


Figura 44: Imagens de algumas peças do Museu de Arte Sacra

Fonte: Paróquia de Alpedrinha

◆ Casa da Música António Osório de Sá

Em dezembro de 2009 a Dr.^a Prazeres da Conceição Osório de Sá (**Figura 45**), viúva de António Osório de Sá doou a casa da família de seu marido na Rua Feliciano Mendes de Matos, última propriedade que restava em Alpedrinha desta família, à Liga dos Amigos de Alpedrinha. Esta doação foi feita com o objetivo de que a casa viesse albergar um museu de música, já que a família Osório de Sá é conhecida a nível nacional pelos seus dotes musicais. A razão para que a casa fosse doada à Liga dos Amigos de Alpedrinha foi que esta associação já tinha no Museu Etnográfico um bom espólio musical, nomeadamente grande parte dos instrumentos das antigas bandas filarmónicas de Alpedrinha, várias partituras para bandas filarmónicas escritas pelo Padre Parente, um dos fundadores da associação e várias partituras oferecidas pela Família Osório de Sá. Desta forma, considerou esta benemérita que entre o espólio que possuía e a história musical da própria associação, que teve vários grupos musicais durante a sua existência, era esta a associação indicada para se encarregar de transformar a casa num museu de música que honre os antepassados musicais de toda a vila (que foram muitos).

Motta (1933) fala na Monografia de Alpedrinha da tradição musical da vila e dedica as seguintes palavras à Família Osório:

“Inúmeras foram, no tempo áureo da música em Alpedrinha, as orquestras, filarmónicas e tunas, principalmente no tempo dos Osórios.

[...] António Osório d’Azevedo e Manoel Osório, continuadores do pai, que tanto lustre deram às funções da Igreja, principalmente às de Semana Santa, conseguindo imprimir-lhes um cunho especial de superioridade e bom gosto, apreciadas por quantos as ouviam, e que tantas centenas de forasteiros atraíam.”



Figura 45: Fotografias de António Osório de Sá e Prazeres da Conceição Osório de Sá

Fonte: Liga dos Amigos de Alpedrinha

A última pessoa da família em Alpedrinha que tinha dotes musicais e os desenvolveu foi a D.^a Delfina Osório, tia de António Osório de Sá e que era detentora de tais dotes musicais que os jornais da época os destacavam e elogiavam a criança de 6 anos que tinha aprendido a tocar piano em casa com seu avô. Durante a sua vida foi uma bênção para vários grupos musicais que foram surgindo e para todos os que a ouviam tocar o órgão de tubos da Igreja Matriz durante as cerimónias religiosas. Sem herdeiros diretos, a última proprietária não quis que a herança musical da família de seu marido se perdesse e resolveu então garantir através da doação que as gerações vindouras pudessem um dia saber quem foram os Osórios e principalmente a grande tradição musical da vila de Alpedrinha.

A casa como todas as casas antigas que ficam desabitadas durante algum tempo precisa de grandes obras. A Direção da LAA tem realizado obras a nível da estrutura e que punham em causa a preservação do espólio. As obras começaram pelo telhado que deixava entrar água ameaçando por várias vezes as antiquíssimas partituras, assim no final de 2010 foi trocada a estrutura do telhado que era de madeira e colocou-se uma estrutura em ferro galvanizado (para impedir a ferrugem), além de oferecer maior resistência, este tipo de estrutura possibilitou a eliminação de várias colunas de suporte permitindo ampliar a área do sótão que será transformada em salas de exposição. Além da estrutura foram trocadas as telhas que oferecem maior resistência ao tempo e à chuva. Durante o ano de 2011 foram realizadas obras no jardim interior para adaptar o espaço para a realização de eventos culturais, **Figura 46**. Para preparar este jardim foi necessário retirar a escadaria de pedra, pois não estava alinhada com a porta e tinha degraus muito irregulares, transformou-se um

antigo galinheiro numa casa de banho para usar durante os eventos culturais, para que não haja pessoas dentro da Casa da Música sem a presença dos responsáveis.

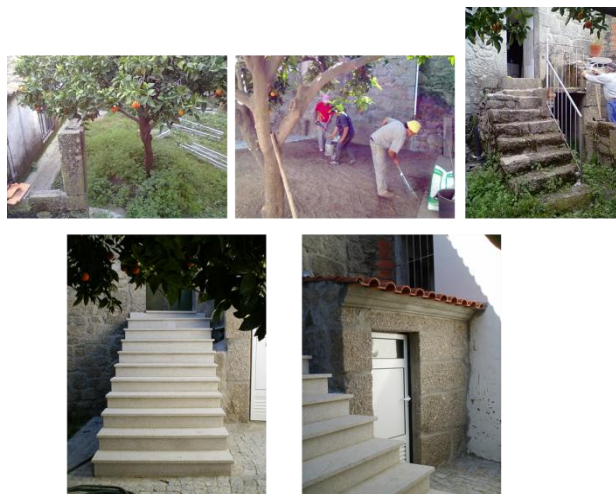


Figura 46: Imagens do jardim antes e durante o semear da relva, escadas e casa de banho antes e depois das obras

Fonte: Própria

No ano de 2012 as obras foram ao nível da fachada (**Figura 47**), primeiro substituíram-se todas as janelas da casa porque as que existiam eram de madeira, estavam podres e tinham muitas aberturas que deixavam que as correntes de ar entrassem, o que podia prejudicar as partituras e os restantes documentos. Por altura da Feira dos Chocalhos removeu-se o reboco da fachada principal que se encontrava bastante degradado, faltando pedaços em alguns locais e colocou-se a fachada como era originalmente com a pedra à vista.



Figura 47: Imagens da fachada principal da Casa da Música

Fonte: Própria

Ações a desenvolver na Casa da Música António Osório de Sá (2ª Fase):

Para que a Casa da Música possa funcionar em pleno tem de ser ainda realizada a requalificação no interior. Para essa requalificação a Liga dos Amigos de Alpedrinha está a preparar uma candidatura aos apoios do PRODER com o apoio da Câmara Municipal do Fundão. No mês de outubro as representantes da Direção reuniram com a Vereadora da Cultura e Património, Dr.ª Alcina Cerdeira, para solicitar apoio para a realização do projeto de requalificação da casa e apoio logístico para realizar a

candidatura. Na sequência dessa reunião foi realizada uma reunião no local com a Arq.^a Ana Cunha, da Divisão do Ordenamento, Planeamento e Qualidade de Vida do Município do Fundão, que se disponibilizou a conceber o projeto. No mês de janeiro de 2013 foi enviado por esta divisão o estagiário Hélder Duarte que fez o levantamento prévio para a elaboração do projeto, já que a casa é muito antiga pelo que não existia nenhuma planta. Depois de realizado o levantamento a Arq.^a Ana Cunha com a colaboração de Hélder Duarte concebeu o projeto de requalificação que é o resultado da junção das especificações da Direção da LAA com a opinião técnica dos dois responsáveis. Atualmente está numa fase de Estudo Prévio, assim que o projeto de requalificação esteja pronto e que seja aprovado pela Assembleia-Geral será encaminhado para licenciamento. Em seguida apresentam-se as alterações a realizar na casa para a adaptar às suas novas funções, as linhas amarelas representam o que se vai demolir e as linhas vermelhas o que se vai construir. Esta casa resultou da junção de três casas diferentes, pelo que existem vários níveis no mesmo piso, encontrando-se por exemplo a loja e a garagem no mesmo piso que uma das salas de exposição.

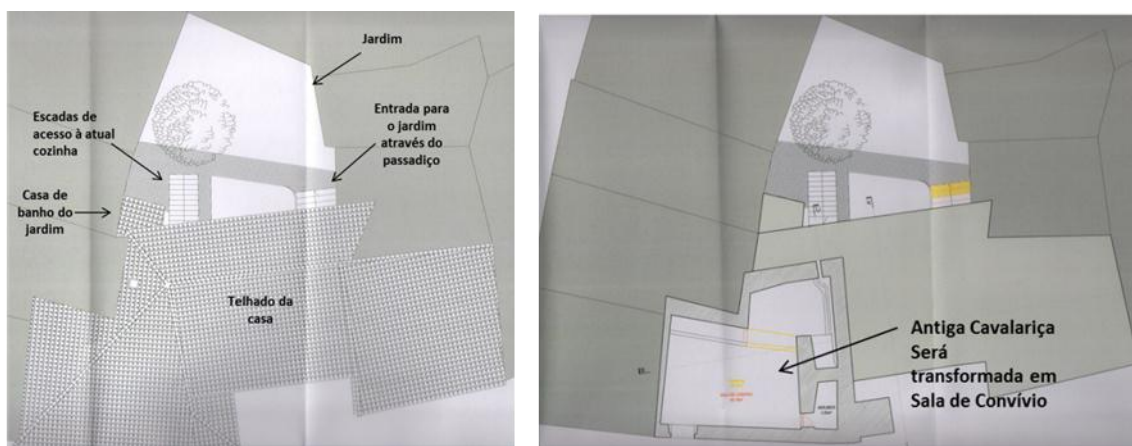


Figura 48: Vista superior da casa e do jardim e Transformação da antiga Cavalaria em Sala de Convívio

Fonte: Alterada a partir das plantas cedidas pela DOPQV

A **Figura 48** mostra uma série de alterações que se vão fazer na Casa da Música, a primeira imagem da **Figura 48** representa uma vista aérea da área da casa e a segunda a futura sala de convívios. As paredes desta sala vão permanecer com a pedra à mostra, vai-se manter a quase totalidade da manjedoura que é em pedra e tem uma viga de madeira no topo com as argolas onde prendiam os cavalos, serão apenas adicionados uns pequenos projetores dentro dela para lhe dar mais realce. O chão é todo empedrado (servia para evitar que as ferraduras dos cavalos se enferrujassem). Esta remodelação vai dar a esta sala o ambiente propício para eventos mais íntimos, como jantares, noites de fados, pequenos concertos ao vivo.

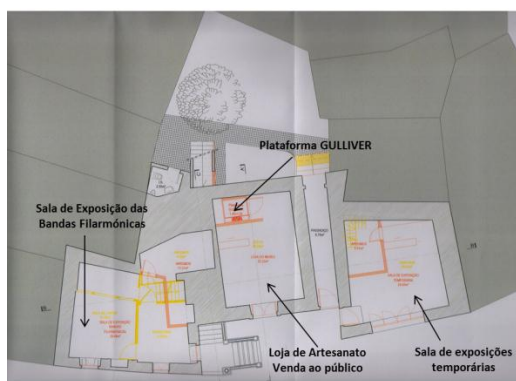


Figura 49: Novas utilizações para as divisões ao nível do rés-do-chão

Fonte: Alterada a partir das plantas cedidas pela DOPQV

O que se pretende é que este espaço seja utilizado para eventos culturais e também para atividades em que se possa angariar fundos para a associação.

Na **Figura 49** pode observar-se a transformação da garagem numa sala de exposições temporárias que será cedida a título gratuito a pessoas que desejem expor os seus trabalhos artísticos, sejam tradicionais, contemporâneos ou até mais futuristas e que ficará à responsabilidade das pessoas que aí exponham. O objetivo é dar a possibilidade aos artistas de mostrarem o que fazem e aos visitantes de poderem regressar com a segurança de que vão ver exposições novas. A antiga adega será transformada na Loja de Artesanato que será o espaço da Casa da Música e da Rota do Granito onde os visitantes poderão adquirir artesanato típico da vila e também o *merchandising*³¹ do museu e da rota. Nesta loja ficará instalada a plataforma GULLIVER que dará acesso ao museu às pessoas com dificuldades motoras. Ao lado direito da Loja de Artesanato existe uma porta que dá acesso ao passadiço que passa debaixo do primeiro andar e que dá acesso ao jardim, será utilizado quando se realizem eventos culturais no jardim, evitando a passagem por dentro do museu.

A antiga sala de jantar será transformada na Sala de Exposições das Bandas Filarmónicas, onde serão expostos os instrumentos que pertenceram a essas bandas e as respetivas partituras.

A primeira imagem da **Figura 50** representa várias divisões entre elas a Sala de Exposição das partituras, onde os visitantes poderão observar as partituras que fazem parte do espólio da Casa da Música António Osório de Sá e onde também poderão vê-las e tocar-lhes de forma interativa num computador que terá também pequenos excertos dessas partituras em música. Terá de ser feita uma adaptação das partituras às notas musicais atuais para se poderem gravar esses excertos.

³¹ Estratégia de *marketing* que utiliza produtos utilitários, como canetas, canecas, camisolas, etc., para promover um outro produto ou serviço, em <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=merchandising>.

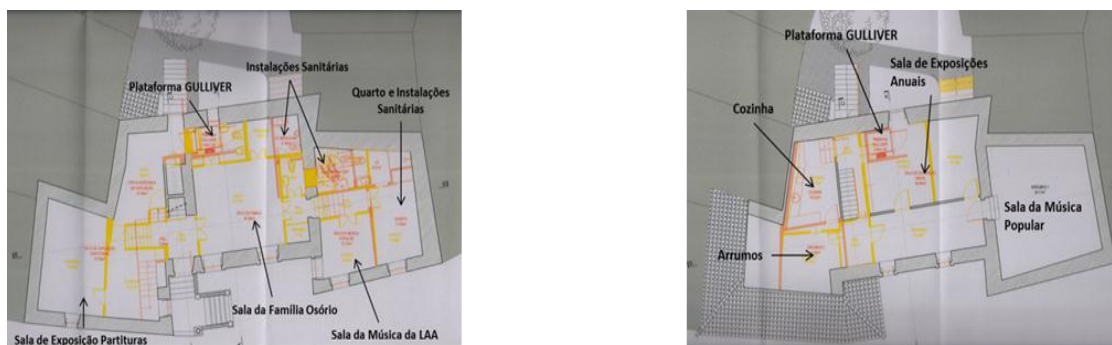


Figura 50: Novas utilizações para as divisões ao nível do 1º e 2º piso

Fonte: Alterada a partir das plantas cedidas pela DOPQV

Com esta sala o visitante terá acesso a duas formas diferentes de representar a música, a antiga com as partituras e a moderna no computador onde poderá «navegar» pela música.

A Sala da Família Osório é a sala onde vão estar expostos objetos da família, como o piano e outros instrumentos musicais, documentos sobre a família (notícias publicadas nos jornais da época, cartas e postais), fotografias (o espólio fotográfico é muito grande), algumas partituras mais significativas, elementos religiosos relacionados com o altar da N. Sr.^a dos Altos Céus da Igreja Matriz e de que esta família era proprietária. A Sala da Música da LAA será um espaço de exposição de fotografias dos vários grupos musicais que existiram na associação, de músicas que fizeram parte do seu reportório (será possível ouvir o álbum do Orfeão e o CD do Grupo de Música Popular) e testemunhos dos jovens que passaram pela Escola de Música.

O quarto que existe na casa será mantido, sendo acrescentadas as instalações sanitárias para uso exclusivo do quarto. A razão de manter o quarto é para assegurar uma tradição da vila e também desta família. Em Alpedrinha era habitual as famílias darem alojamento aos elementos dos grupos que vinham atuar à vila, a família Osório sempre recebeu músicos que participavam nos concertos e saraus que se realizavam na casa. Da junção destas duas tradições nasceu a ideia de manter o quarto para alojar músicos ou outras pessoas que participem nos eventos culturais da associação, ou alguma pessoa que se encontre a realizar por exemplo um estudo sobre a vila ou sobre as associações. Para proteção do espólio as pessoas que possam usufruir deste quarto têm de ter uma reputação impecável e serem merecedoras da confiança da associação.

Neste piso serão também construídas as instalações sanitárias para os visitantes com adaptação para as pessoas com dificuldades motoras.

Na segunda imagem da **Figura 50** estão representadas as alterações a efetuar no 2º piso. Será instalada uma pequena cozinha para apoio aos eventos culturais e uma sala para arrumos. Vão ser demolidas algumas paredes para criar uma Sala de Exposições anuais cuja temática será sempre a música. As exposições poderão ser

compostas por espólio da associação e também por espólio cedido para o efeito por outras entidades. Esta sala de exposições vai manter uma das paredes, mas que não dificultará a passagem, para que os visitantes possam ver como eram as paredes das casas antigas, ou seja a parede será mantida em taipa³² apenas envernizada e com uma proteção transparente (vidro ou acrílico) e no topo a viga de madeira que suportava o antigo telhado. A outra sala de exposições vai ser dedicada à Música Popular do concelho e da região.

O logótipo da Casa da Música António Osório de Sá já está a ser criado por um *designer* para depois de aprovado pela Direção e pelos sócios ser registado como marca e passar a identificar todo o merchandising deste museu.

◆ Museu Etnográfico

Este museu é propriedade da Liga dos Amigos de Alpedrinha e está instalado no 2º andar da sede da associação no edifício dos antigos Paços do Concelho. Foi inaugurado em 1985 e depressa se tornou pequeno para o espólio que possui. O museu retrata a vida das gerações passadas através de objetos de uso diário, utensílios de profissões e até roupas e chapéus, **Figura 51**.

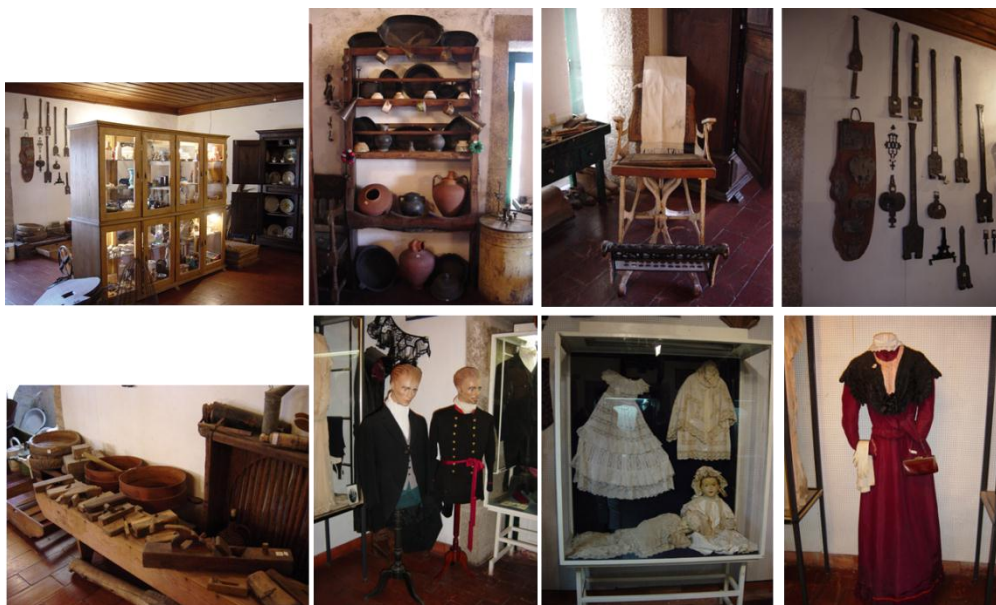


Figura 51: Imagens de algum espólio do Museu Etnográfico

Fonte: Própria

Devido à grande quantidade de peças que possui o espaço que lhe está destinado está-se a tornar pequeno para que estas possam ser devidamente apreciadas, assim têm de se realizar ações que corrijam esta situação e que tornem a visita mais agradável para o visitante.

³² Composição de tábuas, barro e palha com que faziam as paredes antes de existir o cimento

Ações a realizar:

- 1 – Arranjo das paredes porque se encontram com vestígios de humidade.
- 2 – Aquisição de vitrines adequadas ao espaço e que possibilitem maior visibilidade e acomodação das peças, **Figura 52**.
- 3 – Colocação de um cartão identificativo junto de cada peça para que o visitante possa identificar a peça e saber qual o uso que tinha.



Figura 52: Exemplos de vitrinas que podem proteger e dar mais visibilidade ao espólio

Fonte: <http://www.equimuseus.eu/viewPage.php?idPage=22>

◆ Museu dos Embutidos José dos Santos Pinto

Este museu é propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Alpedrinha, atualmente várias das suas peças encontram-se no Palácio do Picadeiro em exposição, o restante espólio está na casa que pertenceu aos antigos donos do espólio e que o ofereceram a esta entidade.

O embutido é um trabalho muito minucioso e consiste em combinar pequenos fragmentos de madeira de diferentes tipos de árvores, aproveitando as suas cores naturais para conseguir criar motivos ornamentais. Estes motivos podem ser mais ou menos complexos, mas realizá-los é uma verdadeira arte, já que é muito difícil conseguir trabalhar com folhas³³ embutidas umas dentro das outras, num mesmo plano e que no final resulta numa superfície lisa e de igual espessura. De forma muito simples pode-se descrever o processo do embutido como se se tratasse de montar um puzzle com inúmeras e diminutas peças. A diferença reside em que cada peça é cortada pelo “mestre” de acordo com um desenho que ele mesmo imaginou e desenhou e que essas peças não têm todas a mesma espessura e a diferença tem de ser compensada com o trabalho na madeira onde encaixa o embutido.

A técnica de embutir madeira teve origem na Idade Média, mas provém dos Árabes, foram eles os mestres e percursos desta arte. No início esta técnica era baseada num estilo mais geométrico e era possível observar combinações de madeira com filetes de osso, marfim e alguns pormenores de nácar. Com o passar do tempo esta técnica evoluiu para um estilo mais figurativo. Atualmente são poucos os artesãos que se dedicam a esta profissão, mas os que o fazem mantêm-se fiéis às tradições.

³³ Nome que se dá a cada uma das finíssimas peças de madeira de onde se recortam os pedaços desejados

Em Alpedrinha a técnica de embutir madeira tornou-se uma verdadeira arte nas mãos de José Parente Pinto. O gosto pela marcenaria vinha do tempo de seu avô José Joaquim dos Santos que se tornou marceneiro e entalhador da Casa Real Portuguesa em 1895, depois de em 1893 oferecer duas cadeiras de couro gravado aos reis D. Carlos I e D. Amélia [Pereira (2012)]. Na fachada da sua antiga residência, ainda propriedade da família, continua a placa que o acredita.

Das mãos de José Parente Pinto saíram para todo o país magníficos móveis de embutido com desenhos que ele próprio concebia, mas Alpedrinha não ficou desprovida de exemplares maravilhosos que testemunham a grandeza desta arte, **Figura 53**. Em Alpedrinha existem algumas pessoas que aprenderam esta arte, tendo existido mesmo uma ação de formação financiada pelo IEFP para a ensinar. Contudo, atualmente a pessoa que trabalha mais com esta técnica é o Sr. Joaquim Rodrigues Rosa que além do restauro de móveis se dedica ao embutido. Este tipo de peças representa um grande investimento, porque as madeiras são muito caras, muitas delas têm de ser exportadas, e o investimento em mão-de-obra é muito grande, pelo que fazer móveis com esta técnica é cada vez mais raro, mas o Sr. Joaquim investe em peças mais pequenas como guarda-joias, pequenas caixas de decoração, entre outros.



Figura 53: Imagens de três móveis do Museu de Embutidos

Fonte: Própria

Mas a verdadeira joia deste museu é sem dúvida o aparador dedicado aos Lusíadas (**Figura 54**). Este belíssimo exemplar prova que a técnica de embutir é uma verdadeira arte. Cada uma das portas deste móvel está perfeitamente decorada com cenas que o marceneiro imaginou ao ler os Lusíadas e que transpôs para a madeira. Para que não restassem dúvidas de que o trabalho era embutido e não uma tentativa de imitação através de pintura, o artesão colocou por dentro de cada porta um vidro que deixa ver a parte de trás da composição de madeiras.

Acerca dos móveis deste museu, Pereira (2012) diz serem peças magníficas que continuam a ser uma especialidade da vila.

Atualmente, a Santa Casa da Misericórdia encontra-se a requalificar o edifício da antiga Pensão Clara para dar um espaço digno ao Museu dos Embutidos e para que seja acessível a todas as pessoas, já que as atuais instalações são muito pequenas. Quando as obras estiverem terminadas, os móveis que se encontram em exposição no Palácio do Picadeiro serão transferidos para junto dos restantes.



Figura 54: Aparador alusivo aos Lusíadas

Fonte: Própria

Outras ações:

Para que a Rota do Granito possa ser implementada pela Liga dos Amigos de Alpedrinha tem de ser aprovada pelos sócios. Depois da candidatura ao PRODER da Casa da Música António Osório de Sá será marcada uma reunião com a Direção da associação para apresentar este Projeto Aplicado e se este órgão concordar, o próximo passo é pedir ao Presidente da Assembleia-geral uma Assembleia-geral extraordinária para apresentação e votação da criação da Rota do Granito. Caso seja aprovada será apresentada a candidatura a apoios do PRODER para a implementar. Antes da candidatura a Direção reunirá com todas as entidades detentoras dos outros museus para apresentar a rota e conseguir estabelecer as parcerias necessárias.

Para que possam ser criados os meios de comunicação indicados para a divulgação da rota e atrair os visitantes terá de ser feito um levantamento mais exaustivo da flora e fauna da Serra da Gardunha, ao longo de um ano, nas várias estações, para saber exatamente que plantas e animais se podem encontrar e em que altura do ano. A primeira avaliação já foi realizada aquando do reconhecimento do percurso, foi no início da primavera e ainda não existia grande floração de plantas.

Sistemas de Avaliação

Ao longo da implantação da Rota do Granito vão ser realizadas várias ações constituídas por várias tarefas e é necessário controlar a realização dessas tarefas, a fim de controlar possíveis desvios ao plano inicial. Para que seja mais fácil controlar a execução das tarefas foi elaborada uma ficha de avaliação que deverá ser preenchida durante a realização de cada tarefa. Esta ficha que se pode ver no Anexo D tem como objetivo controlar o tempo e os custos de execução de forma a avaliar se existem desvios, as falhas detetadas serão alvo de medidas corretivas. As medidas corretivas vão ser delineadas antes da execução das tarefas e servem para corrigir os desvios e evitar desvios futuros.

Depois de implementada a Rota do Granito é muito importante recolher dados acerca dos visitantes, pelo que se vão utilizar questionários de satisfação. Por definição³⁴ o questionário é uma lista de perguntas que recolhe informações/dados necessários e permite normalizar essas informações/dados de forma a usá-los para avaliar a mudança numa situação. De acordo com Quivy e Champenhoud (1998) uma das razões pelas quais se recolhem dados é porque se espera encontrar neles informações úteis para estudar outro objeto.

O que se pretende com os questionários de satisfação a aplicar é recolher uma série de informações acerca dos visitantes que utilizam esta rota, como se pode observar no Anexo E – Questionário de Satisfação.

4.4. Principais Públicos-alvo

Para que este projeto tenha sucesso deve ser atrativo para o público, pelo que se devem implementar medidas de comunicação que façam as pessoas interessar-se pela Rota do Granito. Para saber que tipo de comunicação e publicidade se deve implementar é necessário definir o público-alvo a quem a rota se destina, ou seja o público preferencial que se pretende cativar.

Como se pôde verificar num ponto anterior [Turismo de Portugal (2007)] os principais tipos de turismo que a zona Centro atrai é o Turismo Cultural e paisagístico (66,2% do total nacional), O Turismo de Sol e mar (11,5% do total nacional) e o Turismo de Natureza (5,4% do total nacional). Tendo em conta que a Rota do Granito tem duas componentes, a cultural e paisagística e a de natureza, pode dizer-se que se enquadra com o tipo de turista que se desloca para esta região. No mesmo documento era ainda referido que em Portugal as principais atividades de lazer praticadas pelos turistas são: passeios pedestres 51%, experiência gastronómica 50,9%, visita a monumentos 48,9% e visita a parques naturais 39,6%, numa percentagem mais baixa encontram-se as viagens/excursões de conhecimento a pontos da região/país com 23,7%. A nível de nacionalidades, o Turismo de Portugal (2007) conclui que a maior percentagem de turistas estrangeiros na zona Centro vem de Espanha e França com 10,8%, seguidos pela Itália com 8,4% dos turistas, como se pode observar na **Figura 55**.

O 1º semestre de 2012 mostrou um acréscimo de 13,4% que o mesmo período do ano anterior [INE, I. P. (2012c)]. Segundo o mesmo instituto, os motivos para viajar dos residentes “lazer, recreio ou férias” e “visita a familiares ou amigos (que teve um acréscimo em relação ao 1º semestre de 2011 de 17,8%)”, foram responsáveis no 1º semestre de 2012 por 86% dos turistas residentes.

³⁴ http://ec.europa.eu/europeaid/evaluation/methodology/tools/too_qst_def_pt.htm#01

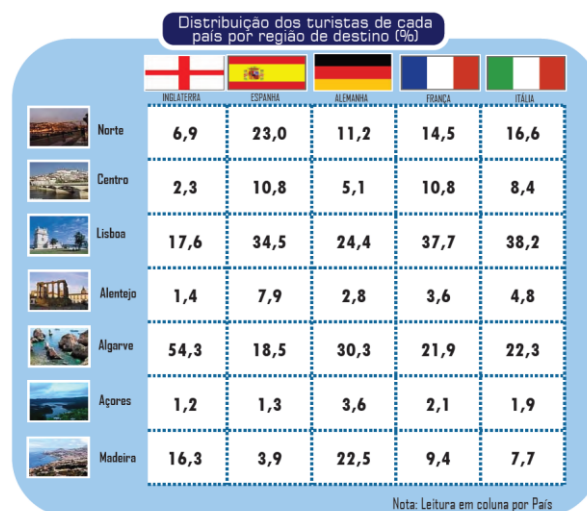


Figura 55: Países de origem dos turistas estrangeiros

Fonte: Turismo de Portugal (2007)

Estes dados parecem revelar que com as dificuldades económicas que atravessa Portugal as pessoas apresentam tendência para passar férias dentro do país e até para se deslocar para áreas com as quais tenham ligações como por exemplo família, já que de acordo com o INE, I. P. (2012c), as viagens turísticas em Portugal realizadas por residentes chegaram aos 90% no 1º semestre de 2012. Quanto à idade, o mesmo estudo revela que a maioria dos turistas residentes (32,7%) tinha idades compreendidas entre 45 e 64 anos.

Baptista (2003) refere que o produto cultural apresenta uma incidência forte no mercado de origem doméstica e incidência razoável no mercado de origem espanhol. Também tem uma incidência forte em pessoas no ativo e em séniores, da classe socioeconómica alta e média, em pessoas que se deslocam em família ou grupo, e quanto à duração da estadia há uma maior incidência na estadia de curta duração e uma incidência razoável nas miniférias e férias. Quanto ao produto natureza, o autor refere que o mercado de origem doméstico tem uma incidência forte e o mercado espanhol uma incidência razoável. Quanto à idade (Baptista, 2003) revela-se uma incidência forte nos jovens, nas pessoas ativas e nos séniores. Este produto tem maior incidência na classe socioeconómica média. Quanto ao tipo ou grupo, incidência forte em família e outros (Visitantes individuais, pequenos grupos não organizados de indivíduos que partilham motivações similares, entre outros), incidência razoável em duração de estada curta, miniférias e férias.

Para poder definir melhor o público-alvo, principalmente em relação à parte mais difícil da rota que é o percurso pela Serra da Gardunha, esta parte da rota foi testada por quatro pessoas com características diferentes quanto a: idade, género, hábitos de exercício e problemas de saúde (**Figura 56**). Desta forma, foi possível avaliar melhor este percurso para definir qual o público-alvo da Rota do Granito. Depois deste teste verificou-se que a rota não tem um percurso muito difícil de fazer, mas devem existir

alguns cuidados, como fazer caminhadas diárias para evitar dores musculares, fazer-se acompanhar de água, colocar protetor solar, auxiliar-se de um pau de caminhada, usar chapéu e levar barras energéticas ou fruta.

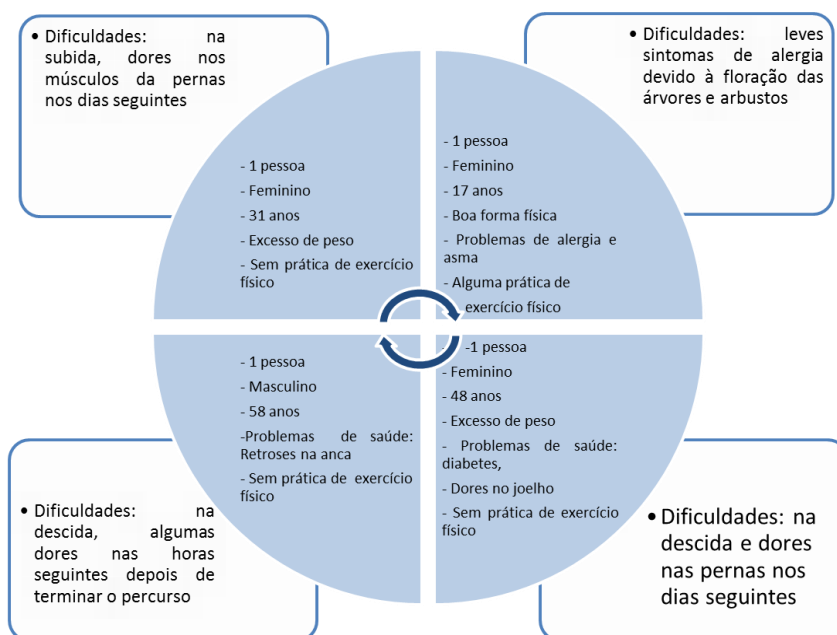


Figura 56: Caraterísticas das pessoas que testaram o percurso pela Serra da Gardunha e dificuldades sentidas

Fonte: Elaboração própria

De acordo com os dados analisados e a experiência realizada pode definir-se o público-alvo preferencial para a Rota do Granito, de acordo com o **Quadro 8**.

Obviamente, que a Rota do Granito está disponível para qualquer pessoa que deseje fazê-la, mas a comunicação e publicidade vai incidir no público definido como público-alvo. A inclusão no público-alvo de pessoas com as especificidades referidas deve-se às próprias caraterísticas da Serra da Gardunha.

A Serra da Gardunha tem 1225 m de altitude o que a transforma num ótimo local para aves típicas das zonas serranas (**Figura 57**). Algumas aves caraterísticas da Serra da Gardunha são: papa-amoras, corvo, sombria, águia-calçada, perdiz-comum, pombo-torcaz, cuco-canoro, andorinhão-preto, andorinhão-pálido, abelharuco, poupa, cotovia-arbórea, alvéola-branca, ferreirinha-comum, carriça, rouxinol-comum, pisco-de-peito-ruivo, rabirruivo-preto, cartaxo-comum, melro-azul, felosa-poliglota, felosa-do-mato, toutinegra-de-cabeça-preta, toutinegra-de-barrete-preto, estrelinha-de-cabeça-listada, chapim-rabilongo, chapim-de-poupa, chapim-carvoeiro, trepadeira-comum, papa-figos, picanço-real, gaio, gralha-preta, estorninho-preto, lugre, pintarroxo e cia³⁵.

³⁵ Consultado em <http://www.avesdeportugal.info/sitgardunha.html>

Quadro 8: Público-alvo definido para a Rota do Granito

Visitantes	Público-alvo Rota do Granito			
	Faixa etária	25-44	45-65	
	Interesses	Cultura	Natureza	Preocupações ecológicas
	Especificidades	Ornitologia * Outros animais	Formações rochosas Flora	
	Tipologia	Grupos	Particulares	Agências de viagens
	Época preferencial das férias	Fora da época alta		

* Parte da Zoologia relativa às aves.

Fonte: Elaboração Própria



Figura 57: Imagens de algumas espécies de aves da Serra da Gardunha (papa-amoras, sombria, águia calçada, abelharuco, poupa e estrelinha-de-cabeça-listada)

Fonte: <http://www.avesdeportugal.info/sitgardunha.html>

A flora da Serra da Gardunha também é bastante interessante principalmente para os que a sabem identificar, ao longo do percurso da rota encontram-se vários exemplares de arbustos e árvores, alguns dos quais podem ser utilizados para chás e como ervas aromáticas, **Figura 58**.



Figura 58: Algumas plantas e arbustos da Serra da Gardunha

Fonte: Própria

Também é possível encontrar alguns exemplares de *Asphodelus bento-rainhae* (**Figura 59**) planta endémica da Serra da Gardunha, ver Anexo F com as características desta planta, apesar de ser característica da zona norte da serra, existem alguns exemplares nos pontos mais altos e junto à zona norte ao longo deste percurso.



Figura 59: *Asphodelus bento-rainhae*

Fonte: www.terralusa.net

As formações rochosas da Serra da Gardunha que na parte sul são abundantes despertam a curiosidade e admiração de muitas pessoas devido às suas formas e à forma como estão sobrepostas, as imagens da **Figura 60** são exemplo disso.

Os visitantes que preferem viajar fora da época alta são uma mais-valia para esta rota pois normalmente a época alta corresponde ao verão e fora desta época acontecem mais mudanças na serra, o desabrochar das flores na primavera e os tons do outono fazem com que esta seja uma rota a repetir durante o ano para se poder contemplar todo o esplendor da Serra da Gardunha.



Figura 60: Imagens de formações rochosas da Serra da Gardunha

Fonte: Própria

4.5. Apresentação dos Parceiros

Van Deth (1997, citado por Viegas, 2004, pp. 33-34) afirma que as associações voluntárias induzem efeitos positivos, quer a nível macro-social, quer micro-social. No primeiro caso, pelo seu papel de intermediação social, propiciando a integração sistémica entre o indivíduo e o estado ou entre os diferentes grupos do todo social. A nível micro-social, as associações voluntárias desenvolvem competências específicas e redes sociais, que, em conjunto, favorecem as condições para que os indivíduos atinjam os seus objectivos.

O que se pretende com este projeto é que a Liga dos Amigos de Alpedrinha propicie a intermediação necessária entre entidades públicas, entidades privadas e pessoas particulares para que os objetivos estipulados sejam cumpridos. Para que seja possível desenvolver este projeto com sucesso é necessário criar várias relações com as partes interessadas (*stakeholders*).

Para a implementação e correto funcionamento da Rota do Granito a Liga dos Amigos de Alpedrinha terá de estabelecer parcerias com (**Figura 61**):

- ◆ Juntas de Freguesia de Alcongoستا, Alpedrinha e Castelo Novo – o percurso pela Serra da Gardunha utiliza um caminho que se encontra na propriedade destas três localidades, pelo que é fundamental estabelecer parcerias e acordos com elas para que autorizem a colocação da sinalização e para analisar a possibilidade de cada uma fazer a manutenção do troço que lhes corresponde.
- ◆ Câmara Municipal do Fundão – o Núcleo Museológico de Castelo Novo e o Palácio do Picadeiro pertencem a esta entidade. Deve estabelecer-se uma parceria com ela para visitar os referidos espaços e para conseguir uma

redução de preço na entrada do Palácio do Picadeiro (a entrada no Núcleo Museológico é gratuita) para os visitantes que estejam a fazer a Rota do Granito. A LAA contactaria os responsáveis pelo Palácio do Picadeiro sempre que um grupo fizesse a Rota, com os dados do responsável do grupo e do número de pessoas para que a entrada tivesse o desconto acordado.

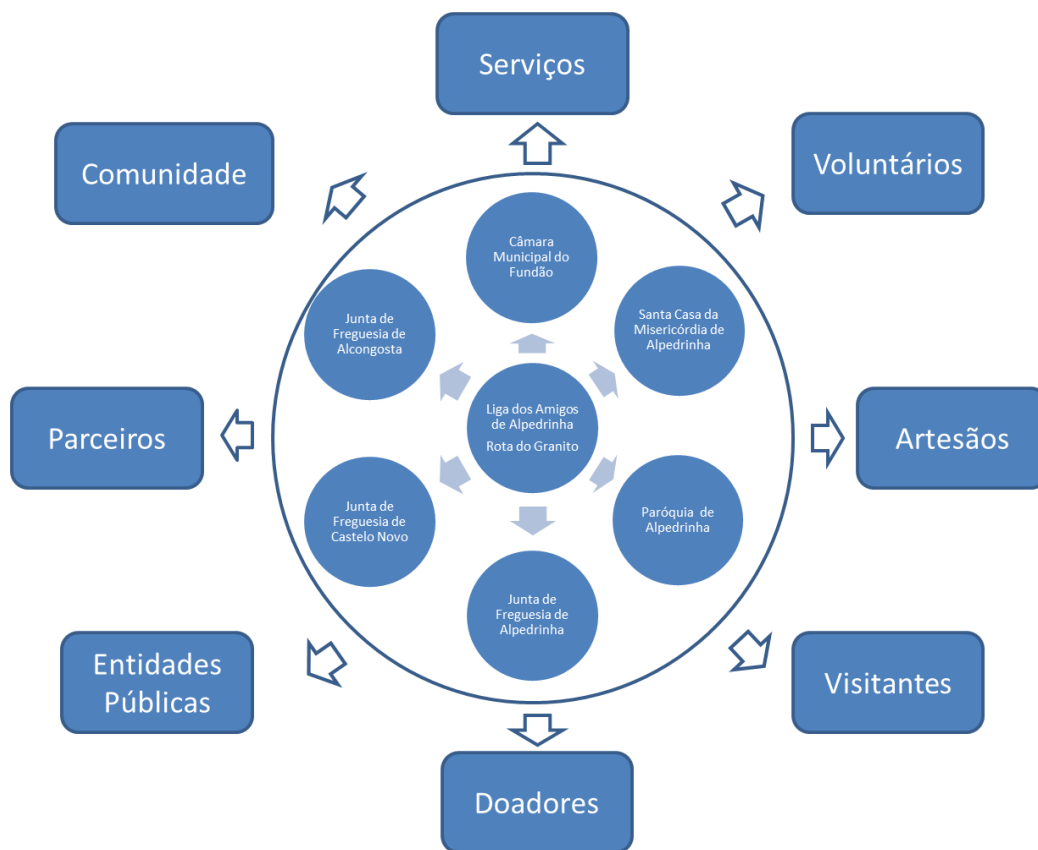


Figura 61: Mapa das Parcerias a estabelecer

Fonte: Elaboração Própria

- ◆ Paróquia de Alpedrinha e Santa Casa da Misericórdia de Alpedrinha – o Museu de Arte Sacra e o Museu José dos Santos Pinto (respetivamente) pertencem a estas entidades. Estabelecer parceria para que a LAA possa mostrar os museus aos visitantes da Rota do Granito.
- ◆ Doadores – a ajuda dos doadores é sempre útil e necessária, podem por exemplo oferecer artesanato para a venda aos visitantes, oferecer material que seja necessário à implementação e manutenção da rota, assim como subsídios particulares.
- ◆ Voluntários – é necessário criar uma rede de voluntários entre os sócios da LAA e também das restantes entidades para que os museus possam estar abertos para os visitantes da rota, para que o guia não tenha de andar a abrir e fechar as portas, o que demora a visita e é incómodo para os visitantes.

- ◆ Artesãos – estabelecer parceria com os artesãos de Alpedrinha para que criem peças adequadas para os visitantes (é preferível peças pequenas que sejam facilmente transportadas, que sirvam de lembrança e que tenham um valor económico acessível). As peças poderão ser vendidas na Loja de Artesanato da Casa da Música e os artesãos podem beneficiar da promoção do seu artesanato associada à marca Rota do Granito. Incentivar as pessoas que participaram nas várias ações de formação realizadas em Alpedrinha onde se ensinaram vários tipos de artesanato típico da vila, como embutidos, rendas, trapologia³⁶, restauro de móveis com palhinha, entre outros, a produzir peças de artesanato e a vendê-las na Loja de artesanato da LAA, ou a criarem o seu próprio espaço de venda.
- ◆ Visitantes – são a peça fundamental da rota, por melhores que sejam os atrativos e as condições da rota, se não se conseguirem atrair visitantes o projeto não serve de nada. É importante que os visitantes se sintam bem acolhidos pela associação e que se aproveite a sua presença para divulgar eventos culturais e outros atrativos, para que desejem regressar.
- ◆ Serviços – estabelecer parcerias com os serviços como restaurantes e alojamento para que cada visitante que utilize esses serviços recomendados pela LAA (a associação avisará o respetivo serviço ou emitirá um talão que comprove a identidade dos clientes) possa usufruir de um desconto de 5% nos serviços. Em troca a associação poderá usufruir de um plafond³⁷ anual a acordar com o responsável do serviço que se traduzirá em dormidas ou refeições que a LAA poderá oferecer a convidados dos eventos culturais que realiza.
- ◆ Comunidade – representa uma parte muito importante da Rota do Granito, pois qualquer pessoa gosta de ser bem recebida nos locais para os quais se desloca. De acordo com Vieira (1997), o turista é considerado, muitas vezes, um intruso porque invade a intimidade cultural de quem o acolhe originando algumas vezes desconforto nas suas relações com a comunidade de acolhimento. É necessário sensibilizar a comunidade para as vantagens que podem advir da rota para todos, fazendo com que esta se sinta parte deste projeto.
- ◆ Entidades Públicas – é fundamental manter uma boa relação com as entidades públicas, tanto no ambiente da rota como fora dele e manter-se atento a possíveis alterações que surjam na legislação, na atribuição de apoios, entre outros. Duas entidades públicas com quem se pretende estabelecer parcerias a médio prazo, é com o IEFP e a Segurança Social para a contratação dum responsável por fazer o acompanhamento dos visitantes da rota e também pelas restantes pessoas que desejem visitar os museus de Alpedrinha. Com o IEFP ainda se pretende estabelecer parceria para criar ações de formação adequadas ao nível da história, património e

³⁶ Consiste em criar peças como colchas, almofadas, bolsas com pedaços de vários tecidos (antes chamavam-lhes trapos)

³⁷ Valor limite

cultura local e da envolvente natural (Serra da Gardunha) para os voluntários, para os comerciantes locais (para que possam informar os clientes acerca do potencial turístico da vila) e para todas as pessoas que estejam interessadas em conhecer melhor a vila (deverá incidir nos reformados, porque são os que estão mais disponíveis durante o dia e normalmente é a quem os visitantes se dirigem a pedir informações).

◆ Parceiros – ao longo da implementação da Rota do Granito e durante a sua continuação deve estar-se atento a todas as parcerias que se possam estabelecer e que possam ser uma mais-valia para a associação e para o meio envolvente.

Aquando da implementação da Rota do Granito é importante contactar com agências de viagens, principalmente as dos grandes centros urbanos para promover a rota e os museus da vila. Como as agências têm como política negociar comissões com os destinos turísticos e como o objetivo da LAA é ter lucro para investir na missão da associação, pode oferecer-se uma comissão em géneros. Isto significa que se pode acordar com as agências de viagens que por cada grupo superior a 40 pessoas que faça a rota ou que faça uma visita à vila (incluindo todos os museus) será oferecida uma prova gastronómica com produtos típicos, como pão caseiro, compotas, geleias, borrachões, jeropiga, licores, filhoses, entre outros. Estes produtos podem ser oferecidos pelos voluntários e doadores não gastando dinheiro da associação. Os grupos entre 20 e 40 pessoas podem receber um frasco de doce ou geleia por cada participante como lembrança (**Figura 62**).



Figura 62: Frasco de geleia

Fonte: Própria

Para as pessoas que fazem a Rota do Granito de forma particular, ou seja não organizada, que não tenham contratado um seguro, a LAA pode contratar o seguro para essas pessoas, acrescentando o valor ao preço da Rota.

No Anexo G pode analisar-se uma simulação de seguro de acidentes pessoais para grupos, solicitada ao agente de seguros Nuno Rosa, em que é estipulado um valor médio de €1,50 por pessoa. Desta forma os grupos que desejem fazer a Rota do Granito e que desejem prevenir qualquer situação menos agradável, podem contactar a LAA com antecedência e enviar os dados dos participantes para que o seguro seja ativado. Neste caso o valor total da rota terá de ser pago com antecedência através de transferência bancária para evitar burlas ou desistências sem pré-aviso.

4.6. Cronograma da Implementação da Rota do Granito

A implementação deste projeto aplicado está prevista para o início do 3º trimestre de 2014, pois antes de criar a Rota do Granito é necessário realizar algumas ações indispensáveis para o seu correto funcionamento, tais como um reconhecimento aprofundado do percurso ao longo das quatro estações do ano para analisar a fauna e a flora, a marcação do percurso e a elaboração dos meios de divulgação e promoção. Em seguida (**Quadro 9**) apresenta-se o cronograma para a duração prevista da implementação deste projeto, que se encontra dividido em duas fases 1ª e 2ª. A primeira inclui as fases A, B e C definidas para a implementação da Rota do Granito. A segunda fase está relacionada com as ações definidas para depois da implementação da rota, pois é com as verbas conseguidas através da rota que esta fase será implementada. Dentro da 1ª fase destacam-se a verde as ações relacionadas com a implementação da rota e a preto outras ações a realizar independentemente da criação rota e que já estão definidas pelas várias entidades envolvidas.

Quadro 9: Cronograma das Ações a implementar

ANOS	2013			2014				Seguintes
	1ª FASE							2ª FASE
Meses	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	
Ações a Executar								
Fase A:								
Colocação de painéis informativos e sinalização do percurso						✓		
Fase B:								
Colocação de Sinalética						✓		
Limpeza do percurso na Serra da Gardunha					✓			
Criação do parque de merendas								✓
Fase C:								
Adaptação do Museu de Arte Sacra			✓	✓				
Terminar o projeto arquitetónico da Casa da Música António Osório de Sá	✓							
Requalificação da Casa da Música								✓
Melhorias no Museu Etnográfico		✓	✓					
Adaptação da casa para Museu dos Embutidos	✓	✓						
Reconhecimento do percurso pela serra por estações		✓	✓	✓	✓			
Outras ações								
Candidatura da Rota do Granito a apoios comunitários				✓	✓			
Criação dum site para a LAA		✓						
Criação dum site para a Rota do Granito						✓		
Adesão da Rota do Granito às redes sociais						✓		

Fonte: Elaboração Própria

4.7. Previsão dos Resultados de Exploração

A implementação da Rota do Granito está projetada para o segundo semestre do ano 2014 depois de concluídas as ações necessárias ao seu funcionamento. Assim, foi realizada uma previsão dos resultados de exploração da Rota do Granito para um semestre de 2014 e para os cinco anos seguintes. Esta previsão foi realizada com base na realidade económica do país e da Europa, pelo que os dados relativos às vendas se apresentam um pouco mais “tímidos” do que seria normal atendendo às estatísticas do INE para este tipo de atividade.

Pressupostos Básicos

Tendo em conta que para realizar a Previsão dos Resultados de Exploração foi utilizado um formulário padrão retirado do IAPMEI³⁸ foram assumidos alguns pressupostos para o preenchimento do formulário:

◆ Definição de três pacotes que os visitantes podem adquirir dentro da Rota do Granito:

Pacote 1 - Rota do Granito – inclui a realização da rota completa, de acordo com o percurso definido anteriormente, desde o Núcleo Museológico de Castelo Novo até ao Museu dos Embutidos em Alpedrinha e uma visita guiada em Alpedrinha;

Pacote 2 - Visita aos Museus de Alpedrinha + Visita Guiada a Alpedrinha – inclui uma visita guiada à vila de Alpedrinha com a entrada e visita em todos os museus da vila;

Pacote 3 - Visita aos Museus de Alpedrinha – para os que preferem apenas visitar os museus da vila de Alpedrinha;

◆ Artesanato e outros – inclui as vendas de artesanato na Loja do Artesanato incluída na Rota do Granito e a aquisição de outros produtos como postais, livros e merchandising da rota.

◆ Definição dos valores e comissões a receber:

A LAA é a entidade promotora da Rota do Granito e vai receber €1,00 por cada pessoa que faça o percurso da rota para apoiar a manutenção do percurso;

O bilhete normal para visitar o Palácio do Picadeiro são €2,00, o bilhete para maiores de 65 anos é €1,00 e os jovens até aos 14 anos não pagam. A LAA vai tentar estabelecer um protocolo em que os visitantes (devidamente identificados pela LAA) que realizem o percurso da rota tenham o seu bilhete igualado ao das pessoas maiores de 65 anos (pago diretamente no Palácio do Picadeiro);

Em todos os restantes museus de Alpedrinha o bilhete será de €1,00;

³⁸ <http://www.iapmei.pt/>

A LAA terá um guia externo à associação (Fornecimento de Serviços Externos) para acompanhar os visitantes no percurso dentro de Alpedrinha e fornecer as informações adequadas sobre os museus a visitar, pelo que não vão existir custos com o pessoal;

À exceção do Palácio do Picadeiro (porque tem funcionária própria) o valor dos bilhetes para entrar nos restantes museus é pago à LAA. Do valor cobrado por cada visita ao Museu de Arte Sacra e ao Museu dos Embutidos a LAA receberá 20% para apoiar na despesa com o guia;

Os visitantes que além de visitar os museus pretendam uma visita guiada pela vila pagarão um acréscimo à LAA de €0,50 por pessoa. Em grupos superiores a 30 pessoas poderá ser negociado com o responsável pelo grupo um valor fixo de €20,00 por todo o grupo;

Os artesãos que desejem ter o seu artesanato à venda na Loja de Artesanato instalada na Casa da Música pagarão 10% de cada venda à LAA para ajudar nas despesas normais de funcionamento. A LAA tem o direito de opção na seleção dos artesãos que irão usufruir deste espaço e beneficiar da promoção dos seus produtos associados à marca Rota do Granito, seguindo pressupostos de qualidade, autenticidade, material utilizado e originalidade.

Mapa de Investimento

No mapa apresentado no **Quadro 10** está representado o investimento necessário para implementar a Rota do Granito, nomeadamente as despesas de instalação que incluem a sinalização e identificação do percurso e as despesas inerentes à divulgação e promoção da rota. Este mapa contempla apenas as ações a realizar relacionadas com a rota que terão um custo monetário, já que outras ações necessárias podem ser desenvolvidas pelos voluntários, como por exemplo a limpeza de alguns troços da Calçada Romana em Alpedrinha.

O total do investimento para implementar a Rota do Granito é de €3.171,19, o que para a Liga dos Amigos de Alpedrinha representa um investimento importante devido às dificuldades económicas, mas que no futuro irá trazer bons resultados para a associação.

Quadro 10: Mapa de Investimento

Rúbricas de Investimento	Quant.	Custo unitário	Valor s/iva	Taxa IVA	Valor c/iva	Fornecedor	Contacto	Morada	Site Internet	Cond.Pgt
Despesas de Instalação (1)										
Poste de madeira tratada	50	2,54 €	127,00 €	23%	156,21 €	Hilário e Alves	244684314	Rua do Vale, nº 96, 2425-172 Bajouca Leiria	www.hilarioalves.com	30 dias
Setas Informativas	15	3,10 €	46,50 €	23%	57,20 €	Hilário e Alves	244684314	Rua do Vale, nº 96, 2425-172 Bajouca Leiria	www.hilarioalves.com	30 dias
Parafusos roscantes	30	1,50 €	45,00 €	23%	55,35 €	Macofer J. Brito & Silva, Lda	275772586	Avenida Eugénio de Andrade, Lt 63, 6230 Fundão	www.jbritoasilva.com	30 dias
Painel Informativo simples	2	200,00 €	400,00 €	23%	492,00 €	Bricantel	273302130	Zona Industrial das Cantarias, 126 5300-678 Bragança	www.bricantel.pt	30 dias
Painel Informativo c/ telhado	1	290,00 €	290,00 €	23%	356,70 €	Bricantel	273302130	Zona Industrial das Cantarias, 126 5300-678 Bragança	www.bricantel.pt	30 dias
Placas para aplicar nos painéis	3	150,00 €	450,00 €	23%	553,50 €	Dupla Linha Publicidade Lda	275751085	Zona Industrial, Lt 142 6230-909 Fundão	www.duplalinha.pt/	30 dias
Tinta para placas e postes	2	5,99 €	11,98 €	23%	14,74 €	Bricomarché	275329210	Avenida Infante D. Henrique Edifício Bricomarché 6200-506 Covilhã	www.bricomarche.pt	30 dias
Aplicação dos painéis e postes	8	32,52 €	260,16 €	23%	320,00 €	Mão de Obra				
Total Despesas (1)			1.630,64 €		2.005,69 €					
Despesas de Divulgação e Promoção (2)										
Registo de Logótipo	1	97,56 €	97,56 €	23,00%	120,00 €	INPI			www.marcasepatentes.pt	0 dias
Criação de Site e logótipo	1	850,00 €	850,00 €	23,00%	1.045,50 €	Ideias e símbolos			www.ideiasesimbolos.pt	30 dias
Total Despesas (2)			947,56 €		1.165,50 €					
TOTAL (1) + (2)			2.578,20 €		3.171,19 €					

Fonte: Elaboração Própria

Volume de Negócios

O **Quadro 11** apresenta a previsão de vendas para o ano 2014, ano de implementação da rota e para os cinco anos seguintes. No ano de implementação é considerado apenas o segundo semestre do ano e prevê-se para a prestação de serviços que 550 visitantes realizem a Rota do Granito pagando um total de €6,00/cada, dos quais €3,40 pertencem à Liga dos Amigos de Alpedrinha. Prevê-se, ainda, que os museus da vila de Alpedrinha recebam 400 visitantes, dois quais 300 farão a visita guiada pela vila, recebendo a associação um total de €1.110,00.

Quanto aos produtos, neste caso a venda de artesanato e outros, como nem todo o artesanato que será disponibilizado irá pertencer à associação e nem todos os visitantes adquirem artesanato ou *merchandising*, estipulou-se que aproximadamente 58% dos visitantes irá adquirir bens na Loja de Artesanato e que do valor despendido €3,00 pertencem à LAA (artesanato próprio, *merchandising* e comissões), pelo que se prevê para o primeiro ano uma receita de €1.650,00. Para os anos seguintes os preços preveem uma taxa de variação de 2%. Quanto ao número de visitantes prevê-se para o ano de 2015 uma taxa de crescimento de 100% nos dois pacotes principais e de 80% para o pacote que inclui apenas a visita aos museus. Quanto ao Artesanato e outros, a taxa de crescimento para os cinco anos seguintes à implementação varia entre os 55% e 45%. A partir de 2015 as taxas de crescimento tendem a ser mais moderadas e prevê-se uma queda um pouco mais acentuada em 2018, período em que se prevê uma melhoria na economia portuguesa e o regresso, por parte de muitos

portugueses, aos “velhos hábitos” de consumismo, preferindo férias em destinos no estrangeiro. As taxas de crescimento do pacote de visitas aos museus terão tendência para baixar ao longo dos anos devido à diferença mínima de preço do pacote que inclui os museus e a visita guiada, pelo que os visitantes irão optar mais pelo segundo pacote em detrimento do terceiro.

Assim, de acordo com as previsões realizadas o Total do Volume de Negócios da Rota do Granito será, no ano de 2014, de €4.630,00, atingindo no ano de 2019 um valor de €53.438,00.

Quadro 11: Previsão de vendas de 2014 a 2019

VENDAS - MERCADO NACIONAL	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Artesanato e outros	1.650	2.525	3.991	6.107	9.032	13.358
Quantidades vendidas	550	825	1.279	1.918	2.781	4.033
Taxa de crescimento das unidades vendidas	0%	50,00%	55,00%	50,00%	45,00%	45,00%
Preço Unitário	3,00	3,06	3,12	3,18	3,25	3,31
TOTAL	1.650	2.525	3.991	6.107	9.032	13.358
PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS - MERCADO NACIONAL	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Rota do Granito	1.870	3.740	7.106	12.791	17.907	25.070
Taxa de crescimento	0%	100,00%	90,00%	80,00%	40,00%	40,00%
Visita aos Museus de Alpedrinha + Visita Guiada a Alpedrinha	870	1.740	3.132	5.638	8.456	12.685
Taxa de crescimento	0%	100,00%	80,00%	80,00%	50,00%	50,00%
Visita aos museus de Alpedrinha	240	432	691	1.106	1.604	2.325
Taxa de crescimento	0%	80,00%	60,00%	60,00%	45,00%	45,00%
TOTAL	2.980	5.912	10.929	19.534	27.967	40.080
TOTAL VOLUME DE NEGÓCIOS	4.630	8.437	14.920	25.641	36.999	53.438

Fonte: Adaptado de FINICIA, retirado de <http://www.iapmei.pt>

Fornecimento de Serviços Externos

No **Quadro 12** são apresentados os custos com o fornecimento de serviços externos. Depois de equacionar a hipótese de contratar um guia turístico a tempo parcial para a Rota do Granito optou-se por um guia sem vínculo laboral com a associação, pois é muito menos dispendioso e a rede de voluntariado que vai existir para abrir os museus pode assegurar as visitas que não estejam marcadas. Os honorários do guia referem-se ao atendimento e acompanhamento dos visitantes da Rota do Granito cujas visitas serão marcadas com antecedência. Os gastos previstos para a Conservação e reparação e Publicidade e propaganda estão diretamente relacionados com a rota. A ausência de outros gastos como a eletricidade, a água, material de escritório e outros deve-se a que esta rota será implementada numa associação já existente e que já possui este tipo de serviços para o seu normal funcionamento, sendo a rota uma das secções da associação. Optou-se, assim, por manter as despesas de funcionamento associadas à atividade normal da associação.

Quadro 12: Fornecimento de Serviços Externos

	Tx IVA	CF	CV	Valor Mensal	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Honorários	23%	100%		300	1.800	3.708	3.819	3.934	4.052	4.173
Conservação e reparação	23%	70%	30%	15	90	185	191	197	203	209
Publicidade e propaganda	23%		100%	10	60	124	127	131	135	139
TOTAL FSE					1.950€	4.017€	4.138€	4.262€	4.389€	4.521€

Fonte: Adaptado de FINICIA³⁹, retirado de <http://www.iapmei.pt>

Custos das mercadorias vendidas

O **Quadro 13** apresenta os custos das mercadorias vendidas e das mercadorias consumidas. Tendo em conta, que a principal fonte de rendimento da Rota do Granito serão serviços, os custos com as mercadorias vendidas reportam apenas ao Artesanato e outros, que no ano de 2014 serão de €1.116,00 euros. O prazo de pagamento definido é de 30 dias e o de recebimento é de 0 dias, ou seja o recebimento é efetuado no momento da visita.

Para os anos seguintes prevê-se um aumento de acordo com a taxa de variação de venda deste produto.

Quadro 13: Custo das mercadorias vendidas

CMVMC	Margem Bruta	2014	2015	2016	2017	2018	2019
MERCADO NACIONAL		908	1.388	2.195	3.359	4.967	7.347
Artesanato e outros	45,00%	908	1.388	2.195	3.359	4.967	7.347
TOTAL CMVMC		908	1.388	2.195	3.359	4.967	7.347
IVA	23%	209	319	505	772	1.143	1.690
TOTAL CMVMC + IVA		1.116	1.708	2.700	4.131	6.110	9.037

Fonte: Adaptado de FINICIA, retirado de <http://www.iapmei.pt>

Resultados previstos

De acordo com a previsão de vendas apresentada anteriormente, com o investimento necessário para a implementação e com os custos para o funcionamento da rota prevê-se um resultado líquido de €513,00 para o ano de 2014 e de €33.763,00 para o ano de 2019 (**Quadro 14**). Como a Rota do Granito só será

³⁹ Programa lançado pelo IAPMEI para incentivar a criação de mecanismos de financiamento direcionados para apoio a projetos empresariais de pequena dimensão

implementada no segundo semestre de 2014, os resultados das vendas não vão ser suficientes para cobrir o investimento e os custos.

Quadro 14: Previsão dos Resultados de Exploração

	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Vendas	1.650	2.525	3.991	6.107	9.032	13.358
Prestações de Serviços	2.980	5.912	10.929	19.534	27.967	40.080
Volume de Negócios	4.630	8.437	14.920	25.641	36.999	53.438
(-) Variação da Produção						
CMVMC	908	1.388	2.195	3.359	4.967	7.347
Outros custos variáveis (FSE)	447	921	948	977	1.006	1.036
Margem Bruta de Contribuição	3.276	6.127	11.777	21.305	31.025	45.054
	71%	73%	79%	83%	84%	84%
FSE- Custos Fixos	1.503	3.096	3.189	3.285	3.383	3.485
Resultado Económico	1.773	3.031	8.588	18.021	27.642	41.570
Impostos						
Custos com o Pessoal						
% de Vendas						
Outros Custos Operacionais						
Outros Proveitos Operacionais						
EBITDA	1.773	3.031	8.588	18.021	27.642	41.570
Amortizações	1.057	1.057	1.057			
Ajustamentos / Provisões						
EBIT	715	1.974	7.531	18.021	27.642	41.570
Custos Financeiros	74					
Proveitos Financeiros		15	75	196	372	635
RESULTADO FINANCEIRO	-74	15	75	196	372	635
Custos Extraordinários						
Proveitos Extraordinários						
RAI	642	1.989	7.606	18.217	28.014	42.204
Impostos sobre os lucros	128	398	1.521	3.643	5.603	8.441
RESULTADO LÍQUIDO	513	1.591	6.085	14.574	22.411	33.763

Fonte: Adaptado de FINICIA, retirado de <http://www.iapmei.pt>

De acordo com o previsto a rota não originará grandes despesas de manutenção, mas só depois de implementada é que se podem analisar as necessidades reais de funcionamento. O que se pretende é que os resultados obtidos com a rota sejam aplicados na realização da 2ª Fase e que engloba a criação do Parque de Merendas para a rota e a requalificação da Casa da Música António Osório de Sá.

4.8. Divulgação e Promoção da Rota do Granito

Para que a Rota do Granito possa ser bem-sucedida tem de ser bem conhecida. A primeira medida a tomar será a criação de um logótipo que identifique a rota.

4.8.1. Proposta para Logótipo



Figura 63: Logótipo proposto para a Rota do Granito

Fonte: *Design Próprio*

A **Figura 63** apresenta uma proposta de um possível logótipo para a Rota do Granito que é constituído pelos seguintes elementos:

- ◆ Duas linhas irregulares que representam os montes da Serra da Gardunha que se erguem por detrás uns dos outros:
 - ▶ A primeira linha é da cor RGB 127, 127, 127 e representa o granito existente na Serra da Gardunha e que domina parte dos seus montes;
 - ▶ A segunda linha é da cor RGB 119, 147, 60 e representa a flora existente na Serra da Gardunha que tinge de verde as suas encostas.
- ◆ O nome Rota do Granito na cor RGB 128, 0, 0 que simboliza o quente e estimulante, representa a energia e o sangue das gentes beirãs, gentes de garra, que durante séculos subiram e desceram a Serra da Gardunha para se deslocarem de umas localidades para as outras. O sombreado das letras representa as sombras das árvores e das rochas que se encontram pelo caminho ao longo da rota e onde se pode repousar e apreciar a paisagem.

4.8.2. Propostas de Divulgação e Promoção

- ◆ Será criado um *site* onde se explique o que é a rota, como a fazer e quais os atrativos existentes. A rota terá também um perfil na rede social do *facebook* e no *twitter* (mais usado em Espanha) onde os visitantes poderão partilhar as suas experiências e pedir informações complementares sobre elas.
- ◆ Para inaugurar esta rota vão ser convidados todos os sócios da LAA, entidades parceiras, artesãos, meios de comunicação, entidades públicas para fazer o primeiro

percurso oficial da Rota do Granito terminando com um almoço convívio no Largo da Capela do Espírito Santo.

- ◆ Entrar em contacto com revistas e *sites* relacionados com o pedestrianismo, com a fauna e flora da Serra da Gardunha para conhecerem e divulgarem a rota.
- ◆ Convidar a Direção do Externato Capitão Santiago de Carvalho (escola de Alpedrinha com ensino desde o 5º ano do ensino básico até ao 12º do secundário) para realizar este percurso com os seus estudantes num dia especial como o Dia do Estudante, permitindo estreitar laços entre os jovens, criar uma maior interação da escola com a vila e as associações e despertar o interesse dos jovens na rota.
 - ◆ Criar um catálogo com as espécies existentes na Serra da Gardunha, com fotografias, características e formas de as identificar e com a importância que elas têm no ecossistema.

4.9. Apresentação da Estrutura para *Websites*

4.9.1. *Website* da Liga dos Amigos de Alpedrinha

A **Figura 64** apresenta um esboço para o *website* da Liga dos Amigos de Alpedrinha para ser entregue a um criativo de *websites* como exemplo do que se pretende para a associação.

Descrição do *Website*:

- ◆ A parte de cima até à barra (inclusive) é para manter fixa em todas as «páginas» e é composta por:
 - ▶ Imagens da sede da LAA, da futura Casa da Música António Osório de Sá, uma vista parcial sobre as torres da Igreja Matriz e a planície em direção ao concelho de Idanha-a-Nova, duma atuação dos alunos da Escola de Música da associação e a capa duma das partituras originais que fazem parte do espólio da Casa da Música António Osório de Sá.
 - ▶ A linha por debaixo das imagens, a barra e os botões em verde para representar a natureza que envolve a vila e que a LAA respeita, o verde da Serra da Gardunha, dos pomares, das plantas...
 - ▶ O logótipo da Liga dos Amigos de Alpedrinha criado pelo Professor João de Matos e que já foi apresentado anteriormente.



Figura 64: Proposta de website para a LAA

Fonte: Design Próprio

- ◆ O nome da associação em vermelho RGB 128, 0, 0 para representar o elemento comum das pessoas envolvidas na associação, o sangue que lhes renova a energia para continuar em frente.
- ◆ Na página inicial encontra-se uma mensagem de boas vindas e imagens de um dos convívios de sócios e amigos e da Feira dos Chocalhos, para mostrar que a associação é composta por pessoas e vive de pessoas. Encontram-se também referenciadas algumas das atividades da associação.
- ◆ Na barra:
 - ▶ As bandeiras portuguesa, inglesa, espanhola e francesa em representação das línguas em que o website está traduzido. Ao clicar com o rato na bandeira correspondente acede-se à tradução na língua que se pretende.
 - ▶ Bem-vindo – corresponde à página inicial.
 - ▶ A Associação – ao clicar dá acesso às informações mais relevantes da associação, como a sua fundação e um resumo da sua história.
 - ▶ Corpos Gerentes – apresenta a lista dos corpos gerentes da associação, a Direção, a Assembleia-geral e Conselho Fiscal.

- ▶ Eventos – apresenta duas opções: eventos realizados e próximos eventos. Na primeira opção pode aceder-se às imagens de vários eventos já realizados pela associação. Na segunda opção acede-se à agenda dos eventos que a LAA vai realizar.
 - ▶ Contactos – apresenta os contactos da associação.
 - ▶ ✉- ao clicar aparece um quadro que pede o nome, um contacto e o assunto, ao preencher e clicar em enviar, envia um email diretamente para o email da associação.
- ◆ Botões no lateral esquerdo – apresentam informações sobre a vila de Alpedrinha e todas as secções da LAA. O botão da Rota do Granito além de apresentar um resumo sobre a rota remete o visitante para o *website* da rota.

4.9.2. *Website* da Rota do Granito

Na **Figura 65** é apresentado o esboço do *website* para a Rota do Granito para apresentar à pessoa que seja contactada para criar o website.

Descrição do *website*:

- ◆ Topo da página – imagem tirada do cimo dum dos montes da Serra da Gardunha com vista para outros montes da serra e para a planície do concelho de Idanha-a-Nova. No fundo da imagem uma linha verde a representar a natureza que se encontra ao longo da Rota do Granito. No canto superior direito, sobreposto à imagem o logótipo da rota.
- ◆ Debaixo da imagem:
- ▶ Lado esquerdo - logótipo da Liga dos Amigos de Alpedrinha, entidade promotora da rota.
 - ▶ Ao centro – “Caminhando pelo passado... em direção ao futuro!” esta frase representa o objetivo desta rota para a entidade promotora e para os que a vão fazer. Para a entidade promotora porque se pretende que através desta rota que engloba a história, o património e a beleza natural da Serra da Gardunha, se consiga criar um futuro sustentável para a associação. Para os visitantes, porque para seguir em frente é importante conhecer as raízes, o passado.
 - ▶ Lado direito – as bandeiras que representam as línguas em que o *website* vai estar disponível.



Figura 65: Proposta de website para a Rota do Granito

Fonte: Design próprio

- ◆ Barra principal:
 - ▶ Bem-vindo – apresenta a página principal composta por imagens da Serra da Gardunha como exemplo do que se pode ver e palavras que representam os vários sentimentos e particularidades que a rota oferece.
 - ▶ A Rota – apresenta o percurso da rota e os locais que se vão visitar durante a mesma.
 - ▶ Contactos – apresenta os contactos da entidade promotora através dos quais se podem fazer as marcações para a rota.
- ◆ Botões do lado esquerdo:
 - ▶ Serra da Gardunha – apresenta informações e imagens da Serra da Gardunha, também se subdivide em duas opções. A fauna e a flora que apresentam os vários elementos da fauna e da flora que compõe a serra.
 - ▶ Castelo Novo – apresenta informações e imagens sobre Castelo Novo e os seus atrativos.
 - ▶ Alpedrinha - apresenta informações e imagens sobre Alpedrinha e os seus atrativos.

- ▶ *Sites* sugeridos – apresenta uma lista de *websites* que podem aportar informações relevantes para a rota, como *websites* detalhados sobre a fauna e flora da Gardunha, *websites* das entidades parceiras.
- ◆ Final da Página – duas linhas verde natureza entre as quais se vão colocar os logótipos das entidades com quem se estabelecer parcerias.
- ◆ Na página principal encontra-se ainda um espaço para fazer marcações online para a rota e que comunica diretamente com o *email* da LAA.

Ficha Técnica

Na **Figura 66** é apresentada a ficha técnica para a Rota do Granito. Esta ficha técnica contém as informações principais acerca da rota como a descrição do percurso e o seu âmbito, quais os pontos de interesse além dos incluídos na rota, em que época do ano se pode realizar e quais os pontos de destaque durante o percurso pela serra. Através desta ficha técnica também é possível conhecer informações técnicas da rota, como a extensão, a duração prevista, que tipo de marcações de percurso é possível encontrar, qual a dificuldade do percurso e o declive máximo da rota. Estas informações ajudam os visitantes a decidir se devem ou não realizar a rota e a prepararem-se adequadamente para o fazer. Também são incluídas algumas normas de conduta e cuidados especiais para que o percurso não sofra danos e para que os visitantes realizem a rota em segurança. Para esclarecer dúvidas são incluídos os contactos da LAA e da Rota do Granito. Para que o visitante fique com uma ideia mais realista da rota é incluída ainda uma imagem satélite onde está assinalado o percurso a realizar em formato 3D para que se percebam os pontos de subida e descida e o declive que existe ao longo do percurso.

Esta ficha técnica será incluída no *website* da Rota do Granito, nos panfletos de divulgação e também será enviada por *email* a todos os que façam a sua reserva ou peçam informações sobre a rota.

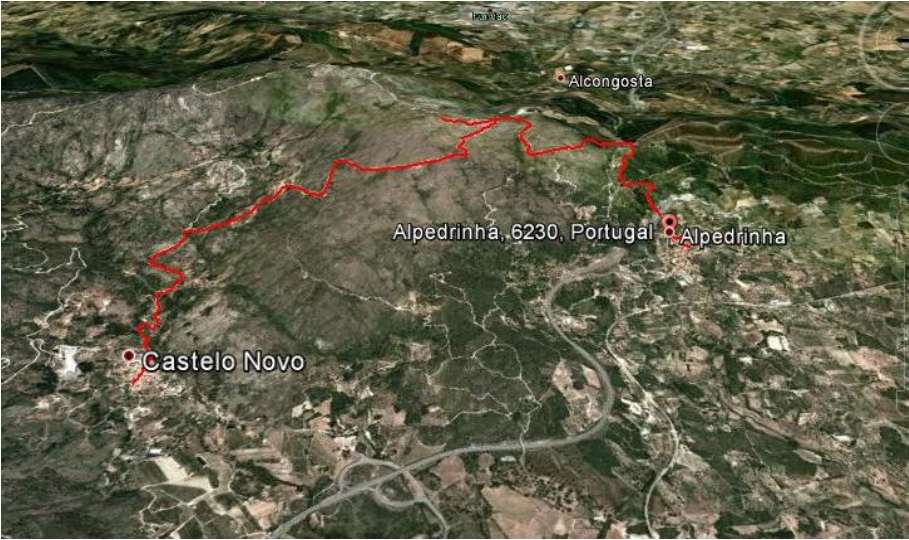
Ficha Técnica	
<p>Descrição</p> <p>Percursos: o percurso inicia-se na aldeia histórica de Castelo Novo com a visita ao Núcleo Museológico cujo espólio é composto por achados arqueológicos que testemunham as origens da aldeia. De seguida atravessa-se a Serra da Gardunha com paisagens belíssimas e curiosas formações geológicas em direção à vila de Alpedrinha para visitar o Centro de Interpretação da Transumância, o Museu de Arte Sacra, a Casa da Música António Osório de Sá, o Museu Etnográfico e o Museu dos Embutidos José dos Santos Pinto, que retratam a história e as artes desenvolvidas pelos alpedrinenses.</p> <p>Âmbito: Natural e Cultural</p> <p>Outros pontos de interesse: Castelo Novo – Lagariça, Castelo, zona histórica da aldeia; Alpedrinha – zona histórica, Chafariz D. João V, janelas manuelinas, Capela de St.ª Catarina, fontes, casas típicas.</p> <p>Época aconselhada: Todo o ano</p> <p>Destaques: Paisagem da Serra da Gardunha/Formações rochosas/Fauna e flora, Calçada Romana</p>	
<p>Informações Técnicas</p> <p>Tipo de Percursos: PR – Pequena Rota, linear, percurso por caminho rural com troços no início e no final de calçada romana</p> <p>Marcações: em placas e postes de madeira colocados ao longo do percurso</p> <p>Distância: 9,5 Km</p> <p>Duração aproximada: 5 h</p> <p>Dificuldade: média, no inverno ter especial atenção aos troços em calçada romana que podem ficar escorregadios com a chuva</p> <p>Altitude durante o percurso: Início – 613m; Ponto mais alto – 1027m; Final – 578m</p> <p>Declive máximo: 25,9%</p>	
<p>Cuidados especiais e normas de conduta:</p> <p>Seguir somente pelos trilhos sinalizados; Evitar barulhos e atitudes que perturbem a paz do local; Observar a fauna à distância de preferência com binóculos; Não danificar a flora; Não deixar lixo; Respeitar a propriedade privada; Não fazer lume; Não recolher amostras de plantas ou rochas; Ser afável com as pessoas que encontrar.</p> <p>Usar chapéu, protetor solar, levar água, sandes ou barras energéticas, fruta e um pau de caminhada para auxiliar nas subidas e nas descidas.</p>	
<p>Contactos:</p> <p>Rota do Granito Liga dos Amigos de Alpedrinha Largo do Pelourinho, nº1 6230-071 Alpedrinha Tel.: 962186063</p>	<p>www.ligamigosalpedrinha.pt www.rotadogranito.pt Email: ligamigos.alpedrinha@sapo.pt</p>
<p>Imagem satélite do percurso:</p>  <p>Fonte: Alterada a partir de Google Earth</p>	

Figura 66: Ficha Técnica da Rota do Granito

Fonte: Elaboração Própria

Conclusão

Ao realizar este Projeto Aplicado percebeu-se que a situação difícil em que se encontra a Liga dos Amigos de Alpedrinha e que é igual à situação da maioria das associações culturais e recreativas deriva da inércia que se foi instalando quando as condições melhoraram e os subsídios começaram a ser atribuídos. Durante algumas décadas em que os subsídios do Município do Fundão e outras entidades pagavam mais de 80% das despesas da associação aconteceu o que acontece nas empresas quando a procura é grande, não se investe. Durante essas décadas não se investiu na associação, no seu potencial e os esforços das primeiras Direções que lutaram e se esforçaram para conseguir uma sede própria, para requalificar todo o edifício quase ficaram esquecidos no tempo. Pode dizer-se que a situação atual das associações é responsabilidade dos antigos dirigentes? Não. A responsabilidade é da mentalidade que se tem vindo a instalar nos portugueses em geral. Passar-se de uma época em que a pessoa trabalhadora “pouco valia” e tinha de lutar para conseguir sobreviver, para uma época em que as ajudas vinham de vários locais e eram outros os que decidiam, fez com que se instalasse uma mentalidade de comodismo nas pessoas e as associações são dirigidas por pessoas. Os subsídios chegavam certos todos os meses, as despesas eram pagas, os problemas não eram verdadeiros problemas, eram pequenas “coisas” que tinham de ser resolvidas. E com o passar do tempo as coisas mudaram, os subsídios reduziram e as associações têm de procurar soluções, as atividades não se podem resumir a atividades culturais e recreativas, têm de existir outras que as financiem. Surge então este trabalho para traçar uma estratégia para propor aos sócios e que possa assegurar que a associação prossiga a sua missão.

O que se concluiu é que a Liga dos Amigos de Alpedrinha possui potencial para se tornar mais autónoma a nível financeiro, mas para o fazer é necessário investir primeiro na melhoria do seu potencial. Para investir é preciso dinheiro e para o conseguir, não se pode ficar à espera que ele surja, é preciso “arregaçar as mangas” e ir à procura dele, aproveitar os apoios que ainda vai havendo e também desenvolver outras atividades onde se possa angariar fundos. Mas para que este possa ser um projeto sustentável a associação não pode trabalhar sozinha, tem de trabalhar em conjunto com entidades que também têm potencial e também precisam de apoio. Em conjunto podem aproveitar o potencial turístico existente nas áreas que engloba o Projeto Aplicado e criarem uma estratégia conjunta que as torne independentes da “boa vontade” das entidades públicas.

Caráter Inovador do Projeto

A cereja, a transumância, as aldeias históricas são algumas das temáticas das rotas existentes, pelo que a implementação de rotas turísticas não é nada de novo no concelho do Fundão. À partida parece que este projeto para a criação da Rota do Granito não tem nada de inovador, já que existem várias rotas no distrito e o concelho

do Fundão tem algumas rotas implementadas e outras projetadas para implementar nos próximos anos, a inovação existe, não se trata de um material novo, nem de uma novidade. O caráter inovador deste projeto encontra-se no criar um projeto que parte do potencial de duas localidades e de várias entidades, conseguindo que trabalhem unidas para conseguirem ultrapassar as suas dificuldades juntas. Os museus da vila de Alpedrinha, à exceção da casa da Música António Osório de Sá que é um projeto recente, existem há várias décadas e durante esse tempo as várias entidades a que pertencem têm referido nas suas assembleias gerais e nos meios de comunicação a necessidade de atrair visitantes. Apesar de existir consciência de que é necessário fazer algo, a verdade é que nada tem sido feito, porque ninguém consegue chegar muito longe se está sozinho. A inovação que se propõe aqui e que nunca foi testada apesar das boas relações que existem entre as entidades de Alpedrinha é um projeto comum em que todos possam beneficiar, trilhando o mesmo caminho e com o mesmo objetivo: aproveitar os potenciais que detêm para serem autossuficientes. Da mesma forma que se pretende aproveitar o potencial natural da Serra da Gardunha como ponte para criar uma união entre a aldeia histórica de Castelo Novo e a vila de Alpedrinha, pretende-se que a Rota do Granito seja a ponte que vai unir todas as entidades detentoras dos museus da vila, os artesãos, os serviços existentes e possibilitar que a longo prazo se possam revitalizar os serviços turísticos que agora se encontram encerrados.

A inovação deste projeto está na união para que a vila de Alpedrinha, a Serra da Gardunha e a aldeia histórica de Castelo Novo e talvez no futuro outras localidades, possam ter um futuro sustentável para as suas gentes e para as gerações vindouras.

Este é um projeto que pode vir a alcançar bons resultados porque aproveita o potencial endógeno da zona para desenvolver uma atividade turística que beneficia da crise que vive o país. Com a crise que se instalou em Portugal as pessoas têm de optar por passar as suas férias e optam cada vez mais pelo interior, é mais económico e mais genuíno. Bem implementado este projeto pode vir a alcançar bons resultados e no futuro.

Principais resultados esperados

Com este Projeto Aplicado pretende-se atingir uma série de objetivos que já foram apresentados anteriormente. Obviamente os objetivos não podem ser alcançados imediatamente a seguir à aplicação de uma estratégia, é preciso trabalhar para que as pessoas tenham conhecimento da rota e para criar nelas o desejo de a percorrer. Os principais resultados que se espera obter com a rota são apresentados no **Quadro 15**:

Quadro 15: Resultados esperados e previsão de tempo necessário para os alcançar

Resultados esperados	Data prevista
Aumento de 100% dos visitantes em Alpedrinha	2015
Incremento de 50% nas vendas de artesanato	2015
Aumentar a sensibilidade dos alpetrinienses para a necessidade de proteger a natureza	2015
Aumentar a notoriedade da associação e das entidades envolvidas	2014
Gerar receitas para cumprir a missão da LAA	2016
Aumentar em 25% o número de artesãos	2015
Transformar a Rota do Granito numa das principais fontes de rendimento para a associação	2017
Reabertura dos serviços que se encontram fechados em Alpedrinha (restaurantes, alojamento, piscina).	2016

Fonte: Elaboração Própria

Mas para que a Rota do Granito não estagne e perca o interesse é necessário definir medidas a aplicar ao longo do seu tempo de vida. Depois de implementada a rota e de alcançar o sucesso devem aplicar-se medidas para a melhorar, como por exemplo o Parque de Merendas que foi mencionado anteriormente e que está inserido numa 2ª Fase onde as receitas da rota irão ser investidas. Outra possibilidade é incluir outras localidades que se situem nas encostas da Serra da Gardunha, aumentando a área da rota. Como esta rota tem um âmbito natural e cultural podem vir a ser incluídos eventos culturais promovidos pelas entidades envolvidas e que façam parte de programas que sejam criados dentro da rota, como os programas da Rota do Românico, de forma a diversificar as atividades conseguindo que os visitantes não se limitem a realizar o percurso apenas uma vez, mas que possam voltar várias vezes e encontrar sempre algo novo e diferente. A inclusão de atividades típicas da zona que façam o visitante sentir-se parte integrante da comunidade, como aprender a amassar e cozer pão no forno tradicional, participar numa matança do porco, aprender a fazer enchidos, participar na colheita de fruta, entre outras, são algumas das hipóteses para a criação de programas. Também se pode alargar o âmbito da rota, desde que esteja de acordo com o potencial endógeno da zona, incluir por exemplo a gastronomia de Alpedrinha, Castelo Novo e das outras localidades envolvidas no futuro e criar uma parceria com a associação de caça “Os Pangalunas” para promover o prato típico da vila, Perdiz de Escabeche.

Este é um projeto que se pode ir desenvolvendo ao longo do tempo com a implementação de novas fases que possam aportar novidade e autenticidade. No **Quadro 16** é apresentado um esquema das duas fases que estão previstas e das ações a realizar antes da implementação das fases, assim como os responsáveis por cada uma delas.

Quadro 16: Fases de Desenvolvimento do Projeto

Ações necessárias	Fases	Definição	Estado	Responsável
Adaptação do Museu de Arte Sacra	Pré-fase	Adquirir vitrines para colocar o espólio do museu nos corredores laterais da Igreja Matriz	Em processo de candidatura a apoios comunitários	Paróquia de Alpedrinha
Projeto arquitetónico da Casa da Música António Osório de Sá		Terminar o projeto arquitetónico das alterações a realizar para requalificar a Casa da Música	Em desenvolvimento	Liga dos Amigos de Alpedrinha com o apoio da DOPQV da Câmara Municipal do Fundão
Melhorias no Museu Etnográfico		Adquirir vitrines para algum espólio que não está exposto	A desenvolver	Liga dos Amigos de Alpedrinha
Adaptação da casa para Museu dos Embutidos		Requalificar a antiga Pensão Clara para ser o futuro Museu dos Embutidos	Em desenvolvimento	Santa Casa da Misericórdia de Alpedrinha
Criação dum site para a LAA		Criar um site para a LAA de forma a promover a associação	A desenvolver	Liga dos Amigos de Alpedrinha
Reconhecimento do Percorso pela serra por estações	1ª Fase	Analisar o percurso na Serra da Gardunha ao longo das estações do ano para identificar a fauna e a flora e as alterações que possam ocorrer devido ao mau tempo	Em desenvolvimento	Liga dos Amigos de Alpedrinha
Realização do projeto de criação da Rota do Granito		Criação do Projeto/proposta de criação da Rota do Granito para apresentar em Assembleia-Geral da LAA	Concluída	Marília Hilário
Candidatura da Rota do Granito a apoios comunitários		Angariação dos fundos necessários para a implementação da rota	A desenvolver	Liga dos Amigos de Alpedrinha
Limpeza do percurso na Serra da Gardunha		Limpeza de mato e terra que dificultem o percurso	A desenvolver	Liga dos Amigos de Alpedrinha
Criação dum site para a Rota do Granito		Criar um site para divulgar e promover a Rota do Granito	A desenvolver	Liga dos Amigos de Alpedrinha
Adesão da Rota do Granito às redes sociais		Promoção da rota nas redes sociais de forma a atingir o maior número de pessoas, em especial os jovens	A desenvolver	Liga dos Amigos de Alpedrinha
Colocação de painéis informativos e sinalização do percurso		Colocação dos painéis informativos e da sinalização ao longo de todo o percurso	A desenvolver	Liga dos Amigos de Alpedrinha
Criação do parque de merendas	2ª Fase	Criação do parque de merendas junto ao Palácio do Picadeiro	A desenvolver	Liga dos Amigos de Alpedrinha
Requalificação da Casa da Música		Requalificação da casa da Família Osório para Casa da Música António Osório de Sá	A desenvolver	Liga dos Amigos de Alpedrinha

Fonte: Elaboração Própria

Referências Bibliográficas

- Aldeias Históricas de Portugal. (2000). *Carta do Lazer das Aldeias Históricas – Roteiro de Castelo Novo*.
- Almeida, A. (2005) *Associar para melhor viver*. Urbi et Orbi, nº 267, de 15 a 21 de março. Consultado em 6 de janeiro de 2012 em http://www.urbi.ubi.pt/050315/edicao/267ubi_sexta_empirico.htm
- Andrade, A. & Franco, R. (2007). *Economia do Conhecimento: Organizações sem Fins Lucrativos* (1-58). Porto: SPI – Sociedade Portuguesa de Inovação
- Austin, J. (2000). *Strategic Collaboration Between Nonprofits and Businesses*. Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly, vol. 29, nº 1, 69-97. Consultado em 12 de fevereiro de 2013 em http://nvs.sagepub.com/content/29/suppl_1/69
- Baptista, M. (1990, pp. 486-491). *O Turismo na Economia, uma abordagem técnica, económica, social e cultural*. Instituto Nacional de Formação Turística. Lisboa: Printer Portuguesa, Lda
- Baptista, M. (2003). *Turismo, Gestão Estratégica*. Lisboa: Editorial Verbo
- Boutinet, J. (1996). *Antropologia do Projeto*. (J. G. Rego, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget. (Obra original publicada em 1990)
- Camacho, A. (1994). *O Nosso Dicionário* (p. 61). Lisboa: Didáctica Editora.
- Cardoso, J. (1848). *Orologia da Gardunha ou Breve descrição Topográfica da Serra da Gardunha*. Câmara Municipal do Fundão: 2005. Fundão: Grafisete
- Carvalho, J. (s. d.). *O Desempenho nas Organizações sem Fins Lucrativos*. Consultado em 12 de fevereiro de 2013 em, <http://www.ismai.pt/NR/rdonlyres/ODesempenhonasOrgani548ewwpbdemdeqhfasmqksyxgzwbkbshtlj.pdf>
- Chan, N. (2005). *Circuitos Turísticos – Programación y Cotización*, 3ª ed. Coleção Temas de Turismo. Argentina: Ediciones Turísticas de Mario Banchik
- Coelho, V. (2010). *O Associativismo em Portugal – Estratégias de Desempenho*. Associação Portuguesa de Portadores de Pacemakers e CDI's, #12, 12-17.
- Communautés Européennes. (2003). *Le Patrimoine naturel et culturel au service d'un développement touristique durable dans les destinations touristiques non traditionnelles*. Luxemburgo: Office des publications officielles des Communautés européennes
- Constituição da República Portuguesa de 1976. (1976) VII Revisão Constitucional 2005. Consultado em 18 de outubro de 2012 em <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Documents/constpt2005.pdf>
- Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural (1972). Consultado em <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/ConvencaoparaaProteccaodoPatrimonioMundialCulturalNatural.pdf>
- Correia, L. (2005). *As Rotas dos Vinhos em Portugal – estudo de caso da Rota do Vinho da Bairrada*. Dissertação de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal
- Cunha, L. (2001). *Introdução ao Turismo*. Lisboa : Verbo
- Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Consultado em 18 de outubro de 2012 em <http://dre.pt/util/pdfs/files/dudh.pdf>

Diário da República de 20 de abril de 1981, III Série, nº 91, p. 5142 (1981). Publicação que certifica a escritura pública da constituição da Liga dos Amigos de Alpedrinha.

Diário da República de 16 de abril de 2013 1.ª série, n.º 74, pp. 2171-2202 (2013). Plano Estratégico Nacional do Turismo - Revisão do plano de desenvolvimento do turismo no horizonte de 2015. Consultado em 2 de maio de 2013 em http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/destaque/Documents/PEN_T_RCM%2024_2013_16%20abril.pdf

Drucker, P. (1992). *Administração de Organizações sem Fins Lucrativos – Princípios e Práticas* (N. Montingelli Jr, Trad.). São Paulo: Pioneira Thomson. (Obra original publicada em 1989)

Esteves, A. (1986). *A Investigação-Ação*. In A. S. Silva & J. M. pinto (Org.) *Metodologias das Ciências Sociais* (12ª edição). Porto: Edições Afrontamento. Esteves

Eusébio, M. (2006) *Avaliação do impacte económico do turismo a nível regional – O caso da Região Centro de Portugal*. Tese de Doutoramento em Turismo (Apoiada financeiramente pelo Instituto de Turismo de Portugal), Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.

Ferreira, P. (2008). *Associações e Democracia – Faz o Associativismo alguma diferença na cultura cívica dos jovens portugueses?* Sociologia, Problemas e práticas, nº 57, 109-130. Consultado em 11 de fevereiro de 2013 em http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0873-65292008000200006&script=sci_abstract

Ferreira, C. (2012). Rotas Turísticas mal geridas. Nordeste, edição de 03/07/2012. Consultado em 4 de abril de 2013 em <http://www.jornalnordeste.com/noticia.asp?>

Gomes, P. (2007). *O trabalho voluntário nas organizações não governamentais e a importância do líder educador*. Scientia Una Olinda, nº 8, pp. 33-44.

Gómez, J. & Quijano, C. (1992). *Rutas e Itinerarios turísticos en España*. Madrid: Editorial Síntesis

Goodolphim, C. (1876). *A Associação: História e Desenvolvimento das Associações Portuguezas*. Lisboa: Typographia Universal.

Guerra, I. (2000). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Ação – O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia, Publicações universitárias e Científicas.

ICOM (2007). *Estatutos do ICOM, 21ª Conferência geral de Viena*. Consultado em 2 de dezembro de 2012 em http://www.icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx

INE, I. P. (2011). *Conta Satélite das Instituições sem fim lucrativo em 2006*. Consultado em 20 de março de 2012 em, http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaquas&DESTAQUESdest_boui=122548251&DESTAQUESmodo=2

INE, I. P. (2012a). *Anuário Estatístico da Região Centro 2011*. Consultado em 27 de dezembro de 2012 em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=150035846&PUBLICACOESmodo=2

INE, I. P. (2012b). *Conta Satélite da Economia Social 2010 Resultados Preliminares*. Consultado em 2 de janeiro de 2013 em, http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaquas&DESTAQUESdest_boui=150318107&DESTAQUESmodo=2

INE, I. P. (2012c). *Procura Turística dos Residentes no 2º trimestre de 2012*. Consultado em 10 de janeiro de 2013 em,

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=132678708&DESTAQUESmodo=2

Instituto para o Desenvolvimento Social. (2001). *Guia para o Associativismo*. Lisboa: Autor

Leeuwen, E. & Nijkamp, P. (2011) *Operational advances in tourism research*. [Research Memorandum 2011-19] Faculty of Economics and Business Administration, Amsterdam.

Lei nº 71/98 de 3 de novembro de 1998 (1998). A Lei visa promover e garantir a todos os cidadãos a participação solidária em ações de voluntariado e definir as bases do seu enquadramento jurídico. Consultada em 12 de fevereiro de 2013 em <http://dre.pt/pdf1sdip/1998/11/254A00/56945696.pdf>

Lei nº 107/2001 de 8 de setembro (2001). Estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural. Diário da República, I Série A, nº 209.

Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto (2004). Aprova a Lei Quadro dos Museus Portugueses. Consultada em 2 de dezembro de 2012 em http://www.icom-portugal.org/documentos_leg,129,164,lista.aspx.

Leitão, S., Ramos, G. & Silva, A. (2009). *Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto: Uma caracterização do associativismo confederado em Portugal*. Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto. Lisboa.

Light, M. (2011). *Results Now for Nonprofits: Porpose, Strategy, Operations and Governance* (1-8, 119-125). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.

Machado, R. (2008). *Rota do Românico do Vale do Sousa – Turismo e Património como projecto de desenvolvimento para o Vale do Sousa*. Opidium, nº especial, 239 - 256.

Maia, S. & Baptista, M. (2011). *As rotas como estratégia turística: percepção de benefícios e obstáculos na constituição de Rotas Museológicas na região de Aveiro*. Book of proceedings, Vol. I – International Conference on Tourism & Management Studies, 672-682. Consultado em 11 de dezembro de 2012 em <http://tmstudies.net/index.php/ectms/article/download/233/339>.

Marques, C. & Santos, C. (2010). *Capital Social como fator de desenvolvimento em rotas turísticas*. Gaia Scientia, 4(1), 21-34.

Motta, A. (1933). *Monografia d' Alpedrinha*. Câmara Municipal do Fundão, 2ª ed: 2004. Fundão: Grafisete.

OCDE. (2000). *Social Enterprises. Editions OCDE*. Consultado em 10 de fevereiro de 2013 em http://www.keepeek.com/Digital-Asset-Management/oecd/urban-rural-and-regional-development/social-enterprises_9789264182332-en

OCDE. (2003). *The Non-profit Sector in a Changing Economy*. Editions OCDE

Ornelas, J., Duarte, T., Seixas, T., Jerónimo, J., Martins, A., Matos, C., Nunes, D., Varela, F. & Costa, L. (2013) *Liderança Comunitária – Estudo Colaborativo com Dirigentes Associativos*. Almada: Tipografia Lobão, Lda.

Pereira, F. (2012). *Three generations of wood and leather carvers*. Tools and Trades History Society, newsletter 119, 14-21.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2ª ed.). (J. M. Marques, M. A. Mendes e M. Carvalho, Trad.). Lisboa: Gradiva – Publicações, Lda. (Obra original publicada em 1995).

Ramírez, J. (2011). Los caminos del patrimonio. Rutas turísticas e itinerarios culturales. Pasos – *Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, Vol. 9, nº 2, pp. 225-236. Consultado em 5 de janeiro de 2013 em http://www.pasosonline.org/Publicados/9211/PS0211_01.pdf.

Ruivo, M., Ferrito, C. & Nunes, L. (2010). Metodologia de Projecto: Colectânea Descritiva de Etapas. *Revista Percursos do Instituto Politécnico de Setúbal*, nº 15, janeiro – março

Ruschmann, D. (2008). *Turismo e planeamento sustentável: a proteção do meio ambiente* (14ª ed., 19-53). Brasil: Papirus Editora

Serrano, G. (2008). *Elaboração de projetos sociais: Casos Práticos* (M. I. A. Marques Trad.). Porto: Porto Editora, Lda. (Obra original publicada em 1997).

Silva, P. (2001) *Jardim do Paço, novos contributos para o estudo dos recreios episcopais de Castelo Branco*. Castelo Branco: Ediraia

Turismo de Portugal, I. P. (2007). *Determinação da Representatividade das Motivações Primárias e Estádio de Satisfação dos Turistas em Portugal*. Relatório Anual de Pesquisa 2007. Lisboa: IMR – Instituto de Marketing Research

Turismo de Portugal, I. P. (2012). *Guia Técnico: Museus e Monumentos*.

United Nations and World Tourism Organization. (1994). *Recommendations on Tourism Statistics*. Statistical Papers, Series M, Nº 83. New York

Viegas, J. (1986). Associativismo e Dinâmica Cultural. *Sociologia, Problemas e Práticas*. Lisboa. Consultado em 6 de janeiro de 2013 em <http://www.repositorio.iscte.pt/handle/10071/954>

Viegas, J. (2004). Implicações Democráticas das Associações Voluntárias: O caso português numa perspectiva comparativa europeia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 46, (35-50). Lisboa

Vieira, J. (1997). *A Economia do Turismo em Portugal*. Lisboa: Biblioteca de Economia & empresa, publicações Dom Quixote.

WTO - World Tourism Organization. (2012). *UNWTO: Tourism Highlights*. Espanha: Madrid

Sites Consultados

http://www.cm-odemira.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=30212, consultado em 12 de junho de 2012

<http://media.unwto.org/es/press-release/2012-12-10/el-turismo-es-clave-para-el-empleo-y-las-exportaciones-afirma-el-presidente>, consultado em 22 de janeiro de 2013

http://www.wto.org/spanish/tratop_s/serv_s/tourism_s/tourism_s.htm, consultado em 10 de outubro de 2012

http://www.proder.pt/ResourcesUser/Legislação/Versoes_Consolidadas/Abril_2013/versaodetrabalho_31_abril2013.pdf, consultado em 31 de abril de 2013

<http://www.fcmportugal.com>, consultado em 3 de fevereiro de 2013

<http://www.visitscotland.com/travel/around-scotland/national-tourist-routes>, consultado em 27 de março de 2013

http://www.cm-fundao.pt/oquefazer/Rotas_e_Percursos/rota_cereja, consultado em 4 de abril de 2013

<http://www.avesdeportugal.info/sitgardunha.html>, consultado em 20 de novembro de 2012

Anexos

ANEXO A – FOTOGRAFIA DE ALGUNS FUNDADORES E SÓCIOS DA LAA.....	138
ANEXO B – LISTA DOS PRIMEIROS SÓCIOS DA LAA	139
ANEXO C – PUBLICAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO DA LAA	140
ANEXO D – FICHA DE AVALIAÇÃO DA EXECUÇÃO DAS TAREFAS	141
ANEXO E – QUESTIONÁRIO DE SATISFAÇÃO	142
ANEXO F – INFORMAÇÃO SOBRE A ASPHODELUS BENTO-RAINAE	143
ANEXO G – SIMULAÇÃO DE SEGURO ACIDENTES PESSOAIS	145

Anexo A - Fotografia de alguns fundadores e sócios da LAA



Figura 67: Fotografia de sócios da LAA

Fonte: D^a Gracinha Correia

Fotografia tirada num dos almoços realizados anualmente pelos sócios da Liga dos Amigos de Alpedrinha.

Identificação dos sócios, de acordo com a D.^a Gracinha Correia:

1^a Fila (Da esquerda para a direita)

“Desconhecido”, José Rolão, Elvino Tarouca, Dr. Serra, João Mesquita, José Pinto e Joaquim Monteiro;

2^a Fila (Da esquerda para a direita)

“Desconhecido”, “Desconhecido”, António Alves, Joaquim Mendes Correia, José Vasco, Alfredo Matos, José Tarouca, Professor Maia;

3^a Fila (Da esquerda para a direita)

Vigário Ruivo, Simão Rafael, “Desconhecido”, “Desconhecido”, Padre Parente, António Vaz, José Carlos Correia de Castro, Pereira dos Santos, Dr. Álvaro Gambôa, António Peixoto, Raúl Monteiro

Anexo B - Lista dos primeiros sócios da LAA

Número de ordem, da Lista de inscrição dos Sócios da “Liga dos Amigos de Alpedrinha”

Nº 1	Dr. Fernando Carneiro	Fundão	Nº 51	João Afonso de Matos	Alpedrinha
Nº 2	Dr. Álvaro Gamboa	Alpedrinha	Nº 52	Raúl da Silva Monteiro	Alpedrinha
Nº 3	Dr. Joaquim Antunes Pereira dos Santos	Alpedrinha	Nº 53	José Pombal Cafede	Alpedrinha
Nº 4	Dr. António Leitão Serra	Alpedrinha	Nº 54	José Godinho Nápoles Boavida	Alpedrinha
Nº 5	António José Salvado Motta	Alpedrinha	Nº 55	Gabriel Paulo Fernandes	Torre Vã
Nº 6	Joaquim Mendes Correia	Alpedrinha	Nº 56	José da Cruz Vaz	Lisboa
Nº 7	Elvino da Cunha Tarouca	Alpedrinha	Nº 57	Alfredo Nunes Gonzaga	Tramagal
Nº 8	Dr. João Cabral de Castro	Alpedrinha	Nº 58	António Jacinto Caniça	Alpedrinha
Nº 9	Cónego Manuel Rebelo	Alpedrinha	Nº 59	José de Sousa	Lisboa
Nº 10	Padre Augusto Duarte Ruivo	Alpedrinha	Nº 60	António Pires da Silva	Lisboa
Nº 11	José Augusto Falcão Tarouca	Alpedrinha	Nº 61	Professor Manuel Maia Marques	Alpedrinha
Nº 12	Padre António Parente	Alpedrinha	Nº 62	Dr. António Santos Amaral	Louriçal do Campo
Nº 13	Dr. Vergílio de Campos	Alpedrinha	Nº 63	Vergílio Valente	Alpedrinha
Nº 14	Manuel Correia de Castro	Alpedrinha			
Nº 15	Dr. José Vasco Mendes de Matos	Alpedrinha			
Nº 16	Feliciano Mendes de Matos	Alpedrinha			
Nº 17	José Parente Pinto	Alpedrinha			
Nº 18	Jaime Farinha Pereira	Alferrarede			
Nº 19	Alfredo Afonso de Matos Boavida	Portalegre			
Nº 20	Capitão Alfredo da Silva Ramos	Alpedrinha			
Nº 21	Manuel d'Almeida Mesquita	Brasil			
Nº 22	Fernando Trigueiros de Castro	Souto da Casa			
Nº 23	Major Aníbal R. Brito	Abrantes			
Nº 24	Júlio Rodrigues	Entroncamento			
Nº 25	Alexandre Inácio R. Cardoso	Alpedrinha			
Nº 26	José Mendes de Carvalho	Alpedrinha			
Nº 27	Luís dos Santos Fonseca	Alpedrinha			
Nº 28	José de Moura Pinheiro	Alpedrinha			
Nº 29	José Dias Hipólito Parente	Covilhã			
Nº 30	Luís Parente Pinto	Covilhã			
Nº 31	José Ramos Pina	Covilhã			
Nº 32	Ernesto Ferreira Parente	Covilhã			
Nº 33	Júlio Pereira de Jesus	Lisboa			
Nº 34	José Caniça Monteiro	Alpedrinha			
Nº 35					
Nº 36	Carlos Tavares Nabo	Alpedrinha			
Nº 37	Feliciano Matias	Alpedrinha			
Nº 38	Manuel Pais d'Aguiar	Alpedrinha			
Nº 39	António Ribeiro	Alpedrinha			
Nº 40	José Dias Nabais Júnior	Alpedrinha			
Nº 41	Ernesto Augusto	Alpedrinha			
Nº 42	José Carlos Correia de Castro	Alpedrinha			
Nº 43					
Nº 44	Mário de Pina Ferrão	Alpedrinha			
Nº 45	José Lopes Xisto	Alpedrinha			
Nº 46	António Benedito	Alpedrinha			
Nº 47	Padre Manuel Pinto de Carvalho	Alpedrinha			
Nº 48	Luís dos Santos Cruz	Alpedrinha			
Nº 49	António Vaz da Cruz	Lisboa			
Nº 50	Manuel Lopes	Alpedrinha			

De acordo com a D.^a Maria da Graça Cunha Correia de Castro que tem 94 anos de idade:

- Dr. Joaquim Antunes Pereira dos Santos – foi a pessoa que teve a iniciativa de fundar a Liga dos Amigos de Alpedrinha
- Elvino da Cunha Tarouca – era o dono da estalagem S. Jorge em Alpedrinha
- Padre António Parente – pároco que dirigia a banda filarmónica e que compôs muitas peças musicais para a mesma
- José Parente Pinto – doou os móveis de embutido e peças em couro gravado à Santa Casa da Misericórdia de Alpedrinha

Anexo C - Publicação da constituição da LAA

geral será exercida por ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes.

§ 1.º A sociedade obriga-se pela assinatura do sócio António Manuel da Conceição Jacinto Neto.

§ 2.º É proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos ou contratos estranhos ao objecto da sociedade, nomeadamente letras de favor.

§ 3.º Qualquer dos sócios pode fazer-se representar nas suas funções de gerente por procurador à sua escolha.

Está conforme.

Cartório Notarial do Entroncamento, 27 de Março de 1981. — O Ajudante, *Fernando Horácio Henriques Bernardo*.

1-0-4539

AUTO SUECO (COIMBRA), L.^{DA}

Certifico que, por escritura de 12 de Fevereiro de 1981, exarada de fl. 72 a fl. 78 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 142-A do 2.º Cartório da Secretaria Notarial de Coimbra, a cargo do notário licenciado Avelino Augusto da Silva, foi elevado, de 40 000 000\$ para 60 000 000\$, o capital da sociedade comercial por quotas denominada Auto Sueco (Coimbra), L.^{da}, com sede no lugar de Marcos da Pedrulha, freguesia de Eiras, do concelho de Coimbra.

Pela mesma escritura foi alterado o artigo 3.º do pacto social. O artigo alterado passou a ter a seguinte redacção:

Cartório Notarial de Lagoa (Algarve), 23 de Fevereiro de 1981. — A Ajudante, *Maria Cecília G. Pargana*.

1-0-4542

LIGA DOS AMIGOS DE ALPEDRINHA

Certifico, narrativamente, que, por escritura de 25 de Março de 1981, lavrada de fl. 98 v.º a fl. 100 v.º do livro de escrituras diversas n.º 15-D do 2.º Cartório da Secretaria Notarial da Covilhã, a cargo da notária licenciada Maria Salomé Ferro Tavares Alçada Batista, foi constituída uma associação, com a denominação de Liga dos Amigos de Alpedrinha, com sede em edifício próprio na freguesia de Alpedrinha, concelho do Fundão, com duração por tempo indeterminado, sendo os seus fins o reforço dos laços entre os habitantes de Alpedrinha e as comunidades alpetrensienses existentes em Portugal e no estrangeiro, bem como a promoção cultural, recreativa e desportiva, visando a divulgação, progresso e desenvolvimento de Alpedrinha, podendo ser associados quaisquer pessoas singulares ou colectivas, sendo o seu número ilimitado, ficando os associados obrigados ao pagamento de uma quota mensal, a estabelecer pela assembleia geral, alterável por deliberação da mesma assembleia, e a mesma será regida por um regulamento interno, aprovado em assembleia geral.

Está conforme o original.

Secretaria Notarial da Covilhã, 27 de Março de 1981. — O Ajudante, *Júlio Guilherme Frade*.

1-0-4543

Fonte: Diário da República Online, <http://dre.pt/pdfgratis3s/1981/04/1981D091S000.pdf>, acedido em 12 de abril de 2012

Anexo E - Questionário de Satisfação

ROTA DO GRANITO Questionário de Satisfação

Assinale com X a opção correta 1. Está a viajar: Sozinho ___ Em família ___ Com amigos ___ Outro grupo ___		4. Quanto tempo vai permanecer na zona? ___ Horas ___ Dias ___ Semanas		Assinale a opção correta de acordo com a seguinte escala: Muito Insatisfeito 1 2 3 4 5 Muito Satisfeito				
2. Como soube da existência da Rota do Granito? Já conhecia ___ Através de familiares ___ Através de amigos ___ Através de prospectos ___ Pela Internet ___ Outro ___ Qual? ___		5. Local de origem Portugal ___ Concelho ___ Outro? ___		9. Como avalia a sua satisfação em relação a: 1 2 3 4 5				
6. Vai utilizar os alojamentos: Da Vila de Alpedrinha? Sim ___ Não ___ Do Concelho? Sim ___ Não ___		7. Vai utilizar os equipamentos de restauração: Da Vila de Alpedrinha? Sim ___ Não ___ Do Concelho? Sim ___ Não ___		a. Facilidade do percurso <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5 b. Património Natural <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5 c. Património Arquitetónico <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5 d. Conservação dos Monumentos <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5 e. Informação do site <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5 f. Atendimento p/ mail, telefone <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5 g. Cortesia do guia <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5 h. Qualidade da informação <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5 i. Interesse cultural <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5 j. Sinalização do percurso <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5 k. Conservação de Castelo Novo <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5 l. Conservação de Alpedrinha <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5 m. Qualidade do espólio museológico <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5 n. Informação sobre o espólio museológico <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5 o. Acessos ao início da rota <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5 p. Atendimento Turístico <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 <input type="radio"/> 3 <input type="radio"/> 4 <input type="radio"/> 5				
3. Preencha com o número de pessoas correspondente.		8. Sugestões _____ _____ _____ _____ _____		Se deseja receber informação sobre alterações ou atividades complementares na Rota do Granito, anote o seu e-mail: _____				
Idade	Sexo							
	F	M						
<15								
15-25								
25-35								
35-45								
45-55								
>55								

Anexo F - Informação sobre a *Asphodelus bento-rainae*



flora

Ocorre em encostas com exposição norte e noroeste, dos 530 aos 810 m.s.m., em solos profundos derivados de depósitos de vertentes de conchas e xistos moquados derivados de metamorfismo de contacto do xisto-granítico. O solo apresenta em geral uma matriz argilosa com rochas conchas e xistos-moquados muito angulosas, nas zonas de contacto a espécie ocorre também sobre solos derivados de granitos, embora com menor frequência.

O seu habitat é o sub-bosque de carvalhais de *Quercus robur* e/ou *Q. pyrenaica*, ou mesmo de carvalhais bem conservados, mais ou menos abertos, atingindo frequentemente a ota herbácea destes bosques. Por vezes sobrevive em taludes e "córseas" de carejais, onde não sejam aplicados herbicidas, ou a beira dos caminhos. Não tolera matos baixos de antecostas, citaceas ou leguminosas.

Abundância

Muito abundante localmente, mas em regressão. Estrutura populacional fragmentada em núcleos com reduzidos efectivos populacionais.

Ameaças

Redução da área de habitat disponível e do seu estado de conservação, devido ao aumento da área de carejal em detrimento das formações residuais de carvalhais e castinçais, a manutenção das áreas de exploração florestal de resinosas (*Pinus pinaster* e *Pseudotsuga muhlenbergii*) e ao incremento das áreas de matos derivados da destruição pelo fogo de áreas de exploração florestal, intensificação da fruticultura regional (carejeira, passieiro e macieira). Fogos de elevada intensidade ou a aplicação de herbicidas podem também afectar a espécie (Gomes-Campo & Malheiro-Beliz, 1985). Expansão de espécies invasoras, designadamente *Acacia dealbata*. Expansão urbana (abertura de caminhos e edificação).

Objectivos de conservação

Manutenção dos efectivos da espécie e da sua área de ocorrência.

Orientações de gestão

- Interditar a implantação de explorações agrícolas e florestais intensivas na área de ocorrência.
- Interditar a edificação exterior aos perímetros urbanos na área de ocorrência.
- Condicionar a implantação de explorações agrícolas em zonas de habitat potencial.
- Limitar a abertura de caminhos ou o seu alargamento na área de ocorrência.
- Proteger e recuperar a vegetação potencial, nomeadamente carvalhais, na área de ocorrência potencial. Favorecer a transformação de matos e florestas de exóticas acima dos 600m, em parcelas florestais de carvalhos autóctones extremos ou mistos com castinçais.
- Nos castinçais onde a espécie ocorre favorecer o adensamento dos povoamentos de carvalho de talhada e manutenção desta tipologia produtiva. A transformação em alto fuste não beneficia as condições de conservação biológica. Seleção e remoção de lenhas durante os ciclos de desbaste dos carvalhais.
- Limpeza selectiva de mato, no inverno, em zonas de elevado risco de incêndio.
- Potenciar a produtividade dos carejais já instalados.
- Encontrar localizações alternativas para novos carejais, que não colidam com a área de ocupação da espécie.
- Criar incentivos, de âmbito fiscal ou outro, para os proprietários que optem pela conservação da espécie e do habitat na sua propriedade.
- Os taludes de actividade hortofrutícola deverão perpetuar matos e vegetação espontâneas.
- Estabelecer mecanismos de certificação ambiental para a careja.
- Identificar e substituir os fitofármacos utilizados no cultivo da careja com impacto negativo sobre a espécie.

Plano Sectorial da Rede Natura 2000

Flora



flora

Asphodelus bento-rainae P. Silva Abrótea, abrótega, gamão, bengala de S. José

Taxon: *Asphodelus bento-rainae* P. Silva

Família: *Liliaceae*

Nome(s) vulgar(es): Abrótea, abrótega, gamão, bengala de S. José

Protecção legal

Decreto-Lei n.º 140/99 de 24 de Abril - Anexos B-II, b) e B-IV, b) - espécie prioritária.

Decreto-Lei n.º 316/88, de 22 de Setembro - Anexo I.

Directiva 92/43/CEE - Anexos II, b) e IV, b) - espécie prioritária.

Convenção de Berna (Convenção Relativa à Conservação da Vida Selvagem e do Meio Natural da Europa, 1979) - Anexo I.

Estado de conservação

As populações distribuem-se em manchas, mais ou menos contíguas, revestindo encostas de fácil acessibilidade. Reduzida área de ocupação (7 km²), com baixas possibilidades de expansão. Aparentemente as áreas potenciais de expansão encontram-se urbanizadas. Estima-se a redução anual em 5% da área de ocupação e em 7% da extensão de ocorrência. A aplicação dos critérios de ameaça IUCN (versão 3.1, 2000) coloca a espécie na categoria "Em Perigo Crítico de Extinção".

Outras categorias de conservação

Em Perigo de Extinção (Ramón López & Carvalho, 1990).

Em Perigo de Extinção (Diray, 1985).

Estatuto de ameaça global

Em Perigo (Walsh & Gillet 1997).

Distribuição global

Endemismo lusitano.

Distribuição EUR15

Região Biogeográfica Mediterrânica: Portugal.

Distribuição em Portugal Continental

Versante norte da serra da Garduinha.

Biologia e Ecologia

Geófito rizomatoso. Pequenas capulhas miniformes, característica distintiva das outras espécies do género. Floração de Abril a Maio e frutificação de Maio a Junho. A reprodução vegetativa apresenta uma elevada taxa de sucesso na natureza, ao contrário da germinação. Tem uma diversidade genética intra-específica baixa.

Plano Sectorial da Rede Natura 2000

Flora

- Prospeccionar áreas com habitat favorável, potencial ou atual, a ocorrência da espécie, para eventual translocação a longo prazo.
- Estabelecer plano de reforço populacional para os núcleos mais isolados e lente da área de distribuição.
- Estabelecer corredores ecológicos entre os diferentes núcleos da espécie.

Outra informação relevante

Entre 1989 e 2003 decorreu o projecto LIFE "Aspidochelone bento-ranchoa - medida de conservação e desenvolvimento sustentável" dentro da aquisição de áreas destinadas à conservação da espécie e a redefinição do limite do Sudoeste Classificado Serra da Garduña, por forma a inserir efectivos populacionais importantes. Encontra-se genericamente muito afastado de locais recentemente descritos para Espanha como *A. bento-ranchoa* subsp. *salmoninae*. Esta, por exemplo, mais próxima de *A. serotina*, espécie com a qual contacta no limite ocidental.

Bibliografía

ADESGAR, Associação de Defesa e Desenvolvimento da Serra da Garduinha (2004). *Asphodelus bent-ranibae* - Medidas de Conservação e Gestão. Relatório Final. Projeto LIFE n. E4-3200/98/218. Fundo.

MORAIS F., PINTO MJ., MARQUES T. & HENRIQUES H. (2004). *Importância dos Sistemas Agrícolas Extensivos e da Gestão Florestal para Espécies da Flora, Fauna e Habitats da "Diretiva Habitats" e da "Diretiva Aves"*. Relatório não publicado. Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas.

Pinto-Gomes C (1996). *Distribuição Geográfica e Estatuto de Ameaça das Espécies da Flora a*

Anexo G - Simulação de Seguro Acidentes Pessoais

De: NUNO ROSA SEGUROS <nunorosa.seg@gmail.com>

Para: Liga dos Amigos de Alpedrinha <ligamigos.alpedrinha@sapo.pt>

Assunto: Re: Pedido de simulação

Seguro de Acidentes Pessoais Grupo - Ocupação de Tempos Livres

garante o pagamento de indemnizações em caso de morte ou invalidez permanente e despesas de tratamento e repatriamento das Pessoas Seguras, em consequência de acidente ocorrido no decurso de actividades extra-profissionais desportivas, culturais ou recreativas, em representação ou sob patrocínio do Tomador de Seguro (liga dos Amigos de Alpedrinha). Ficarão igualmente seguras as deslocações desde que em grupo, em veículos terrestres do Tomador de Seguro ou a este cedidos ou alugados:

As garantias do Seguro de Acidentes Pessoais Grupo são válidas em todo o Mundo.

Coberturas e capitais garantidos:

Morte ou Invalidez Permanente - €10.000,00

Despesas de Tratamento e Repatriamento: 1.000,00€

O valor do prémio anual por pessoa segura, 1,5€ (este valor compreende o valor dia por pessoa para caminhada ou passeio).

Morte ou Invalidez Permanente por Acidente:

Esta cobertura tem o âmbito de aplicação das coberturas de Morte por Acidente e de Invalidez Permanente por Acidente. As indemnizações relativas a esta cobertura não são cumuláveis, pelo que, se a Pessoa Segura vier falecer em consequência de acidente, à indemnização por Morte será deduzido o valor da indemnização por Invalidez Permanente, que lhe tenha sido paga relativamente ao mesmo acidente.

Despesas de Tratamento e Repatriamento:

O Segurador/Companhia garante, em consequência de acidente, o reembolso das despesas efectuadas e devidamente comprovadas, necessárias para o tratamento das lesões sofridas, bem como das despesas extraordinárias de repatriamento em transporte clinicamente aconselhado em face das lesões, até ao limite do capital seguro.

Melhores cumprimentos

Nuno Rosa | Agente Exclusivo Império Bonança

tel: 275 901 061 | tm: 969 376 452 | e: nunorosa.seg@gmail.com

ru: Rua Deão Boavida 10 | 6230-079 Alpedrinha